



**Universidade do Estado do Rio de Janeiro**  
Centro de Educação e Humanidades  
Instituto de Artes

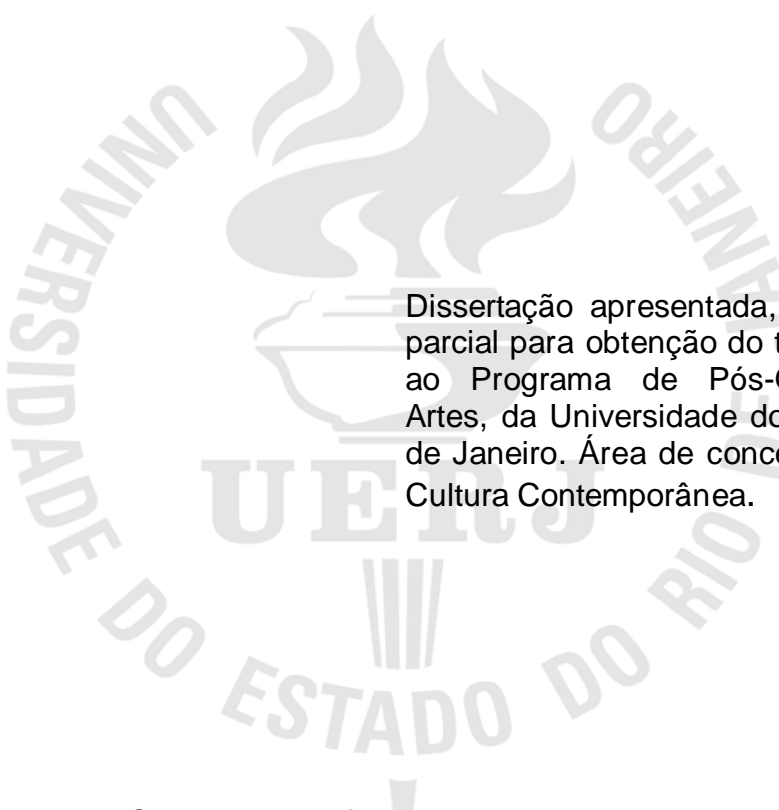
Maria Lia Gauterio Conde Pinto

**Sobre anti-esquecimento:  
a escola narrada através das experiências de amores**

Rio de Janeiro  
2018

Maria Lia Gauterio Conde Pinto

**Sobre anti-esquecimento:  
a escola narrada através das experiências de amores**



Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Artes, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Arte e Cultura Contemporânea.

Orientador: Prof. Dr. Aldo Victorio Filho

Rio de Janeiro

2018

CATALOGAÇÃO NA FONTE  
UERJ/REDE SIRIUS/BIBLIOTECA CEHB

P659 Pinto, Maria Lia Gauterio Conde.  
Sobre anti-esquecimento: a escola narrada através das  
experiências de amores / Maria Lia Gauterio Conde Pinto. –  
2018.  
200 f. : il.

Orientador: Aldo Victorio Filho.  
Dissertação (mestrado) – Universidade do Estado do  
Rio de Janeiro, Instituto de Artes.

1. Arte – Estudo e ensino – Teses. 2. Arte e educação –  
Teses. 3. Justiça social – Teses. I. Victorio Filho, Aldo. II.  
Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de  
Artes. III. Título.

CDU 7:37

Bibliotecária: Eliane de Almeida Prata. CRB7 4578/94

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial  
desta dissertação, desde que citada a fonte.

---

Assinatura

---

Data

Maria Lia Gauterio Conde Pinto

**Sobre anti-esquecimento:  
a escola narrada através das experiências de amores**

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Artes, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Arte e Cultura Contemporânea.

Aprovada em 06 de março de 2018.

Banca Examinadora:

---

Prof. Dr. Aldo Victorio Filho (Orientador)  
Instituto de Artes - UERJ

---

Prof. Dr. Alexandre Sá Barretto da Paixão  
Instituto de Artes - UERJ

---

Prof<sup>a</sup>. Dra. Ana Valéria de Figueiredo da Costa  
Universidade Iguazu

Rio de Janeiro

2018

## DEDICATÓRIA

Às minhas alunas e aos meus alunos de todos os tempos, pelas conversas e discussões, pelos olhares e abraços, pelos ensinamentos generosos – sem os quais a grande jornada desta vida não seria tão encantadora e desafiadora, nem mesmo possível.

## AGRADECIMENTOS

Gostaria que esses agradecimentos voassem como abraços ao encontro destes corpos que inspiraram e melhoraram um mundo em mim. Meu profundo reconhecimento de que a vida seria só abismo sem suas presenças.

À família Gauterio, por ser minha referência, ancoradouro redescoberto e alma. Núcleo da grande célula, Diva Lúcia e Maria Júlia, companheiras de todas as horas, colo, carinho e brigas para crescimentos, raízes e grandes amores: as mulheres que mais admiro.

Ao Chokito (*in memoriam*), filho-cão, que me fez tão feliz e me melhorou como animal.

Ao Diego, amor encarnado no parceiro, que em pouco tempo floriu meus dias e tornou impossível qualquer enlouquecimento neste processo tortuoso. Seus sorrisos e falas suaves acalmaram minhas feras.

À Adriana, amiga-irmã, par, pela força e incentivo incansável através das palavras encorajadoras repetidas sem exaustão, sem as quais meus choros seriam mais sozinhos. E à Arize, terceiro elemento fundamental, por trazer equilíbrio, sensatez e plenitude.

Aos maiores amigos – Luisa, Carolina, Gabriela, Bárbara, Andréia, Arine, Glaucia (*in memoriam*), Matheus e Bruno –, com os quais partilhei os momentos mais mágicos como aluna do Pedro II e que continuam a brindar-me com seus sorrisos e colos: são respostas aos meus caminhos.

Aos amigos da graduação – Raquel, Elaine, Rosângela, Thais, Carolina, Fátima, Magno (grandes professores) e Mônica –, que há mais de uma década, desde que nos esbarramos naqueles corredores e salas da UERJ, têm movido artes e afetos, queridos provocadores e poetas.

Aos meus professores, pelos encontros e desencontros, pela realidade e ficção instauradas pelo convívio: imensas memórias.

Aos meus colegas, professores de Artes Visuais do CPEI, pelo intercâmbio de ideias, pelas negociações intimadoras do coletivo: inventores do cotidiano.

Ao Aldo Victorio Filho, meu professor e orientador, que tem inspirado e colaborado para minha contínua formação, pela confiança e delicadeza. Percebo

que, a cada encontro, as escolas se atualizam em mim. Para além, por manter-se firme e incansável em sua prática docente transformadora.

À professora Ana Valéria de Figueiredo e ao professor Alexandre Sá por aceitarem dialogar com minhas ideias e texto, compor a banca e sustentarem voos e abraços.

Para que a gente escreve, se não é para juntar nossos pedacinhos? Desde que entramos na escola ou na igreja, a educação nos esquarteja: nos ensina a divorciar a alma do corpo e a razão do coração. Sábios doutores de Ética e Moral serão os pescadores das costas colombianas, que inventaram a palavra *sentipensador* para definir a linguagem que diz a verdade.

*Eduardo Galeano*



## RESUMO

PINTO, Maria Lia Gauterio Conde. *Sobre o anti-esquecimento: a escola narrada através das experiências de amores*. 2018. 200 f. Dissertação (Mestrado em Arte e Cultura Contemporânea) – Instituto de Artes, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

A hierarquização de conhecimentos e saberes, o silenciamento dos corpos e a manutenção das desigualdades sociais dentro e fora das instituições básicas de ensino corroboram para que, cada vez mais, o debate e a problematização dessas mesmas instituições se faça de maneira tal que possibilite a construção de respostas para uma educação mais justa e amorosa. Esta pesquisa centra-se no campo de estudos do currículo como criação cotidiana das escolas, apresentando um conjunto de experiências vividas e de experiências pensadas, narradas desde uma prática de docência na disciplina de Artes Visuais no Ensino Médio do Colégio Pedro II. A partir da defesa do processo de ensino/aprendizagem de artes, entendida aqui como comunidade dos sentidos, buscou-se compartilhar relatos de um projeto educacional contemporâneo de formação de jovens, percebidos como inventores de poéticas, autores de seus e de novos tempos, pautado em relações de afeto e igualdade.

Palavras-chave: Ensino de Artes Visuais. Justiça social. Produções de poéticas. Narrativas amorosas. Escolas contemporâneas.

## ABSTRACT

PINTO, Maria Lia Gauterio Conde. *On anti-forgetfulness: school life told through endearment experiences*. 2018. 200 f. Dissertação (Mestrado em Arte e Cultura Contemporânea) – Instituto de Artes, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018

The hierarchy of knowledges and wisdoms, the silencing of the body and the maintenance of social inequalities – both within and outside the lower education institutions's walls – entice, more and more, the debate and the very questioning of these same institutions in such a way that new paths for more loving and caring educational models open up. The present research centers itself around the field of the curriculum studies – here understood as an everyday creation that takes place within the school itself – and presents a set of experiences – both properly lived and imagined – that are told from the teaching experiences withheld amidst Colégio Pedro II's middle school's Visual Arts subject. Having as a starting point the defense of the thesis that the artistic teaching/learning process – here comprehended as a feelings community –, we hope to share the testimony of a contemporary teenage upbringing project where the students are seen as poetic creators, authors of not only their own but also new times, and that is based on equal and affectionate relationships.

Keywords: Visual Arts teaching. Social Justice. Creation of poetics. Loving Narratives. Contemporary Schools.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 -	Colagem em capa de caderno de artista – Marcos, 2016 ...	15
Figura 2-	Releitura das Ninféias. A autora, 1997 .....	19
Figura 3 –	Fotografia das minhas cadernetas escolares. A autora, 2017 .....	21
Figura 4 –	Autorretrato. A autora, 2008 .....	25
Figura 5 –	Fotografia de sala de aula. A autora, 2010 .....	26
Figura 6 –	Desenho em caderno de artista – Wesley, 2017.....	28
Figura 7 –	Página datilografada com parte de poesia do Leminski – Victor, 2016 .....	34
Figura 8 –	Fotografia de brincadeira realizada com aluna (Elisa) na sala de artes. A autora, 2017 .....	36
Figura 9 –	Fotografia do pátio do Colégio Pedro II de São Cristóvão ao amanhecer. A autora, 2018 .....	39
Figura 10 -	Meu retrato feito por aluna – Tainá, 2017.....	42
Figura 11 –	Fotografia do laboratório do Colégio Estadual Antonio Houaiss durante ocupação dos estudantes. A autora, 2016	53
Figura 12 –	Trabalho em caderno de artista – Leonardo, 2016 .....	61
Figura 13 –	Estudo de aquarela abandonado na sala de artes – Maria Eduarda, 2017 .....	63
Figuras 14 a 18 –	Trabalho em caderno de artista – Isabel, Yasmin, Matheus, Tainá, Rodrigo .....	64
Figuras 19 a 40–	Trabalhos em cadernos de artista, temas escolhidos pelos alunos – Bianca, Isabel, Beatriz, Ana Clara, Gabrieli, Eloá, Gustavo, Beatriz M., Maria, Pedro, Lucas, Rogério, Luis, Yasmin, Tainá, Silvia, Giovanna, Ana, Eloá, Leonardo, Lidiane, Aline, 2016-17.....	79
Figuras 41 e 42 –	Exercícios em caderno de artista – Elisa e Gabrieli, 2017...	95
Figura 43 –	Aquarela em caderno de artista – Victória, 2017 .....	101
Figuras 44 a 46 –	Pintura, foto e desenho de cadernos diferentes – Iris, Rafaela, Gustavo, 2016 .....	115
Figura 47 –	Fotografia de sala de aula. A autora, 2017 .....	117
Figuras 48 a 51–	Trabalhos dos cadernos de artista – Alicia, Giovana, Rodrigo, João, 2017 .....	123
Figura 52 –	Releitura fotográfica – Gabrieli e Thiago, 2017 .....	129
Figura 53 –	Anotações de revisão para prova de Artes Visuais no caderno – Juliana, 2017.....	134
Figura 54 –	Desenho em caderno de artista – Cecília, 2017 .....	136
Figura 55 e 56–	Fotografias dos cadernos de artista e da exposição realizada no hall da sala de artes. A autora, 2016 .....	138

Figura 57–	Fotografia feita em ensaio por aluna – Andressa, 2016 .....	150
Figuras 58 a 62 -	Intervenções realizadas pelos alunos – Gabriel, Larissa, Ana Cristina, Iris e Nicholas, 2016 .....	154
Figura 63 –	Fotografia da exposição dos objetos sensoriais. A autora, 2017.....	158
Figura 64 –	Aquarela em caderno de artista – Gabrieli, 2017.....	164
Figura 65 –	Fotografia da sala de artes (maior). A autora, 2017 .....	165
Figuras 66 a 67 –	Trabalhos em cadernos – Matheus, Gabrieli, 2017.....	170
Figura 68 –	Caderno de artista – Alysse, 2017 .....	175
Figura 69 –	Caderno de artista – Ana Carolina, 2017 .....	177

## SUMÁRIO

	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	25
1	<b>ELOS: PARA UMA ARQUEOLOGIA</b> .....	33
1.1	<b>Todos os caminhos levam a São Cristóvão</b> .....	37
1.2	<b>Mil faces (re)descobertas: tiros ao alvo sem perdições</b> .....	40
1.3	<b>2016, o ano do avesso</b> .....	43
1.4	<b>Historietas ou cacos de um mesmo porto, chamado Colégio Pedro II</b> .....	45
2	<b>PENSANDO ESCOLAS: RETALHOS COTIDIANOS</b> .....	51
2.1	<b>Preparos, alimentos e direções</b> .....	54
2.2	<b>1, 2, 3, câmbio? Aqui quem fala é da Terra!</b> .....	62
2.3	<b>É preciso amar!</b> .....	69
2.4	<b>Escolas vivas: as graças do cotidiano</b> .....	72
2.5	<b>Cotidianos petrosecundenses</b> .....	90
2.6	<b>Meu São Cristóvão querido</b> .....	97
3	<b>ESCOLA CONTEMPORÂNEA E ARTES VISUAIS</b> .....	99
3.1	<b>Diálogo: o que é Arte?</b> .....	102
3.2	<b>Passeios – arte que te quero vida (arte?)</b> .....	103
3.3	<b>Recortando para costurar</b> .....	104
3.4	<b>Diz que fui por aí... Reino das imagens e Cultura Visual</b> .....	111
3.5	<b>Ensino de Artes Visuais: inspirações contemporâneas</b> .....	117
4	<b>ARTES VISUAIS NO COLÉGIO PEDRO II</b> .....	127
4.1	<b>Breves recuperação do Ensino de Artes no Colégio Pedro II e panorama atual</b> .....	130
4.2	<b>Cadernos de artista: uma aposta</b> .....	137
4.2.1	<b><u>Tesouros e teorias</u></b> .....	139
4.2.2	<b><u>As questões e a prática</u></b> .....	142

4.2.3	<u>Experiências criadoras</u> .....	145
4.3	<b>Expansões – do caderno para o espaço –: navegar é preciso!</b> .....	148
4.3.1	<u>Ensaio fotográfico</u> .....	148
4.3.2	<u>Intervenções na escola – ocupando os espaços coletivos</u> .....	151
4.3.3	<u>Objetos interativos</u> .....	156
4.4	<b>Historietas ou cacos de um mesmo porto, chamado Sala de Artes</b>	159
4.5	<b>Meu arrebatamento por trás das dúvidas de Pedro</b> .....	166
4.6	<b>Conversas sobre o vazio</b> .....	168
4.7	<b>Despedida</b> .....	172
	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	176
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	180
	<b>ANEXO A</b> - Relatos sobre os cadernos de artista .....	182
	<b>ANEXO B</b> - Textos sobre escola produzidos por estudantes .....	184
	<b>ANEXO C</b> - A importância do ensino de Artes na escola, por alunos ...	188
	<b>ANEXO D</b> - Conteúdo Programático de Artes Visuais do 1º ano do Ensino Médio do Colégio Pedro II (ano 2017) .....	191
	<b>ANEXO E</b> - Texto lido na Defesa (6 de março de 2018) .....	193

## Nota ao leitor

Esta pesquisa é afetuosamente direcionada a professoras e professores da educação básica, que diariamente ajudam a construir as instituições brasileiras de ensino formal e que por elas são igualmente transformados. Compactuamos em coragem e sorte! Não sei de tarefa mais difícil, tampouco mais linda. Pretendi lançar aqui uma arquitetura textual, na qual escritos e imagens estivessem em diálogo constante, ajudando a enfrentar as interrogações do meu trabalho e a convivência com o que ele traz – desconexões, sensações de caos, errâncias e derivas, tropeços organizacionais, falhas ou sucessos –: desejo de mosaico contemporâneo com narrativas de experiências vividas e de experiências pensadas em e sobre escolas.

Figura 1 - Colagem em capa de caderno de artista.



Fonte: Marcos, 2016.



Toda estória se quer fingir verdade. [...] Toda verdade aspira ser estória.

*Mia Couto*

Há histórias tão verdadeiras que às vezes parece que são inventadas.

*Manoel de Barros*

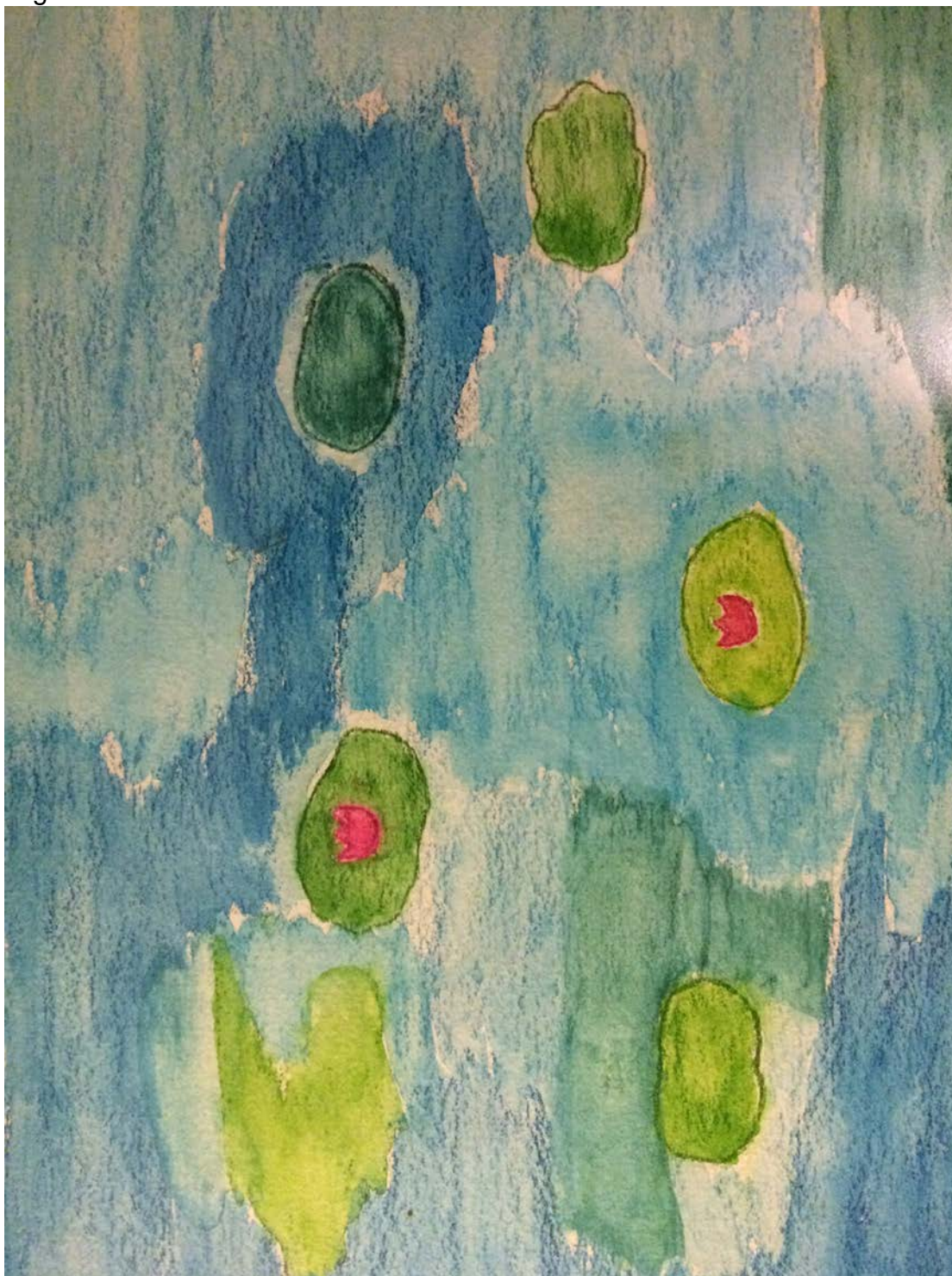
**APRESENTAÇÃO**

Vida,

Escrevo-lhe para falar sobre os acontecimentos que ocorreram aqui na ilha nos últimos anos. Peço que não se atente em entediar-se. Foram longos tempos de um trajeto cujas rotas se emaranharam de forma tal, que apenas asseguro-lhe meu desejo em dissecar estas histórias – talvez consiga narrá-las com detalhes, demorando-me minuciosamente em perseguir as não mentiras (tentativa primeira); mas é também possível que me perca aqui e ali, que me deixe levar aos ventos das memórias imaginadas (tentação número um). Rogo-lhe que me empreste carinhosamente seus ouvidos e olhos e, por acordo, prometo evitar mais desvios do que os necessários para abrigar desmandos dos caminhos nem sempre orquestrados. Entreguemo-nos a essa viagem, com a única esperança de partilhar, uma vez mais, alguns relatos do lado de cá. Penso que ainda seja preciso celebrar os encontros – então, brindo à chama que nos desertos se faz respiro, convidando-lhe a segurar minha mão e permitir que eu lhe conte sobre uma grande história de amor.

Preciso remontar algumas peças deste labiríntico tabuleiro, que ajudarão a iluminar o percurso: faz tempo, quando, ainda menina, deparei-me pela primeira vez com a pintura, que julgo ter grande papel em trazer-me até aqui. Era um Monet, algum quadro das *Ninféias*, exibido no Museu Nacional de Belas Artes, no Rio de Janeiro, durante a mais visitada exposição do ano de 1997. Aquelas pinceladas e cores me atravessaram: foi a primeira vez que me lembro de ter ficado extasiada diante da arte. Já tivera a sorte de conhecer algumas outras obras incríveis, mas o arrebatamento nascido nesta troca me transformou profundamente. Devo explicar que, aos onze anos, visitei essa mostra a pedido da Gessy, minha professora de Artes Visuais da 5ª série do Colégio Pedro II: uma figura baixinha, séria, ríspida, um pouco turrona, que portava um coque impecável, a pele sardenta e trazia uns olhos claros aguados e semi-turvos. Não partiram dela os ensinamentos mais encantadores; contudo, algumas noções de organização, concentração e respeito aos materiais foram então estabelecidas. Ela ofereceu certas bases. Mais: a ponte. Ao instigar um exercício de experimentar ingenuamente a brincadeira de reler Monet, ajudou a conduzir-me (ainda que eu não tivesse qualquer possibilidade de me dar conta do que isto significaria, tampouco nos anos que imediatamente se seguiram) até este agora.

Figura 2 - Releitura das *Ninféias*.



Fonte: A autora, 1997.

Até hoje, Monet tem se mantido forte em mim. Porém, esse é apenas o mote pra começar a descrever um pouco de certa parte dessa história: a minha relação com o Colégio Pedro II. Confesso que irei considerar primordialmente aquilo que poderá nos colocar em comunicação, que travarei alguma batalha para que esta aventura nos importe e nos conduza a certos lugares de reflexão e apaixonamentos. Mas devo também deixar claro que se trata de acenar à ideia de uma autobiografia um pouco ficcional ou uma ficção biográfica e peço a licença daqueles, que sem medo de errar, permitem-se esgarçar as fronteiras previstas e flertar com as liberdades que alimentam as construções humanas. Não quero com isso que se afaste – esse trânsito se dá bem mais por responsabilidade com aquilo que existe do que por displicência ou desordem. É um caos-origem. Entremeio. Com assobios para fins sentidos. Lanço essa tentativa pulando a receita e acreditando que aprender é libertador e aceita florescimentos. Insisto que nos arrisquemos nisso juntas.

Este é o início do décimo quarto ano de quase meia vida: sete como aluna, dois como professora contratada e quatro como professora efetiva de Artes Visuais do Colégio Pedro II. Uma longa ligação, permeada com muitos aspectos característicos de formatos como este, aliás contemplando mudanças de posições: senão imutável, é mesmo magia que se refaz em ciclos. Falo de um amor romântico (e por que não?), mas também de uma invenção cotidiana de afetos, de uma tentativa de construção amadurecida e fortalecida nos fios de uma rede de formação cidadã, germinada em relações de reciprocidade e equidade: logo, um amor político. Tomarei por vezes o uso da palavra escola para agrupar todas as suas partes, entendendo que se trata de um organismo vivo, uma engrenagem, um coletivo; em outros momentos, buscarei os pedaços para desenredar certos mecanismos e narrar alguns casos. Por ora, devo perguntar-lhe: qual foi a sua escola? Lembra-se do cheiro do almoço perto do horário do intervalo? Ou das texturas que vibravam nas folhagens dos jardins do pátio na primavera? Experimentou bagunçar uma aula apenas para ter o prazer de ser retirada de sala e achar que tinha cometido grande transgressão? Alguns pequenos ou grandes flertes pelos corredores? Ou algum debate enérgico em certa aula, acreditando poder mudar o mundo? Risos e lágrimas entre abraços apertados e saberes partilhados?



Figura 3 - Fotografia das minhas cadernetas escolares.



Fonte: A autora, 2017.

Às vezes parece difícil dar conta de dizer tudo isso... que está no fundo da cabeça e também na ponta da língua: somente lhe crio com olhos generosos. Os monstros do canto de cá andam cansados, já não espalham medo, trocam caretas pela honestidade de boas risadas. Preferem dançar na chuva às gargalhadas, implodiram o assombro e, por escolha, distribuem doces. Não ouse pensar que são loucos. Há algo de heroico em cada gesto livre. Sim, porque dos deuses, nem sombras. Faz tempo, ouvi de alguém que queriam fugir. Por certo, acharam algum lugar melhor ou pior – para que servem mesmo os deuses? Faz-me feliz contar-lhe sobre os mágicos. Estes mantêm-se firmes, pedalam pelas ruas, esquinas e becos a achar motivos para insistir. Muito engomados, vestes alinhadas e sorrisos enigmáticos parecem fazer das grandes transformações simples brincadeiras. Invertem certas ordens, agrupam desabrigados, restauram desalinhos e aparafusam interruptores. Aplausos encantados! Os poetas andam disfarçados de vaga-lumes. Asas e luz. Espirros de luzes incandescentes. Voos secretos pelos escuros. Em alguns momentos, é possível ouvir o balbucio distante ao pé do ouvido. A sensação é que estão a nos gozar, pois nada vemos além de brilhos feito purpurina no ar. Em outros, fazem-se verbo, corpo no corpo dos outros. Brotam como nascente poesia: e inundam. Jorro de palavras capazes de instaurar verdadeiras preces através de corajosos dedilhares de sonhos e lutas. Movo-me incerta nesse espaço.

Aqui cheguei sem saber ao certo por que vim. Já lhe aconteceu isto? Como uma sensação de ter sido levada a algum lugar, sem que tenha calculado cada passo até a chegada. Em 2004, comecei a cursar a faculdade de Artes, ainda bastante indecisa sobre minha escolha: por um lado, animada com todas as novidades e desafios; por outro, certa desconfiança desconfortável sobre o futuro e as chances de trabalho. Durante um tempo sobrevivi alicerçada na possibilidade de ser artista, mas, com o passar dos períodos, fui me despindo da idealização a que me permiti. Era estranho imaginar outro roteiro. A licenciatura acenava espalhafatosamente e eu a fingir-me de cega – nunca quis ser professora (era o que pensava...). Não fui do tipo de criança que brincava de escolinha (preferia ser caixa de supermercado e cabeleireira); não me saía bem estudando com um grupo de amigos; por fim, achava-me extremamente impaciente, tímida demais: nenhuma característica que me fizesse pensar no magistério como profissão. Então, sem nenhum floreio, creio que fique claro o motivo de ter optado por cursar também a licenciatura: a possibilidade real de emprego logo que saísse da faculdade. E devo

confessar que fiz a licenciatura achando-a sem graça, quase sem emoção – talvez os pontos de virada tenham sido as disciplinas de Prática de Ensino. Voltar a entrar em uma escola respondeu uma série de questões sufocadoras que insistiam em abrigar-se em mim. Antes, a todo momento era como se não pudesse aguentar lidar com tudo o que circundava a ideia de ser professora: pairava um ar pesado, uma tensão-abismo. Era um ardor de não poder. De desalcance. Mas estava uma intimidade esquecida: as escolas sempre foram lares para mim. Rememoração de familiaridade. Aconchego.

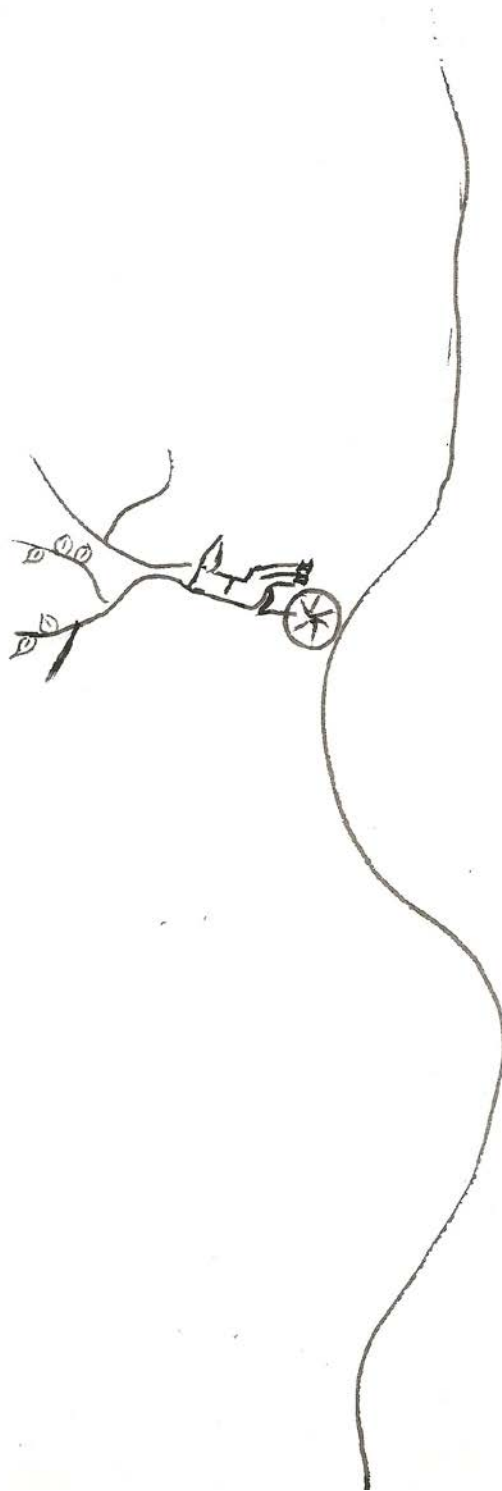
Entrar como professora pela primeira vez em uma escola me deu a impressão de pertencimento. Entrar como professora pela primeira vez no Colégio Pedro II foi como mergulhar numa imensidão azul profundo. Conseguir imaginar o que foi dar aula na mesma sala em que, dezoito anos antes, eu havia redesenhado as *Ninféias*? Pensava em cada rosto dos meus alunos se misturando aos dos meus colegas da antiga 5ª série, desejando que, passados muitos anos nas vidas daquelas crianças, algo das aulas de Artes ou dos nossos papos ainda pudesse permanecer guardado em suas memórias. Não por vaidade boba, mas por saudade boa. Transcorrido um breve tempo, ainda procuro, entre a minha desorientação frente ao mundo e um forte senso de comprometimento, construir continuamente a professora que desejo ser. Também entre quedas e acenos entusiasmados aos estudos e pesquisas sobre escola. É apenas o início de uma travessia desafiadora, que tenta se equilibrar sobre um fio assertivo da educação em meio a um panorama contemporâneo que impele a intensas discussões. Caminho que começa a ser esboçado e que pretendo compartilhar: sinais de fumaça da ilha urgindo por contato. E tudo que virá a seguir é sobre encantamento. Sobre amor. E sobre escolas!

Desejo que esta pequena jornada acene para divertimentos e que, a cada etapa, façamo-nos parceiras generosas através da entrega. Recorde-se bem de que viver é inventar e criações são resistências. Ademais, peça-lhe apenas que retire os sapatos para entrar e pise com carinho, pois afagos são intensamente bem-vindos.

Até breve!  
Verão, em pleno nascer de 2018



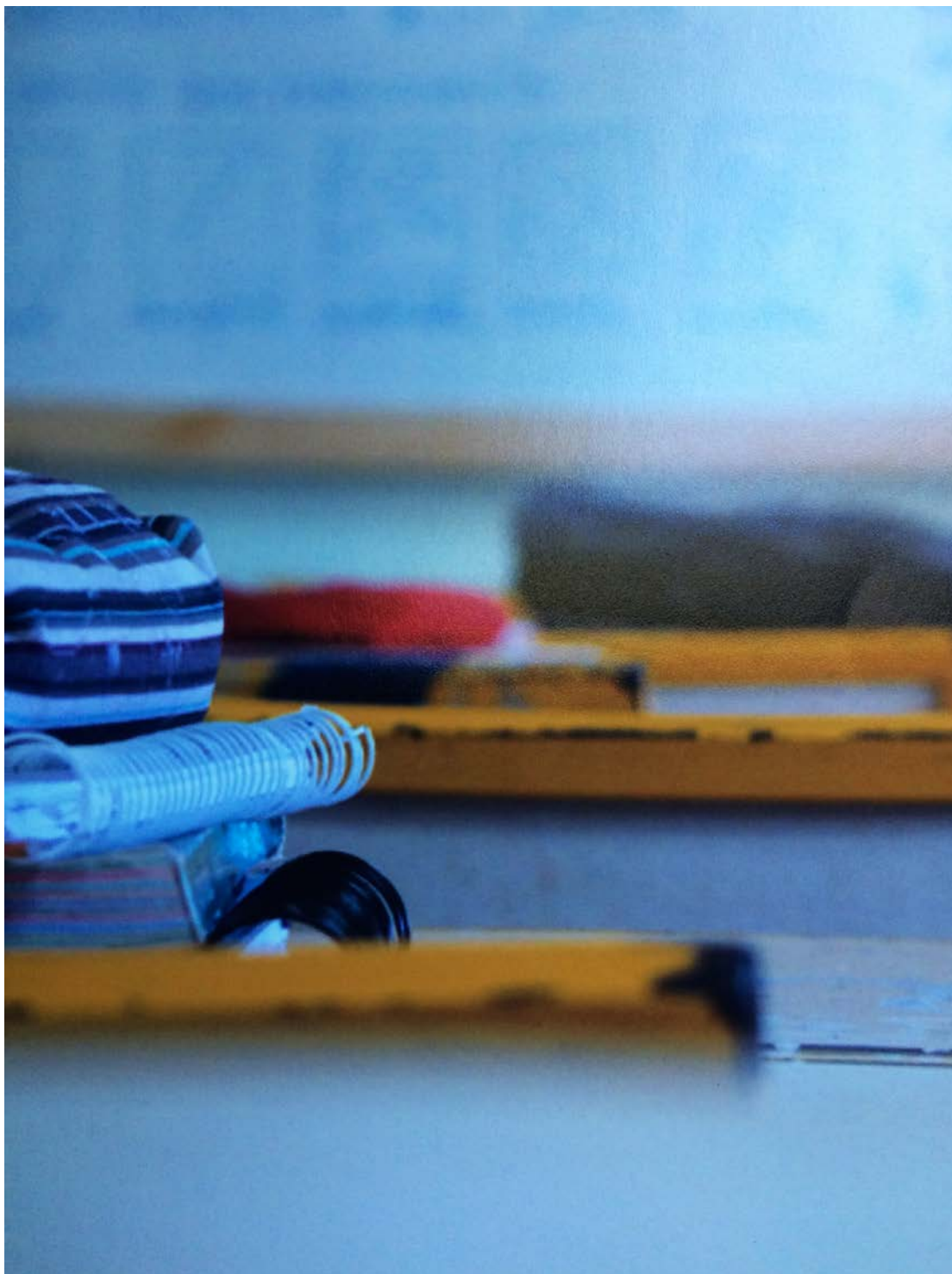
Figura 4 - Autorretrato.



Fonte: A autora, 2008.

## **INTRODUÇÃO**

Figura 5 - Fotografia de sala de aula.

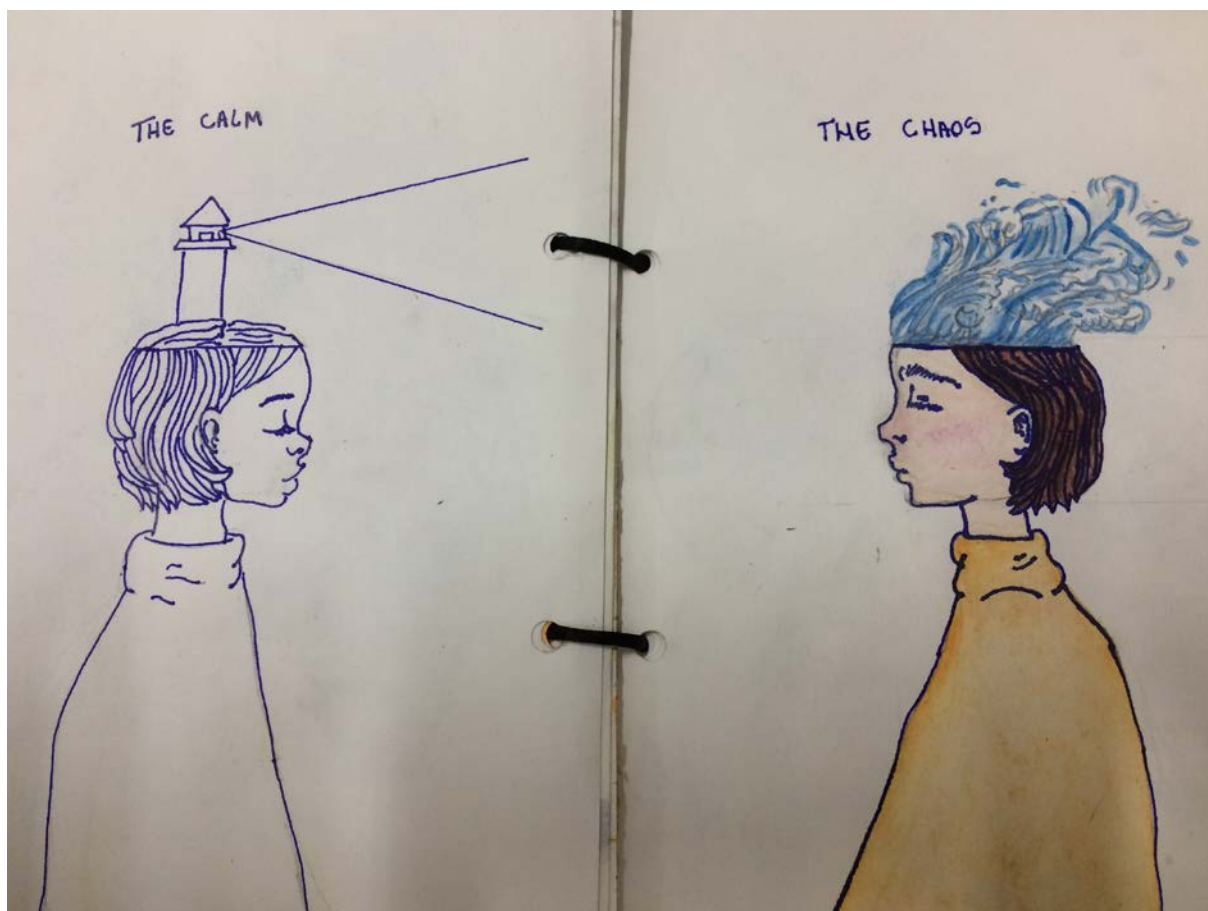


Fonte: A autora, 2010.

É verdade que a estrada do magistério é cheia de espinhos, mas, como sabe, os frutos são doces.

*Nicolai V. Uspensqui*

Figura 6 - Desenho em caderno de artista.



Fonte: Wesley, 2017.

## Bem-me-quer, mal-me-quer: fragmentos para um mosaico

a) Escola para quem? Se, por um lado, o sistema de ensino afeta toda a população, por outro, serão seus agentes diários, professores e alunos, os atores das possíveis respostas a um reclame exaustivo e incansável. Se a escola é imposta por lei, talvez seja preciso provar sua necessidade. De que forma a escola pode, ainda que invadindo a vida dos alunos, significar-lhes algo que não seja tempo perdido? Por que o ensino das Artes Visuais poderia se configurar como alternativa a essa babel de desencontros? Como desengessar currículos e investigar cotidianos escolares a fim de práticas libertadoras? Como pensar a autonomia do aluno a partir da aula de Artes? O aluno como criador e crítico reforça sua participação consciente no âmbito escolar, reivindicando para si e para o mundo processos simbólicos de construção do real. É possível que uma outra concepção do ensino de Artes Visuais se insira no interesse do grupo, apresente e articule propostas para encorajar o desenvolvimento de cada aluno – pensando o indivíduo e as diferenças, através da produção estética.

Agosto, 2015

b) Para pensar a escola como invenção, devemos lançar nossos olhares e esforços em busca de um organismo vivo, no qual haja o fortalecimento de práticas para a liberdade. Por que se mostra tão difícil a construção de uma escola para os estudantes de hoje? O que as escolas têm a oferecer aos jovens e o que eles têm para ensinar às escolas? Podem ser as escolas as vias catalisadoras de atos criadores e experiências estéticas vividas no coletivo? Arranjos para um mundo mais justo? Espaços de compromisso com a articulação de saberes a refletir projetos educativos emancipatórios, que pretendam não apenas efetivar relações, mas igualmente possibilitem a superação da separação entre os que esperam e os que agem? Como estabelecer no campo das Artes Visuais uma formação cidadã a partir da emancipação do indivíduo? Nas escolas, as artes visuais podem emprestar suas propostas e reflexões ao grande tecido a ser cerzido no coletivo, sob as múltiplas experiências juvenis capazes de se apoderar de seus destinos. Abordar a pluralidade cultural nas e das manifestações artísticas, animar maneiras de ver e

pensar o mundo: considerar o estudante coprodutor de sua formação. O ensino da arte centrado na ideia de educação democrática, orientada pela experimentação plástica e reflexão, projetará a possibilidade de descoberta sobre os desejos, vontades e potências, além de propiciar o amadurecimento dos jovens como inventores das condições da própria vida, criadores do agora e do próprio futuro, numa lógica de autonomia e de prazer.

Abril, 2016

c) Como posso existir enquanto professora? Tem sido uma caminhada de auto-negociações e diálogos constantes. Busco, com a observação e a reflexão sobre a minha performance docente, percursos que possibilitem uma amplitude de encontros e de maneiras de fazer e ser no cotidiano escolar. Hoje, entendo que é preciso estar atenta aos ecos do que vivi e vivo como aluna, do que aprendi nos anos de licenciatura, do que li e tenho lido em artigos e livros, nos burburinhos da rádio-corredor. Mas, principalmente, o que me trouxe até aqui foram as preciosas falas dos estudantes. A escuta aos jovens tem me alimentado no sentido de investigar que tipo de escola queremos, direcionando-me a pesquisar formas mediante as quais o ensino de Artes Visuais pode contribuir para a formação cidadã. Compreendo também aqui que essa trajetória não pretende certezas: é antes composta por tentativas, por altos e baixos, por erros e acertos – narrada por várias vozes. Ao longo dela, intento observar, pensar e colocar certas questões, além de fortalecer meu exercício docente. Este estudo, portanto, propõe registrar uma prática de ensino/aprendizagem de Artes Visuais que está sendo realizada com algumas turmas de estudantes do 1º ano do Ensino Médio do Colégio Pedro II, *campus* São Cristóvão III, nas quais sou professora, enquanto um projeto educacional contemporâneo de formação de jovens construtores de poéticas, críticos sociais e autores de seu tempo. Precisamos falar sobre educação. Pesquisar as escolas é necessário, principalmente de dentro delas, munidos de todas as possíveis lentes de aumento para que se possa problematizar a construção de um ambiente para os estudantes atuais.

Novembro, 2016

d) É entre pastas e caixas – reais, imateriais e imaginárias – que desdobra-se essa história, permeada por achados desvelados ou criados. Uma história-projeto, uma história-pesquisa, uma história-vida: surgidas de tentativas de escrever sobre o cotidiano escolar. Sobre o ensino de Artes Visuais. Sobre o Ensino Médio. Sobre minha prática docente. Entre tantas coisas percebidas, é impossível negar que provavelmente existam outros motivos para este estudo: ele é também sobre memória, sobre afeto, sobre autoconhecimento e sobre a construção de uma ideologia para a educação. Essas escavações não muito simples, tampouco demasiadamente claras, acontecem vez por outra, debruçadas sobre todas as fases e tempos. E, embora essa pesquisa parta de um campo específico, a partir do qual tento investigar minhas aulas, trato de evitar ensimesmar-me. Pretendo com ela dialogar com dezenas de outros professores, com histórias mais ou menos parecidas com as minhas, que vivem relações de afeto, respeito e trabalho árduo com seus corpos-escolas. Longe de ser uma tarefa fácil, este estudo pretende fazer um relato, uma narrativa de uma atividade docente em Artes Visuais no Ensino Médio, sabendo dos perigos de não lidar com a imparcialidade ou a neutralidade. Desejo, assim, propor um curso de certa forma justo em sua observação e escrita. Escrevo aqui para demolir as escolas que ainda existem em mim e que percebo não fazerem mais sentido. Porque toda a minha trajetória um tanto feliz como aluna já foi e não pode ser reproduzida no agora. A escola deve ser outra. Escrevo para tentar entender que escola aspiro e que escola os alunos querem. Ainda acredito no ensino, enquanto vejo ruir a escola. Escrevo para construir a professora em mim. É, portanto, um texto em obras. E com riscos.

Maio, 2017

Janeiro de 2018: última tentativa

Lembro-me de, quando criança, sentar embaixo de uma mangueira e esperar o cair da tarde, hora em que minha avó, ao terminar seus afazeres, punha-se a contar histórias de tempos idos. Falava acerca de sua infância na fazenda no Sul, e daquilo que havia escutado e nem vivido. Detinha-se em explicar as fases de plantio



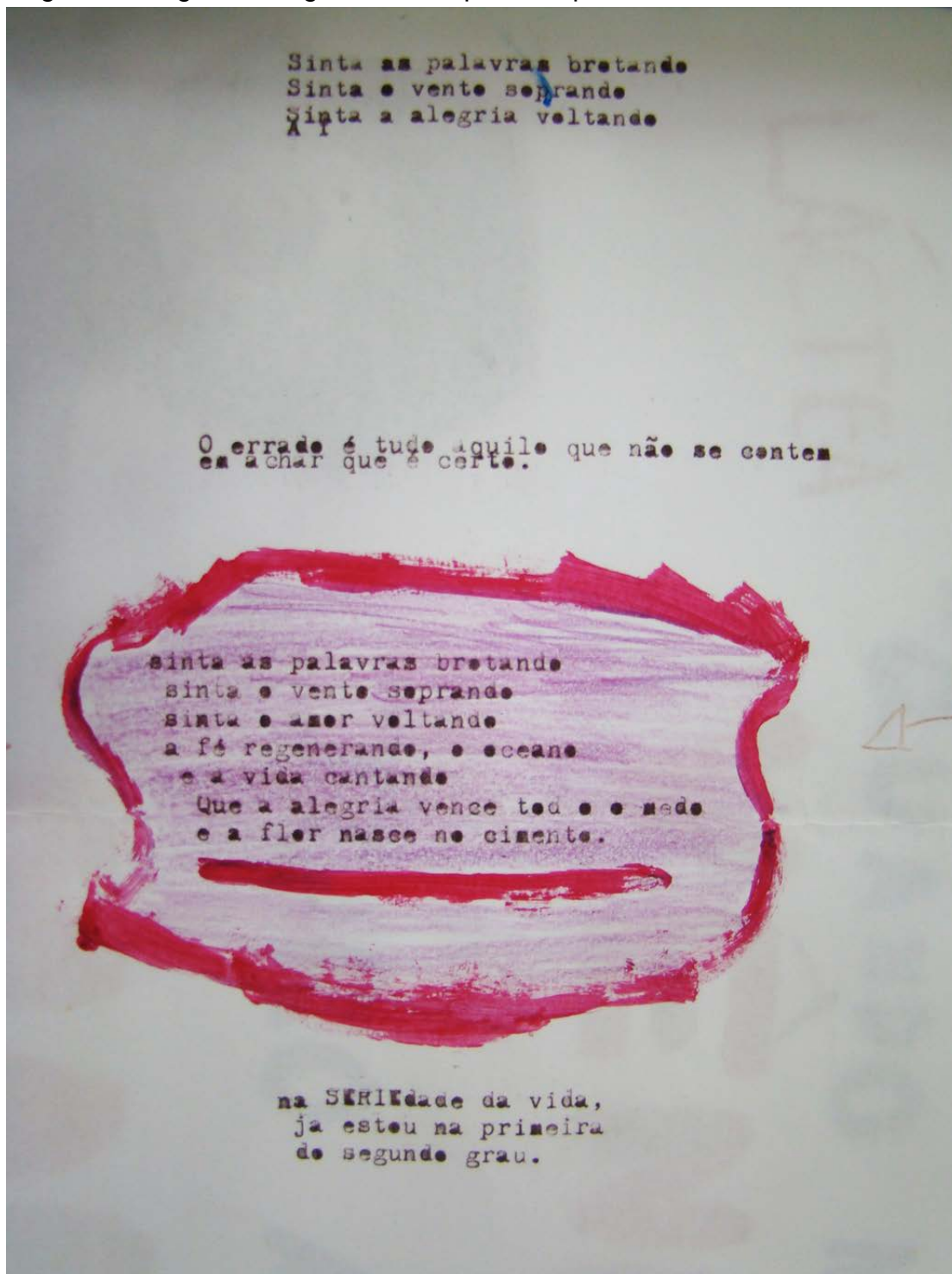
da cebola, a lida com os animais e a descrever os dias de festa. Ainda posso sentir o gosto do pão-de-ló e o cheiro do suspiro no forno. Não fossem essas conversas, eu não saberia das cavalgadas e esporas de ouro do meu bisavô, das paqueras e fofocas que rolavam nas idas à igreja, de como ela aprendeu a costurar, do sonho de alargar os horizontes. Sem esses pedaços sobriariam lacunas em mim, ausências geradas por carências de narrativas compartilhadas. Por isso insisto nas trocas.

Ao traçar os fios que perpassam minha vida de professora, verso com a possibilidade de re-historiar as coisas vividas. Entrelaço relatos de experiências a fim de encontrar e ecoar narrativas fundadas num processo de autoetnografia. Este é estudo de campo qualitativo, um registro sobre as aulas de Artes Visuais e sobre o cotidiano do Colégio. Reafirmo que não haverá neutralidade: não se trata apenas de uma pesquisa sobre algo observado, mas uma investigação vivida de dentro do processo, entre dúvidas, angústias, escolhas, questionamentos, desamparos e afetos. Observo e sou observada, troco conhecimentos, barganho olhares atentos e ofereço sorrisos sinceros. Esse emaranhado de peças faz parte de um imenso esforço de concentração e análise sobre as aulas de Artes Visuais vividas por mim e pelos alunos, e mesmo que desde seu início seja sabido que alguns elementos escaparão, o compromisso com certa sistematização incorre na vontade de fortalecer o exercício contínuo de autocrítica, de formação continuada, de diálogos. A dificuldade, mas também a doçura dessa investigação, é estar apoiada sobre movimentos – entre marés e derivas, sem verdades. Nesse sentido lanço aqui alguns assobios para intercambiar experiências. Que escola e que sala de aula podem ser pensadas, problematizadas e praticadas para uma formação justa, de liberdade, de equidade, de solidariedade e de prazer? Como possibilitar, instigar e garantir a presença e a participação ativa e crítica de todos na invenção poética e cotidiana da escola?

Sigamos tentando escrever sobre a vida, narrando o que por suspensão ou decantação se forja. Sigamos acreditando nas conversas e nos debates. Apostando que da maturação das comungações coletivas a terra seja preparada para vindouras sementes. Pesos que caberão às mãos ágeis capazes de cerzir futuros revoltos, atentas ao carinho que abraça o frio e aos suores que vociferam revoluções.

## 1 ELOS: PARA UMA ARQUEOLOGIA

Figura 7 - Página datilografada com parte de poesia do Leminski.



Fonte: Victor, 2016.

Quem tentará, sequer, lidar com a juventude invocando sua experiência?

*Walter Benjamin*

Figura 8 - Fotografia de brincadeira realizada com aluna (Elisa) na sala de artes.



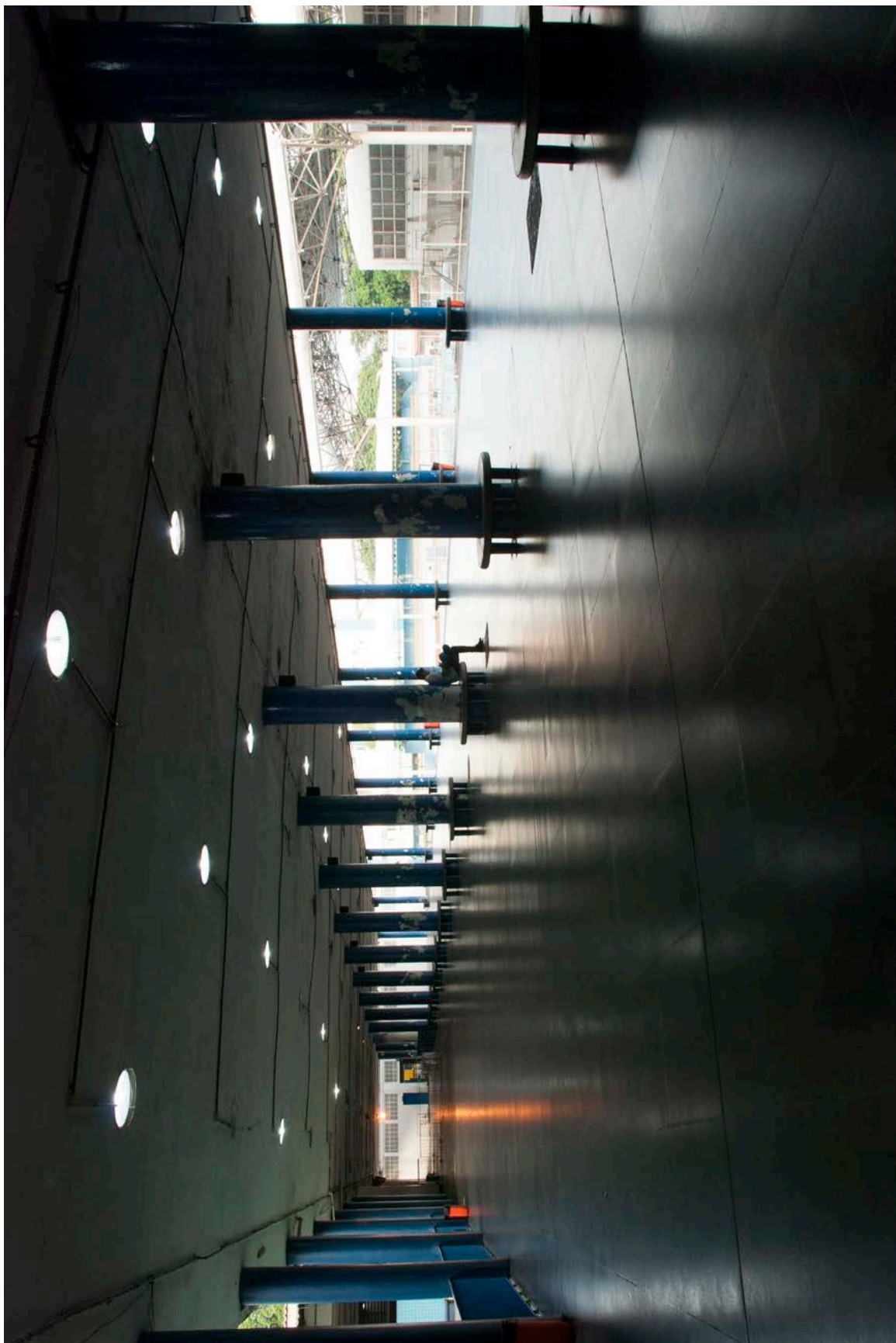
Fonte: A autora, 2017.

## 1.1 Todos os caminhos levam a São Cristóvão

Lembro-me daquele dia como se fosse hoje, estava vestindo um short vinho afofado com elástico grosso e um top de tecido canelado branco – fazia um calor infernal na cidade do Rio de Janeiro. O bairro de São Cristóvão lutava para não entrar em erupção; eu a andar pela rua Pirauba procurando descansos para os ombros nas raras sombras verdes infinitos. Talvez fosse só mais um novembro abafado, daqueles que timidamente quase esquecem de anunciar o motivo de ali estar. Era um domingo de 1996 e eu aos onze vivia um ano de estudos intensos divididos entre a escola e o cursinho preparatório – chegara o dia da prova do concurso de admissão para o Colégio Pedro II. [Não morava em mim qualquer desejo real de ser aprovada, adorava minha escola, a única até então, entrei no Santa Úrsula com três anos – tudo naquele lugar me extasiava, da arquitetura às aulas, minhas grandes e queridas professoras, meus amigos preciosos – primeiros vários passos e aprendizados se deram ali; era improvável pensar com alegria em seu abandono.] Eram algumas centenas de crianças esperando no pátio para subirem até as salas, não sem antes terem passado pelos afagos das mães e pais que se empoleiravam no portão a fim dos últimos gritos de *Boa prova!* O colégio era imenso! Me sentia uma formiga encharcada a espera de uma sinalização e um gole de água. O pátio parecia gigante; certa sensação de desolação, de querer ser pega por uma das mãos e conduzida - apenas a piscina soava como verdadeiro oásis, bem sabe que por tudo: simbolicamente. Aquela impressão de pequena diante da vida se repetiria, no primeiro dia de aula, já março de 1997. Mas aí, com tom de parte, ainda que assombrada. Havia até um certo medo de me perder (em tanto eco, e corredores, e salas, e turmas – doze só de quinta série). Tolice! Demorei a me acostumar com os intervalos: centenas de alunos indo e vindo, gritando seus idioletos capazes de reverberar ondas gigantes, e eu procurando espaços para mover-me e entender-me vez por outra: afinal como eu podia nascer dali? Gosto de pensar que foram momentos de recriação, chances reais de ressignificar minha história, e mesmo de uma nova interpretação do mundo. Não era só o tamanho que sobrava, me escapava toda aquela existência da qual tinha sido poupada sem pedir. Eu nem imaginava que era possível tanto tudo misturado: aquela ignorância me remontava. Soaria cafona mencionar expansão de horizontes e ainda seria pouco, aquilo era transfiguração pura. Transbordava enquanto tentava colecionar um

vocabulário novo. Palavras que pela primeira vez viravam imagens. Como se entrasse numa enciclopédia ilustrada real ou um álbum de figurinhas ganhando corpo. Pessoas-trajetos: peles mil, bairros nunca antes navegados, famílias em todas as suas versões, histórias de verdade – *então, é assim aqui fora!* Por sorte, nunca mais foi possível volver à bolha. A primeira vez que recorro de me sentir salva do tédio de ser apenas. Recorria a um processo de andar pelas beiradas tateando as grades, pensando em esgarçar miudezas. No que não mais me recompus, sigo desde aí em contínua desobstrução e plantio. Provável que deste choque eu tenha conceituado a palavra gente. Parte da forja começara: novo ciclo como aluna. Jamais poderia prever que a minha trajetória estaria tão costurada ao Colégio: um bordado fino, de delicadeza multicolor – muitos engasgos e soluços experimentados através de cada poro hipersensível – uma orbita descrita em versos modernos. Mal sabia que a despedida por conta da formatura, seria temporária. Voltei como quem retorna à casa, de novo miúda: a rampa de acesso parecia ainda maior do que guardara na memória. E a familiaridade só servia para anunciar a grande responsabilidade que viria. Quem poderia imaginar: dormir ex-aluna e acordar professora do Pedro II! Uma combinação nauseante de felicidade e terror – como brotar professora aos 24 anos da escola que me apresentou os olhares e as formas de pensar e me ajudou a ser no mundo? Que delírio delicioso! O grande reencontro porém, só viria no primeiro dia letivo de 2014, o velho pátio com colunas descascadas continuava imenso enquanto eu formiga, às 6:15 da manhã. Um silêncio azul desbotado estampando a bola de fogo que acordara apressada. Sorri até doer as bochechas - *quicá soasse: até que a morte os separe!* Mais risos! Fiquei ali parada por alguns minutos digerindo o acontecimento da nossa comunhão. Houve fôlego e tempo para acreditar no futuro. E uma desconfiança de se tratar de uma relação de revoluções e amores. É curioso como atravessar o pátio de São Cristóvão todos os dias leva a contrações e acelerações; minha máquina do tempo. Atualizo aquela menina que não cansa de se maravilhar com o que vê e presenteio a professora que mais do que nunca evoca o hino cantado em tantos momentos, pois “*sem temer*” permanece lema e fortalece a luta de quem acredita e se compromete com a educação pública no Brasil. Risco um pertencimento à uma ideia: a formação mútua que acentua a liberdade, o prazer e a justiça. Viva o Pedro II! E se for possível pedir só mais uma coisa: vivamos juntos, por favor?! Porque também sou onde estou.

Figura 9 - Fotografia do pátio do Colégio Pedro II de São Cristóvão ao amanhecer.



Fonte: A autora, 2018.



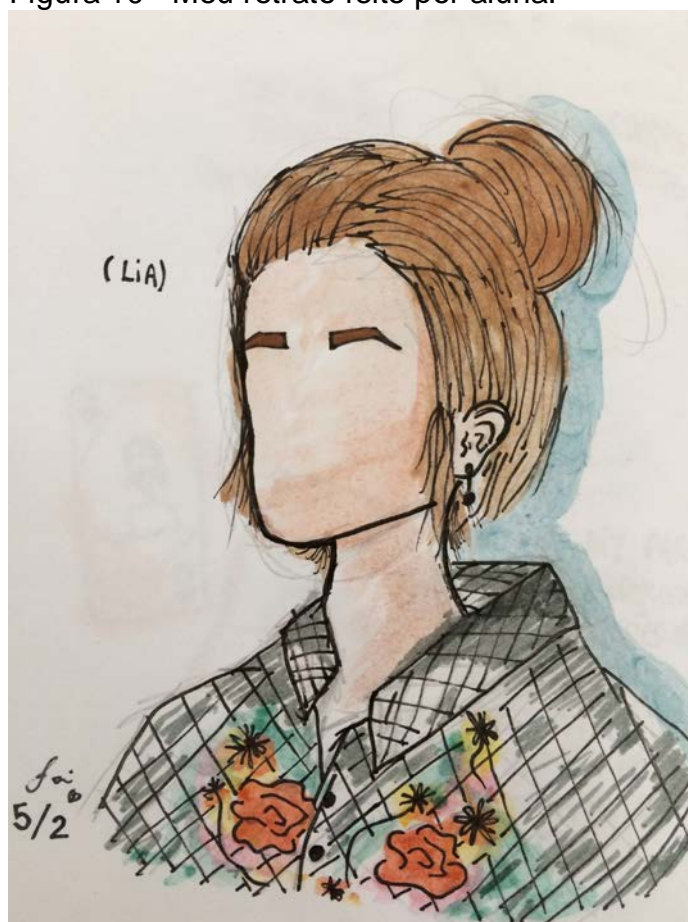
## 1.2 Mil faces (re)descobertas: tiros ao alvo sem perdições

Começo pensando em cada canto revirado. Cada esquina interna que ousou se aceitar quando não mais parecia fazer sentido cadeados. Houve um tempo em que algumas fantasias cobriam o corpo para disfarçar os medos. Receios do estrondo do estouro do casulo. Precauções fundadas em silêncios num certo habitar em escolhas exílios. Era mudez em direção à neutralidade, máscara aderida de pseudo-preservação. Cara pálida de quem não se coloca na fogueira, menos por receio de se queimar, do que, por sem saber como, se desgovernar e machucar alguém. Verdade que soltar as feras nunca foi muito o meu forte. Abrir as asas só quando o mundo se dava vazio, sem espreitas – solidão em voos longos. Fora isso, por muito vivi timidamente contida no meu próprio contorno sem reclamar grandes rearranjos. Não ousou defender-me totalmente mas a armadura talvez fosse resquício das memórias que carregava, somadas a um senso deturpado de imposição de respeito. Ouvi pelo caminho alguns: *“É tão nova! Cara de criança, os alunos vão te estraçalhar!”*, *“Você acha que vai conseguir dar conta de quarenta adolescentes?”*. Estranhas violências gratuitas e amarguras lançadas. E me endureci. Confundi as estações – posei de inverno tantas vezes. Não bem carranca, mas menos, tão menos margarida. Demorei anos para me reencaixar – no que estou em tratamento. Ainda conservo certa tela de proteção mas admito sem dor, o exercício constante de atravessar pelo fio ao vento tentando me equilibrar, conservando atenções mais alegres. Deixar sobrar minhas meninices me desencareteou quinze anos. Procuro por uma troca de olhares mais horizontal. (E é tão raro precisar de pernas de pau que usei aposentá-las!) Provável que não seja qualificada como uma jornada assim longa, mas nem sei mesmo se certas coisas condizem com cronologias e druações. Essas sensações de tempos inventados: viagens inescapáveis ao centro dos fósseis internos – certa paleontologia para recomposição. Grande sorte! Trabalhar no encontro com jovens é como se chocar com um Sherlock Holmes a cada dez passos: procuram pistas, gostam de solucionar mistérios, miram respostas: investigam por curiosidade, porque cresceram numa lógica contemporânea de anulação das distinções entre público e privado; também porque querem se aproximar, porque gostam de estabelecer vínculos. São invasões docemente bárbaras, que permitem territórios compartilhados. O que demorei a enxergar foram as nuances – presenças nos acordos – nem tanto ao céu, nem tão ao mar, que

embalam não necessariamente as posições, mas os comportamentos. Estava tudo a pulsar sempre e por delicadeza começou a irromper a pele. De certo as apreensões foram desmoronando ao passo que surgia a confiança. Parcerias. As preocupações mantiveram-se no campo da razoabilidade, sem ferimentos de ambos os lados, ouvidos atentos e espertos à evitar exclusões – banir não é do esteio da educação. Tentativas com intenções de não desalojar ninguém, rumos para convivências possíveis: considerando apreços, mas nunca sujeições. Vou fazer-me clara mais adiante. Esses redimensionamentos foram provocados pelo complexo estar-junto com os alunos construindo as aulas: a certa altura os escapes já não portavam justificativas e se fizeram desnecessários. Trato: abandono das pretensas capas de invisibilidade impossíveis (mas esmagadoras) em contrapartida a segurança de certas sinceridades amadurecidas. E eu me surpreendi quando perguntada se era feminista diante de uma turma (não era a primeira vez), sem desvio bradei um sim. Como essa revelação me alegrou: não concebia mais esquivar-me. Inquietava-me o fato de certas frases se tornarem motivo de recusa na participação das aulas; não podia aceitar que algum estudante se ofendesse e não se sentisse parte do grupo. Mas já era hora de revelar certos posicionamentos. Sim, sou feminista, vamos lidar com isso no coletivo. Não foi nada simples explicar cada camada desta afirmação. Urros vibrantes X bocas tortas a entoar riquezas em discussões. Debates até nos compreender ou estrategicamente nos aceitar. Saímos fortalecidos, pois soubemos com quem estávamos lidando e elogiamos o respeito. A partir dali, em vários episódios o tema foi evocado e sem jamais regressar ao silêncio, entendi que podia falar de tudo aos jovens, expondo minhas questões ou opiniões, bastava assegurar-lhes a sempre abertura para o diálogo, mantendo condições justas para as diversas convicções. Eu feito pinto no lixo havia enfim nascido feminista para dentro dos muros da escola, isso não era pouca coisa. A minha formalidade que aparentemente se colocava como distanciamento foi se transformando em flexibilidade - qual polvo fêmea pude lançar-me aos abraços, sem dúvidas, também daqueles que não soavam tão familiares assim: e esses me encorajaram mais expressivamente. Outras tantas vezes, temos falado sobre ideologias políticas, discutido as correntes, alargado as considerações sobre isto ou aquilo, pensado interseções, desmembramentos, invenções, nos sabemos mais ou menos próximos na maneira que pensamos o mundo, mas já nos demos conta de que iremos juntos – igualmente nos zoamos, travamos trocadilhos. Rola um: *tchau, querida!*, ao final da aula, ou,

*senta à esquerda, é sempre melhor se colocar deste lado!* É poético perceber que não há constrangimentos nas diferenças esclarecidas. E às claras, o espelho é o outro. A condição da existência se torna o somos. Acho que em nenhuma outra época a escola se fez de cenário para tantos questionamentos, palco para abordagens daquilo que pertence à vida em sociedade, mas que foi retirado das especificidades das disciplinas. Justamente por estarmos passando por isto agora, vamos nos descobrindo em meio a maré que lava certa solidez dos estados. Tento me mover partidária da bancada da pluralidade, penso a comunidade por princípio. Me agride a truculência da competição mesquinha, o ardor das disputas de poder barato, as agressões usadas por pessoas estreitas para amaldiçoar escolas. Porquanto sou propensa a guerrilhas. Entendendo por armas, discursos. Não existem verdades mais belas que as sopradas pelas bocas dos estudantes. Nem lindeza maior que a palavra nós, que ora significa plural de um ser, ora representa laços. Apraz-me refazer-me pelos afetos. Tenho considerado que amanhecer sublinha os verões juvenis que me habitam.

Figura 10 - Meu retrato feito por aluna.



Fonte: Tainá, 2017.

### 1.3 2016, o ano do avesso

É preciso estômago e alguma coragem para retomar 2016: baita ano dos reveses. Saldo: balança quebrada – salvo em alguns instantes, nos quais pairou um lampejo. E assim quando entre tantas ruínas, desenhou-se um rastro. Pavios. Meio preces. Quase chamuscas. Foi possível ouvir a repercussão das explosões ao longe. Grande convulsão político-social se instaurou sombriamente no país: até respingar por toda parte, de modo a contaminar cada canto – um a um cobertos com mantos adoecidos - uma devora deflagrada. Deixando para trás a agitação das painéis furiosas, que ainda demorariam a entender: era uma guerra sem vencedores. A trama que previa um duelo, encobria a armação de um golpe. A revolta do zangão castrado contra a abelha-rainha, sem que suas operárias conseguissem proteger a colônia. Rifadas as vergonhas, padeceriam todos no caos criado, largados aos desígnios das próprias sortes. A despeito do incêndio que apenas começava a se alastrar, pessoas e mais pessoas entoaram respostas de resistência. Candeeiros ou simples velas nas mãos. Em espécie de reza que exigia atuação, e então era luta. Despertadas certas tentativas de acenar para outros mundos, quando na impossibilidade de zerar, ousaram observar pelas frestas de minúsculos escudos e travar planos a restaurar migalhas. Alaridos de estalinhos furta-cores em chão quente e seco de cimento rachado. Névoa cheiro de alecrim para a limpeza das auras. Agora, como voltar com as folhas para os galhos das árvores, tendo por motivação mudar o tronco? Por onde reconquistar as cabeças para as mulas vagantes e ainda tão aguerridas? Ceifa rasa a obrigar longo processo – reencontro ou invenção. Quantos desvios. Ao sabor das desventuradas reformas contra gente: certo vir à tona de desumanidade. Foi então que, um estampido de onde menos se esperava se fez sentir - alarme a denunciar certas desilusões: estudantes votaram pela ocupação da escola induzindo os professores à greve. *November rain*. Vermelhos matizes. Não era exatamente descaso que demonstravam servidores e educadores com a demora em acolher a ideia de fazer longa paralisação, menos, sem dúvida, contentamento com aquilo que se colocara como presente. Seria o terceiro ano consecutivo de parada, quase desesperança levada à exaustão – muitas preocupações. Restava uma desconfiança em soluções providas da tomada de tal medida, que foi atropelada pela certeza dos alunos. Havia fôlego fresco. A

juventude juntava-se uma vez mais para ensinar e foi o maior aprendizado do ano: entregar-se à coragem. Voo livre! De certo modo, talvez também à inconsequência que só uma dose de ingenuidade é capaz de alimentar. Esse destemor que é tão típico de quem escolhe se expor ao vento, de quem recebe as cruezas da vida com alguma habilidade para rebatê-las com sorrisos já irônicos ainda cheirando a mel. Dias e dias, meses arrastados de intensa resistência pelas ruas da cidade do Rio de Janeiro a explicar todos os motivos envolvidos na causa. Dias e dias, meses arrastados de intensa resistência pelos corredores dos campus do Colégio Pedro II a explicar todos os motivos envolvidos na causa. Lado a lado, mas nem sempre alinhados, ambos os grupos, docentes e estudantes, das formas que lhes cabiam, brigaram para defender posições contrárias ao que vinha sendo apresentado ou imposto como política do Governo. A reforma do Ensino Médio com pouquíssima discussão popular e especializada, cortes duvidosos nos gastos públicos em relação à educação e achaques oriundos de grupos conservadores (escola sem partido) colocavam-se como medidas que listavam retrocessos graves. Havia um clima úmido instaurado. Tensões entre suores e lágrimas. Adultos acostumados ao lento tempo de resposta dos atos ou aos silêncios. Assembleias, manifestações, cartazes e palavras de ordem, bombas, votações. Desassossegos. Adolescentes inventando formatos de autogestão, morando sozinhos fora de casa, tentando repensar a escola. Fazer a limpeza, aprender a cozinhar, montar calendário de atividades. Descobertas. Em muitos momentos houve intercâmbios, apoios, funções modificadas e misturadas sob nova condição e rascunho – professores e alunos atreveram-se, uma vez mais, ao mútuo conhecimento, reembaralhados pelas próprias sinas. Tomar posse do colégio, exercer controle sobre os espaços e atribuir tarefas brilhavam como uma grande aventura e oportunidade de boas conquistas. Lavar os banheiros, fazer e comer insistentemente o mesmo macarrão, o desconforto dos colchões improvisados, a falta das famílias, a demora em tudo. A empolgação dos muitos abraços foi sendo bombardeada e a excitação trocou-se por desavenças. Acordos quebrados. Eram garotos e garotas sonhando mudanças, esculpindo-se na lógica da autonomia, da liberdade, dos prazeres, dos máximos afetos. Machucando-se pelas imaturidades. Pelas durezas do caminho. Não eram pedras tão pequenas assim. Algo de inamovível pousou. Do ímpeto luminoso, experiências quânticas. As asas foram sendo recolhidas. Caber num ônibus e poder voltar à casa em busca de um colo era, de todo modo, sensação de azulejar a alma.

Deixando para trás a agitação das gritarias melodiosas que ainda demorariam a entender: era uma guerra sem perdedores. Bandeiras fincadas insistindo em demarcar novas ordens: devires-escolas. Chegava a melancolia típica de fim de ano, época das saudades tantas. Ficaria para o novo ciclo acertar as contas com o destino – se entre deuses ou feras. Nada mais seria igual. Apesar de quem supusesse esquecer, portariam as marcas da batalha qual vestimenta. Olhos fartos. Quando os engrandecimentos são aderência.

#### 1.4 Historietas ou cacos de um mesmo porto, chamado Colégio Pedro II

I – “**Te amo!**”. Ano passado, aos trinta e dois anos aprendi a dizer “*eu te amo!*” com todas as letras. Do tipo de *eu te amo* que não se exclama a torto e a direito. Daquele que é presente. Pérola-grão. Pura entrega sem preocupação. Nem considero exatamente que tenha havido uma demora, é dessas coisas que assaltam uma hora. Espirro quente. Mas só num quando. Estado-asas. E até podia ter levado uma vida inteira, se acaso chegasse e pulasse a boca, uma vez sequer. Por pura sorte, me veio antes. Já preparada – dardo encarnado. Detalho para chegar: muitas vezes, os alunos ao se despedirem depois da aula ou de encontros fortuitos pela escola soltavam um “eu te amo!”, eu sorria desajeitada e quando muito dizia “eu também!”. Não tinha certeza se os amava. Amor para mim sempre foi grande, envolvia tanta coisa. E eu para eles não queria mentir. Não rebaixaria nossas relações pensava que não era preciso. Talvez faltasse crescer para algumas compreensões. Eram carinhos-frase feito chuva fresca em tarde de verão, mas eu ainda vestia galochas, sem deixar molhar os pés. Não me lembro como, mas certo dia escapuliu de minha boca um sonoro “eu te amo!” e nem era em resposta. O corpo riu junto, estava curada, pensei. Ainda não totalmente. Proclamei *eu te amos* como nunca antes, todos absolutamente responsáveis, endereçados somente aos bem amados (muito chegados, pelos quais nutro amizade). Então, mais tarde, conversando com um grupo mencionávamos as mudanças das relações entre professores e alunos por efeito das redes sociais, as proximidades e elos facilitados ou estreitados. E eu nada afeita ao uso intenso desses dispositivos, pouco me envolvia através deles com meus alunos, prefiro mesmo o cara a cara. Também porque acho delicado escrever determinadas coisas, abrir para interpretações muitas, causar algum mal entendido;

expliquei isso para eles. Entretanto, participo dos grupos das turmas, da oficina de artes e por isso os números dos telefones rolam para pequenos papos ou dúvidas sobre aulas, materiais, prazos. Quando Giselle provocou-me: “vou enviar *eu te amo* para você todos os dias pelo *Whatsapp!*”. Não levei a sério, achei que esqueceria. Ela me enviou por dias seguidos, eu respondia com *emojis* de coração. Não tinha dúvida de que gostava muito dela, tinha sido minha aluna no 8º e no 1º anos, já era ex-aluna e participava das aulas da oficina, tínhamos assuntos e interesses em comum. Ainda morria de medo daquela frase escrita; até que por repetição (método de aprendizagem bem antigo e às vezes desacreditado) ela me ensinou sobre o amor e já não fazia sentido receios, não cabem certas coisas em amores. Aliás, senão não seriam amores. Devíamos inventar o verbo escolar. Nele, por certo, habitariam pássaros. Passamos a chover juntos, agora nos corações.

**II – Habemus piquenique.** Não creio que Manet<sup>1</sup> teria propriamente inveja de nós, porém se bem pensado, nossos piqueniques no horto pareciam tanto mais divertidos que àquele no bosque. Ocorre que não vestimos trajes tão formais e quentes, tampouco abrimos totalmente mão deles, também não nos dividimos entre eles e elas, sem citar nossas luzes naturais, porque aí perderia de goleada. É certo, em desvantagem contamos com a participação ativíssima de monstros brasileiros contemporâneos assombradores: mosquitos. Mas com boa dose de bom humor, que nos sobra, e um tico de repelente, tiramos de letra. O Pedro II de São Cristóvão tem um horto – lindo projeto de Burlé Marx. Está em um terreno íngreme atrás do campus III e seu acesso é bem ruim, podendo ser realizado pelo estacionamento, relativamente distante das entradas principais (acesso demorado para se fazer durante uma aula curta). O horto se desenha em níveis ligados por uma escadaria extensa, como andares plantados, uma parte com uma espécie de tanque – até já nadaram peixes, passado remoto -, um grande depósito composteira, em outra camada uma casinha que funcionava um ateliê de cerâmica (desativado: brigas territoriais políticas e descaso), seguindo uma reta um viveiro de plantas antes orquidário, para o lado oposto uma tentativa de horta realizada por um grupo de estudantes com engajamento em questões ambientais; mais acima, no topo uma sala de aula em formato semi-arena a céu aberto, com quadro negro e

---

<sup>1</sup> Pintor francês do século XIX. A obra aqui mencionada é intitulada *Déjeuner sur l'herbe*.

arquibancada, planejada de maneira que de seu centro a voz ecoa alto e uniformemente. Encantador! Bem menos cuidado do que deveria já que existe um jogo de empurra, ninguém quer geri-lo porque despenderia parte do orçamento do campus, logo acabou voltando às mãos da Reitoria que não vê grande utilidade. Alguns professores tentam manter o espaço vivo desenvolvendo projetos, mas nada é facilitado. Muitos estudantes ficam anos na escola sem conhecer o horto, do que se ressentem, não podem acessar sozinhos. Em 2016, ao ouvir lastimosos relatos dos alunos resolvi que tentaríamos dar um jeito para desbravar a mini floresta. Ainda havia um atalho, percurso por dentro de uma sala trancada a três chaves – era preciso consegui-las. Descobri que ficavam na Direção e argumentei que daria umas aulas por lá, entregaram-me as chaves. Foi uma semana maravilhosa de aulas-piquenique, celebrações-mato, respirações-livres: combinamos de levar comidas, músicas, jogos – íamos reconhecendo cada canto esbaforidos de tanto subir, descobrindo insetos, colhendo folhas caídas no chão, gritávamos para ouvir nossas vozes ressoarem; depois sentávamos lá encima como jogados em cangas, vivendo felicidades. Trocas de ares. E eu subia e descia correndo a cada mudança de turma, como se fosse sempre a primeira vez, a cada nova chance, outros olhares, outras conversas. E só não emagreci nada, porque aproveitei para comer todos os biscoitos que o meu estômago não via há anos (gosto de adolescência apressada). Voltávamos ao prédio frio percebendo que não precisava ser só aquilo que sempre se apresentava. E por que era? Tempos depois, tentei pegar as chaves do jardim quase secreto de novo, não existiam mais, o punhado havia “desaparecido” e nada indicava que elas seriam “encontradas”. Sempre me impressionam as correntes escolhidas numa escola. Fazem um barulho insone. Contudo, por alguns motivos são difícilísimas de quebrar. Trago memórias não esquecidas das viagens ao horto. Tão perto e tão longe. Precisamos inventar veredas. Inclusive para almas.

**III – Performance gift.** Coincidentemente a última aula do semestre letivo passado caiu no meu agostar, era uma segunda-feira. Os alunos deveriam realizar a vista da prova teórica, pegar de volta seus cadernos e resultados finais – precisava me despedir da primeira metade (que iria começar as aulas de Música) e já iniciar com a segunda metade (vinda para ingressar as aulas de Artes Visuais). Às sete e quinze ninguém ainda tinha aparecido na sala e eu começava a me preocupar. Rogério, que é ex-aluno, postou a cara pela porta trazendo um papel em mãos para me



entregar – era o desenho de um mapa, indicando que eu deveria iniciar um percurso que ligava a sala de artes até a sala da turma para a qual eu deveria dar aula naqueles tempos –, no qual estava escrito “*sala da sua turma favorita*”. As turmas disputam para saber qual é a preferida de cada professor e professora. Achei uma graça. Separei o diário de presença e andei corredor a fora. Havia uma linda festa de aniversário preparada: beijos e abraços, recados, cartas, presentes, bolas e comidas. Quiseram permanecer todos juntos: curioso porque eu só conhecia metade da turma, a outra metade eu não tivera qualquer contato antes daquele momento, mas aproveitamos para festejar juntos. Ficamos conversando, cantamos, e quiseram brincar de um jogo que não sei como é chamado, cola-se um papel com o nome de um personagem ou personalidade famosa na testa de alguém, que tem que adivinhar através de perguntas respondidas com sim ou não. Fui Pablo Vittar, Picasso e uma das namoradas do Homem-aranha. Ríamos da minha lerdice. E quando já cansados de jogar, Gustavo lembrou que não tínhamos conseguido fazer uma performance coletiva debatida e construída em aula. Prontamente propus que realizássemos naquele momento pois ainda nos sobravam uns quinze minutos. Rememoramos de forma rápida os pontos principais e fomos nos organizando: o que precisávamos, quem gostaria de fazer, quem queria participar ajudando. Era uma crítica à posição dos estudantes nas salas, sempre sentados, muito calados ou quando falantes não escutados, à pouca liberdade de expressão na escola, à estagnação do sistema de ensino – temas sugeridos pelo Gustavo e endossados pelo Jhonatan, depois encampados pela turma que concordou ser boa motivação para a performance. Queríamos que levantasse uma discussão por parte dos alunos e de todos os componentes do Colégio. Colocamos as carteiras para fora da sala, tomando espaço no corredor principal, enfileiramos como a disposição habitual, deixando uma passagem aberta para quem estivesse circulando, a ação seria realizada no horário do intervalo, portanto de grande fluxo. Cada aluno sentaria em uma carteira e seria amarrado a ela com barbante e suas bocas seriam vedadas com um x de fita isolante. Logo um inspetor veio saber o que era e antes que pudesse reclamar, como de costume, disse: “é um trabalho de Artes”, “Ah! Então, pode ficar. Depois vai arrumar, né?”. Os alunos de outras turmas passavam silenciosamente arregalando os olhos, depois aplaudiam e os performers lá, concentrados. Ficamos uns minutos curtindo. Estava orgulhosa porque muitos receavam se colocar naquele tipo de situação e outros muito tímidos, quase não

falavam nas aulas mas quiseram encarar. Escolheram viver aquilo. Não estava valendo ponto, não contava um décimo sequer, não havia cobrança ou obrigação. Escolheram fazer para experimentar, para se posicionar, para se despedir. Enganam-se os que acham que eles se movem apenas por notas ou punições. Eles querem espaços inventados. Sair da rotina. Explorar o corpo. Expandir linguagens. Aprendizagens autênticas que venham dos prazeres de se reformular. Conquistas das autocriações.

**IV – Despreparos e violências.** Não é nada fácil a vida de uma professora. Mas alguns dos dilemas e das dúvidas que todas dividimos são capazes de nos unir num mesmo conjunto, não importa em qual região atuamos, e sob quais condições. Há claramente muitas diferenças mas aqui se trata daquilo que nos aproxima. E machuca. Segundo o SESOP (Setor de supervisão e orientação pedagógica do meu colégio) 2016, foi um ano marcado pelo aumento de crises de choro (mais incidentes em épocas de provas e entregas de trabalhos) e casos de depressão relatados e atestados, principalmente ocorridos com meninas. Jovens que orbitam entre vulnerabilidade e força intensas. Penso em como a escola pode se preparar para ajudar essa juventude que por um lado parece brava, corajosa, e cheia de opinião; e por outro aparente e viva tanta fragilidade emocional. Serão respingos de um mundo cada vez mais estético ou da imposição de uma pseudonecessidade de uma vida estetizada? Vivem em um era da hipervalorização da beleza, do bem-estar, da “felicidade” comungada *full time* pelas redes sociais. Pode ser um exercício interessante se saber vez em quando sozinho, não solitário. A balança parece desequilibrada para grande parte desses estudantes: reconhecer as potências individuais e coletivas. Vive-se uma pretensa perseguição ao que se tem de “melhor” (extremamente competitiva) sediada em parâmetros gerais, uma dolorosa corrida para ser o que os outros esperam. Pude acompanhar minimamente e diretamente algumas adolescentes que passavam por momentos muito sérios e complicados – ansiedade, estresse, desamparo – apenas com meus ouvidos e afagos. Não estou pronta para me defrontar com essas questões, ao mesmo tempo, não consigo, nem quero me desvencilhar delas: fazem parte do dia a dia escola. Como devo me preparar para atravessar estes desertos? Algumas vezes surgem temas duríssimos em debates na sala acompanhados de relatos pessoais; há alguns meses, um aluno logo no início de uma aula levantou o assunto violência doméstica, tanto entre

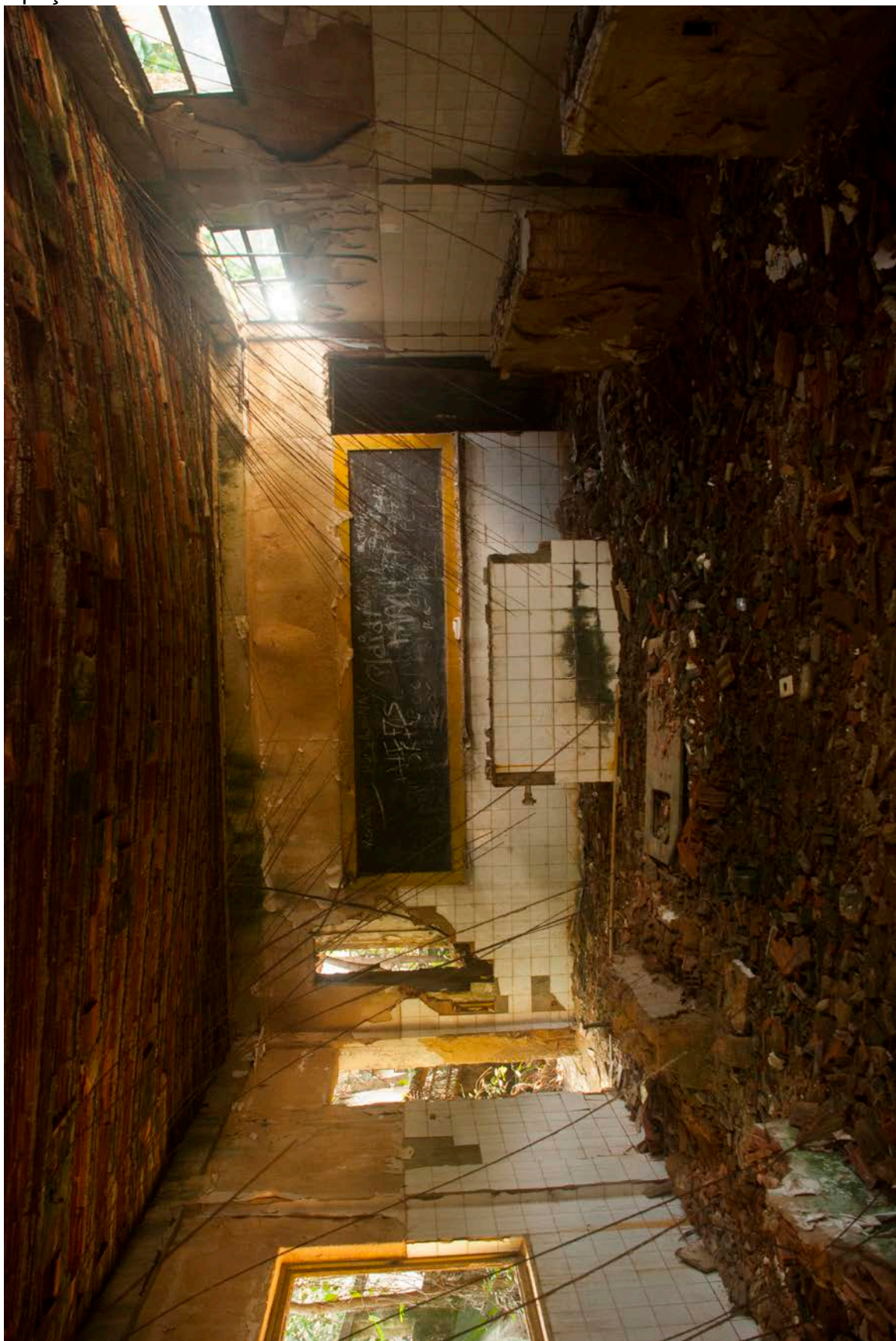
casais, quanto entre pais e filhos. E narrou o assédio sexual que sofrera do próprio avó, disse que todos na família sabiam, inclusive sua mãe e tias, mas ninguém fazia nada. Em seguida, cinco jovens contaram espontaneamente sobre experiências diversas – brigas físicas e verbais e outros tipos de violências físicas – ocorridas com suas famílias em suas casas. Levou ao transbordamento de fatos vividos também fora das casas. Paramos a aula e ficamos nos escutando, e como era possível nos restaurando. Partilhas fortalecedoras eram o único caminho a ser tomado naquele momento. Quando terminou a aula parecia que eu havia sido espancada. Eu não dava mais em mim. Lacuna sem ter para onde correr. É preciso estarmos atentas e fortes, mais e mais. Disto quero levantar que é urge repensar as formações docentes. As licenciaturas por certo não darão conta de examinar todas os problemas e assuntos gerados ou vividos na rede de ensino básico. Mas me parece que está à léguas de distância da realidade escolar. Nós professoras (e professores) chegamos completamente despreparadas para encarar a escola contemporânea. Acho que é importantíssimo que consigamos voltar às nossas faculdades e narrar o que nos passa (e fica): ampliar o diálogo entre universidade e escola, sair do ideal para o real. Não estamos sozinhas, talvez exaustas. Creio que não queiramos o mundo numa bandeja, desconfiaríamos disso. E que formação é artigo de perenidade. Entretanto está na hora de compartilhar a responsabilidade pelos fracassos da escola, eles são também os das universidades. Isso não suaviza em nada aqueles acontecimentos, mas que obrigue repensamentos de ambas as partes. Que comecem a nutrir amizades mais profundas. Mutirões para auto-revoluções e para metamorfoses nas formações de professoras e professores.

## **2 PENSANDO ESCOLAS: RETALHOS COTIDIANOS**

Quanto tempo tu acreditas que esta espécie de cultura que te custa tanto suportar vai durar ainda na escola atual? (...) O primeiro que tiver a ousadia de ser totalmente sincero neste domínio ouvirá o eco da sua sinceridade devolvido num milhar de almas corajosas.

*Nietzsche*

Figura 11 - Fotografia do laboratório do Colégio Estadual Antonio Houaiss durante ocupação dos estudantes.



Fonte: A autora 2016.

## 2.1 Preparos, alimentos e direções

Ensinar exige compreender que a educação é uma forma de intervenção no mundo.<sup>2</sup>

É provável que a passagem dos anos se encarregue de perder pelo caminho certos registros. Talvez mesmo algumas memórias, à procura de eventual descanso debaixo de sombra e com água fresca descartem empecilhos, a fim de felicidades. Assim, como se pudessem zerar resquícios de ardências, em preparos para novas sementeiras. Quem sabe isso quer chamar esperteza? Mania de continuar. Essas pequenas insistências na sobrevivência vêm muito à cabeça quando o assunto é Educação. Tento explicar: apesar das vezes em que se aproximaram desertos-escolas, não houve um só dia no qual tenha esquecido de re-depositar ao menos uma ficha a mais. Fato é que, de modo algum, experimentei pensar o mundo com sua inexistência. Confesso ser erro e chance. Atreverei investigar brevemente o conforto do óbvio, traçando algumas linhas de exercício da desconfiança; pura precaução. Ocorre de nunca ter suspeitado da importância das escolas. Para efeito de honestidade, não creio que certezas sejam saudáveis. E, agora, assusta-me quando me dou conta de que, ao segurar as rédeas com tamanha ferocidade, impedi que oscilações ecoassem. Quiçá escondi como restos, vacilos sob o tapete. Sem escapes - ressoa a permissão para levantar âncora. Parto.

Para algum possível começo... A palavra escola provém do grego *skholé*, que denota um espaço fundamentalmente de prática do ócio e da livre discussão, quando, então, previam-se encontros considerando exercício de lazer, experimentar determinados aprendizados. A primeira chance para a organização de grupos de maneira formal em torno da ideia de transmissão de certos conteúdos aparece com a criação da escrita. Lugares para reuniões, nos quais algumas pessoas (privilegiadas) podiam estabelecer contatos direcionados a trocas de conhecimentos. Claramente, através dos séculos, muitas transformações se deram. As sociedades modernas passaram a entender as escolas como ambientes para formação de cidadãos que, vivendo em sociedade e munidos de certos saberes, fossem capazes conduzir suas vidas e enfrentar as adversidades do mundo. O século XX brindou as recentes faces e compreensões a respeito das crianças, investigou a natureza e as

---

<sup>2</sup> FREIRE, 1996, p.110

condições humanas, redimensionou as durações dos tempos – sentidos e vividos, sobras das guerras. Reconduzida, a pedagogia transbordou novos estudos e métodos de ensino, com apostas conservadoras, outras mais alternativas, anunciando uma pluralidade de discursos e fincando a necessidade da escola para todos como aparato social e de desenvolvimento humano.

No Brasil, a ideia de educação formal nos moldes ocidentais chega pelas mãos dos colonizadores portugueses; mais precisamente, o ensino ficou a cargo dos jesuítas, sendo, portanto de cunho religioso e responsável pela formação de uma elite e pela catequização dos índios. No final do século XIX, com o processo de industrialização no país, iniciou-se o ensino público, embora o acesso ainda fosse limitado a pequenos grupos (mulheres e homens negros escravizados não podiam efetuar matrículas). A obrigatoriedade veio se dando arrastadamente ao longo dos séculos XX e XXI, quando só então passou a contemplar os quatorze anos escolares. Cabe ressaltar que um projeto de ensino está alicerçado sobre as bases de seu tempo, portanto, não é neutro: é ativado por interesses econômicos, sociais e políticos - reverberando não só tendências e pesquisas realizadas por profissionais da área, como também aspectos de ideologias dominantes. Atravessadas muitas marés, chegamos no agora. Ao olhar para a educação básica pública brasileira, especificamente o Ensino Médio (ciclo dos últimos três anos escolares) mostra-se importante para trazer à luz alguns fatos. O censo escolar relativo ao ano de 2015, divulgado no portal do INEP<sup>3</sup>, registra dois dados que chamam atenção: o alto índice de reprovações e a grande evasão escolar durante tal período formativo. Não são números simples de analisar, tendo em vista o tamanho do país e entendendo as diferenças regionais. Aqui, vale se alimentar destes elementos para tecer algumas provocações, a fim de procurar ou elogiar certas rotas alternativas, quais sejam de maneira alguma embuste, mas tentativas de diálogos. Nunca receitas.

Estranho. Não conheço uma só professora ou professor que discuta o estado atual da educação básica acreditando que não se deva operar mudanças; tampouco alunas e alunos devidamente satisfeitos. Uma praticável prematura questão seria: residiria na prática-escola alguma anomalia de berço? Ou ainda, habita o conceito-

---

<sup>3</sup> Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. Dados do censo escolar de 2015 demonstram que 12,9% dos alunos matriculados no 1º ano do Ensino Médio evadiram da escola. E a reprovação no mesmo ano escolar, chega a 15,3%. [http://portal.inep.gov.br/artigo/-/asset\\_publisher/B4AQV9zFY7Bv/content/inep-divulga-dados-ineditos-sobre-fluxo-escolar-na-educacao-basica/21206](http://portal.inep.gov.br/artigo/-/asset_publisher/B4AQV9zFY7Bv/content/inep-divulga-dados-ineditos-sobre-fluxo-escolar-na-educacao-basica/21206).



escola rasteiras intenções segundas capazes de serem modificadas? Por certo continuamos algo. Entramos no navio em movimento. Mas ainda que não saibamos exatamente aonde estamos indo, parece-me razoável considerar as condições da viagem. Existir um antes e um depois no curso de uma atividade, morar na história e admitir um futuro por vir, são motivações suficientes para escritas tanto mais pungentes. O que leva a outro pensamento: é lugar-comum atribuir as mazelas sofridas enquanto cidadãos à precariedade da educação. O sistema de ensino estaria submetido a diversos inquéritos; muitos, criminosos. O sistema de ensino somos nós. Crianças e jovens obrigados a frequentar escolas, responsáveis obrigados e interessados em realizar as matrículas naquelas, educadores e educadoras, demais profissionais envolvidos de alguma forma com estes estabelecimentos, políticos gestores; creio que contemple enorme parcela dos brasileiros e brasileiras. E apenas os últimos citados não necessariamente parecem compartilhar os mesmos interesses com os demais. Então, urge questionar, onde nascem tamanhos abandonos quando o assunto é educação. Assim como buscar saber se escolas ainda seriam respostas-mundo. O compromisso com a formação e desenvolvimento cognitivo e emocional esteve à frente do medo (injustificável) de um barbarismo-pulsão? Ataco pretendendo a defesa. Suo ao dizer que possa desconfiar das escolas. Mas é cedo demais para duvidar delas.

Existe nas escolas desta terra um discurso inconsistente frente a proposta de justiça social que acaba por reforçar o privilégio de poucos, enquanto corrobora para a manutenção de extremas desigualdades. Estas instituições, que na antiguidade foram pensadas como locais de troca e diversão, inúmeras vezes se transmutam em meros ambientes desestimulantes e excludentes, que não demoram a indicar aos estudantes a porta da saída. Fazem-no pela insistência de uma ideologia dos méritos, por uma seleção de conteúdos ou abordagens distantes do cotidiano, por uma hierarquização de saberes e valorização de atitudes estranhas aos alunos reais – que, ignorados em suas especificidades, procuram respostas para a vida ali (rebeldias muitas vezes ignoradas) e longe dali. Esgarço as fronteiras do tempo e destas sociedades separadas por séculos: forço a ilustração como pontapé para refletir brevemente sobre nossas influências quase sempre vindas do lado de lá (sintoma primeiro), da preservação dos *aindas* (desculpas e vergonhas históricas) e das segundas peles portadas com pouca relutância. Existe o outro lado da história das instituições de ensino, que embute a presença de propósitos como, por

exemplo: se soar pesado falar em domar as feras, podemos dizer transmitir boas maneiras, ensinar a viver sob determinadas regras e normas, eleger e passar modelos e crenças sobre noções como cultura e civilização, apontar certos e errados no todo social e reforçar a formação como condição para a entrada na esfera do mundo do trabalho. Tais posicionamentos têm criado ao longo das décadas um cruzamento de demandas reais e imposições vis, conflagrando confusões extremas em relação ao projeto de educação brasileira e enfraquecendo o corpo-escola.

O senso comum atrela a educação à mobilidade social e defende a frequência às instituições escolares como formação preparatória para inserção no mercado de trabalho e, dessa forma, aspiração à melhora de vida. Essa é uma costura à qual a escola vem sendo submetida por muitos anos; imputa-se a ela a antecipação da lógica imposta pelo mercado de trabalho em seios capitalistas: foco em certo produtivismo, disciplinarização, competitividade, desleixo com o exercício da capacidade crítica e ignorância dos prazeres como fonte de saberes. Solidão. Por isso, o sistema trata de reverberar uma aliança entre formação básica e emprego; ou entre ensino público e projeto político de governo (o Ministério da Educação, em seu portal, afirma que a educação básica é “o caminho para assegurar a todos os brasileiros a formação comum indispensável para o exercício da cidadania e fornecer-lhes os meios para progredir no trabalho e em estudos posteriores.”<sup>4</sup>). Confia-se aos colégios estudantes, esperando que saiam trabalhadores. E consumidores. A manutenção do sistema se deve à força de uma massa quase sempre alienada, enquanto as instituições vão sendo desmontadas. Como uma retroalimentação negativa. Deixo claro aqui que, sendo uma das responsáveis pela formação de crianças e jovens, a instituição escolar também deve discutir e pensar o mundo do trabalho, principalmente questionando suas características e aparições na pós-modernidade. Ou bem a escola escolhe servir como espécie de estágio, implementando diretrizes contidas no meio do trabalho, com o mais antigo que ele prevê - uma esfera paralela às fábricas e indústrias que, portanto, exige dos estudantes um perfil adequado a esse formato -, ou bem ela incorpora nova gama de conhecimentos e pensamentos em torno da construção de capacidades afetivas, da percepção da relevância do estabelecimento de saudáveis relações

---

<sup>4</sup> <http://portal.mec.gov.br/secretaria-de-educacao-basica/apresentacao>.

interpessoais, da busca pela valorização da criatividade e das tomadas de decisão em meio às adversidades, primando pelo contato e estudo das misturas culturais: formando para o mundo. Entregues às ilusões propagadas, milhares de pessoas compram a falsa promessa de um futuro financeiro melhor e, em troca, justificam um ensino escolar que, ao corroborar práticas meritocráticas inseridas nas escolas sob o modelo nacional, perpetua as injustiças sociais para além delas. Parte desses ex-alunos, portanto, aqueles que conseguem se enquadrar no formato oferecido, não tardam a perceber que nem mesmo essa pretensa garantia de trabalho é verdadeira (em 2017, um quarto dos jovens brasileiros estava desempregado, segundo dados do IBGE<sup>5</sup>). É precisamente quando se reforçam as maneiras de dominação e os traços da hegemonia, aplicando sua face mais conhecida e nem por isso menos assombrosa: a da permanência das desigualdades. Tudo isso imprime alarme maior: estudantes que não se sentem parte deste projeto - quer por exclusão literal e por isso despertencimento ou por se dar conta de que o formato oferecido não apresenta a estrada a ser trilhada - se distanciam destes espaços e acolhem uma grande lacuna em suas formações. Na era da informação, da internet e das redes sociais, é preciso revisar as escolas. A sujeição das instituições de educação à certos projetos políticos e ideológicos vai esvaziando de sentidos esses lugares. Vamos abrindo mão das pessoas no momento em que o ensino se perde do prazer, do fortalecimento cognitivo e da procura pela estruturação de formas de cooperação social.

Entretanto, os estudantes, sempre buscando sintonias com o que atravessa o mundo e lhes atinge, constroem nas suas possibilidades de entendimento e aproveitamento do que percebem, meios de ser e estar nesse mundo. Operações que implicam em riscos e êxitos. Os primeiros facilmente evitados pelo diálogo aberto com os responsáveis pelo ensino e os segundos matéria preciosa na formação dos professores. O que podemos apontar como risco reside no assédio entorpecente do consumo rápido e contínuo de toda sorte de imagens e ilusionismo, estratégia frequente do mercado. Os êxitos seriam as aprendizagens e intercâmbio de experiências que as juventudes praticam em todas as oportunidades cotidianas. Inclusive sob o suposto controle dos espaços e tempos institucionais das escolas. Certo que para o aproveitamento do que os jovens produzem, é preciso partir do

---

<sup>5</sup> Publicado em < <http://www1.folha.uol.com.br/mercado/2017/02/1861571-um-quarto-dos-jovens-de-18-a-24-anos-estao-desempregados.shtml> > acessado em 5 jan. 2018.

reconhecimento de que o olhar do professor nem sempre capta o que os seus jovens estudantes sabem, sobretudo, quando tais saberes estão fora do repertório dos currículos oficiais. A pergunta inicial é simples e difícil de ser pronunciada: o que sabem esses que eu devo ensinar, que eu não sei e que me é fundamental saber para sustentar o sentido da minha presença junto a eles?

De alguma maneira, parece que é chegado mais um tempo em que, vendonos em meio a uma grande crise, reclamamos por profundas transformações. Tais mudanças devem também ser pensadas a partir das escolas. Encarar o presente, ressignificando as instituições básicas de ensino, mirando o futuro que começa a mostrar suas primeiras garras. Apesar de todo despreparo, é possível uma organização e um diálogo extenso para atentamente tecer os fios dessa história. O compromisso dos educadores deve ser com a articulação de conhecimentos que fortaleçam os estudantes como seres políticos, questionadores do mundo à sua volta. Convite à sala de aula para alegrias e afetos, alimentos para o processo de aprendizagem baseado no caráter crítico. Desta forma, investigar juntos com os jovens maneiras de ser, modos de fazer; cultivar capacidades criativas e criadoras. Tenho pensado que há algo para resgatar, pegar emprestados certos modos antepassados. De um tempo em que não existiam escolas por aqui, mas que se sabia muitas coisas; de quando não havia ênfase na separação entre corpo e cabeça, ou teoria e prática, ou razão e emoção. Nem mesmo eram questões. Saberes e ações coletivas, colaborativas. Com menos ilusões do que possa parecer: anseio por experiências estabelecidas em trocas e relações, sem resultados fixados, fins demarcados. Movente. Conservo-me o direito a alguma ingenuidade na hora em que fundo minha utopia. A escola através do amor. Mas não considere que se trata de mera fantasia. Sonho acordada com pés no chão. É sentimento que anima as boas lutas. Norte. Uma escola se torna combativa quando, ao sediar atuações de amores, convoca pertencimentos. Práticas intuitivas mas não cegas, apaixonadas mas não incosequentes, livres e não displicentes, autorais e nunca vaidosas, sobretudo poéticas. Lançados pequenos desejos na fonte, resta perguntar: como é possível amar? Ao nos desvencilharmos das armadilhas do percurso, talvez consigamos construir pontes. Falas-afeto. A resposta imediata que vem à cabeça quando se pensa na situação em que o Brasil se encontra insiste em ser a melhoria da educação. Há resistência. É provável que o caminho mais seguro e interessante ainda passe pela escola. Para isso, apenas a guerrilha-verbo. Gestos. O

fortalecimento das licenciaturas e o incentivo à formação continuada dos professores, a batalha pela diminuição da evasão escolar, a defesa pelas instituições públicas e a restauração dos sentidos do ensino básico. Não é concebível ser professora se meu discurso e minhas ações não reverberam um estado de busca contínua pelos direitos, pela liberdade e pela justiça social. O que importa nas escolas? Refundá-las a cada dia. Escolas são portos.

Figura 12 - Trabalho em caderno de artista.



Fonte: Leonardo, 2016.

## 2.2 1, 2, 3, câmbio: aqui quem fala é da Terra!

Às vezes parece cedo, quando se quer estender a meninice; noutras, o desejo de crescer logo faz soar até tarde demais aquela primeira regra - que nome engraçado para ser dar a um borrão de sangue! Modo no mínimo curioso de iniciar algo, pelo menos para as garotas. Muda o corpo, as posições, as reações, as emoções, as relações. Nada muito diferente para os garotos, apenas menos colorido, talvez. Adolescência à vista! Viagem sem passagem de volta! Inicia-se o período regido pelo não mais e o ainda não. Mas, calma, existem brechas! Respirinhos. Licenças mais ou menos poéticas. Fase de tantos começos e alguns abandonos forçados. Disfarces possíveis bem-vindos. Febris, oscilam entre o tudo e o nada. Gigantes, agarram o mundo como se pudessem ainda brincar com seus bichos de pelúcia. Ferem-se nos combates sem escudos não anteriormente presumidos. Voam pássaros como a poder olhar de cima, nariz em pé, sorrisos irônicos, ou despetalados. Comem o que passa pela frente, ou alimento nenhum. Sofrem por causa da altura, do peso, porque usam óculos, aparelhos. Amontoam-se. Estilhaçam-se. Urram de raiva: com os pais, com os professores, com o governo. Guerreiam contra injustiças tantas; cultivam piedades. Chocam-se com a morte, com as ausências, com os vazios. Reaprendem os tamanhos dos choros. Esportistas, musicistas e piadistas. Risos altos, vozes esganiçadas, cabelos desgrehados e de todas as cores. Palavrões-pipoca. Quando em grupos, se em silêncio, preocupam. Pulos de cadeira em cadeira, saltitar de *all stars* pelo chão. Aguam pelas extremidades e superfícies todas. Dizem gostar de tudo, frase acrescida de, só não... Expressam sua generosidade emprestando borrachas, folhas, fones, respostas das provas, ombros e colos. Firmam brincadeiras e pactos. Sonham universos inteiros. Rimam protestos, versos, dores. Colecionam papéis de bala e canetas quebradas nas mochilas imundas. Sustos com filmes de terror, magias e encantos nos livros, coreografias estranhas das músicas da moda. Caras, bocas e corações. Xingam, esbravejam, excluem. Às vezes, são balanços; outras, gangorra. Seduzem, conquistam, se apaixonam. Vivem planetas virtuais e reais. Contestam ataques ferozmente. Aceitam elogios. Abraçam porque gostam. Cantorias porque vivem. São brutos e delicados em frações de segundos: é que precisam se re-acostumar aos seus corpos. Seres imensos.



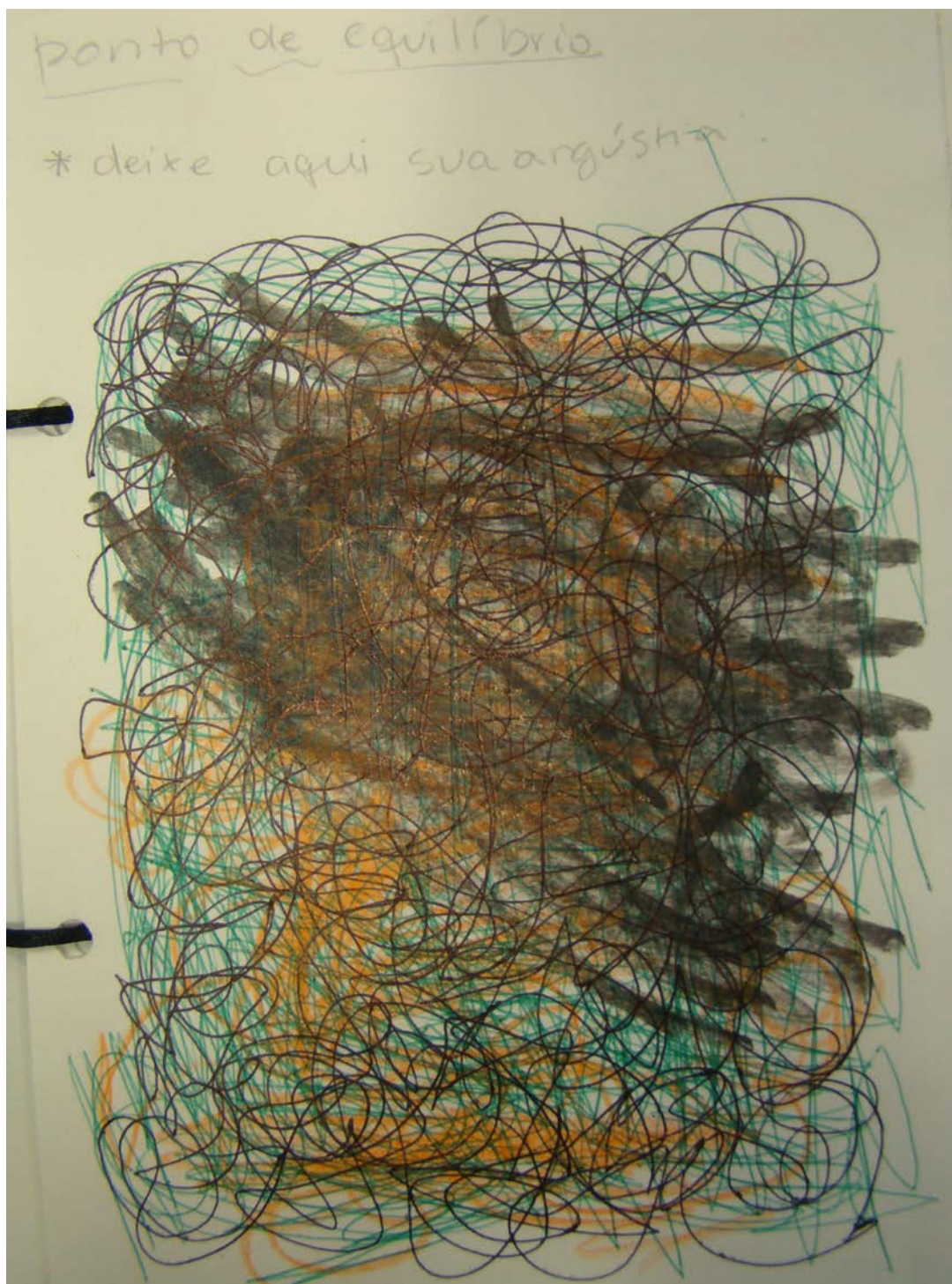
Figura 13 - Estudo de aquarela abandonado na sala de artes.



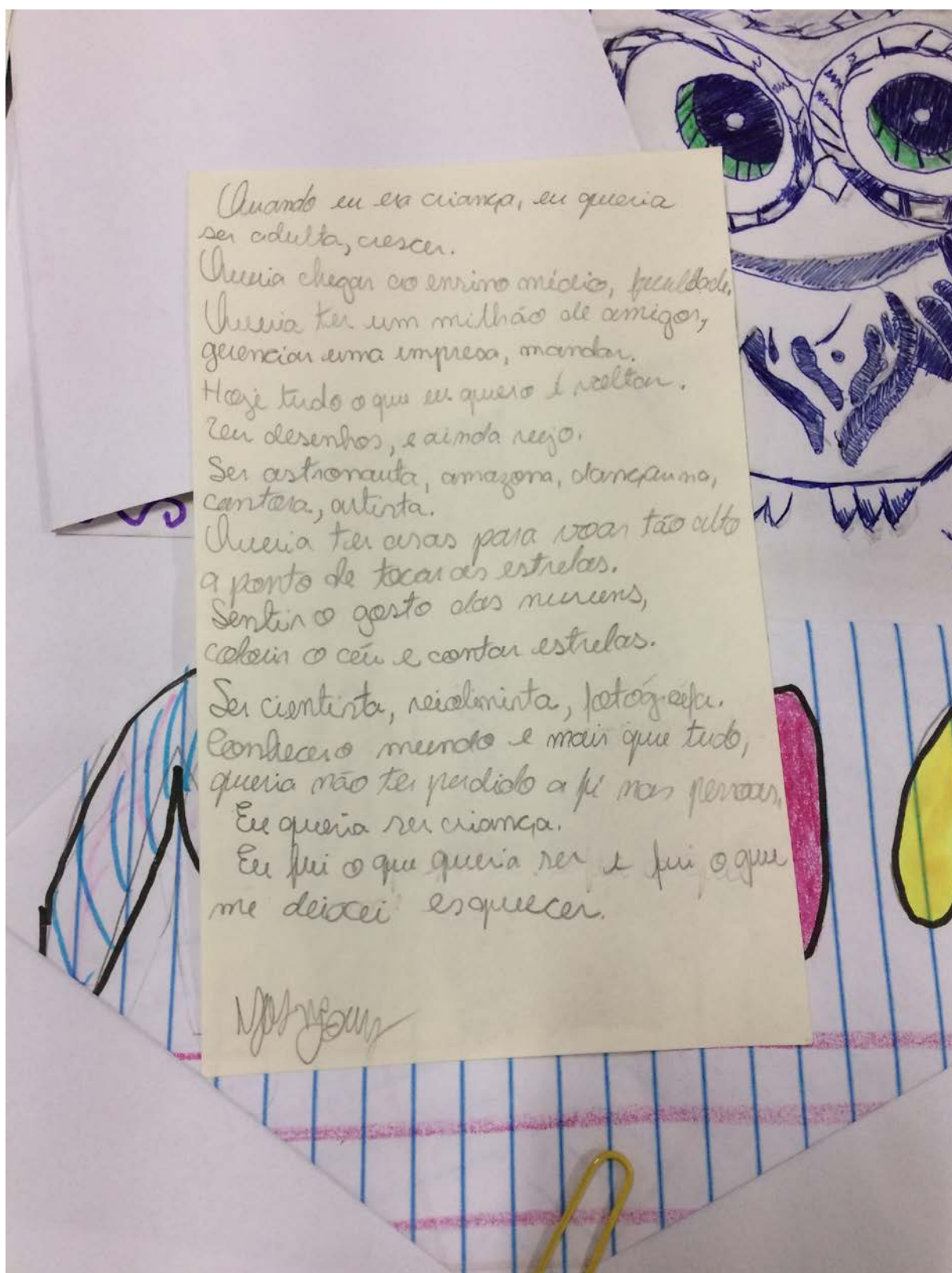
Fonte: Maria Eduarda, 2017.



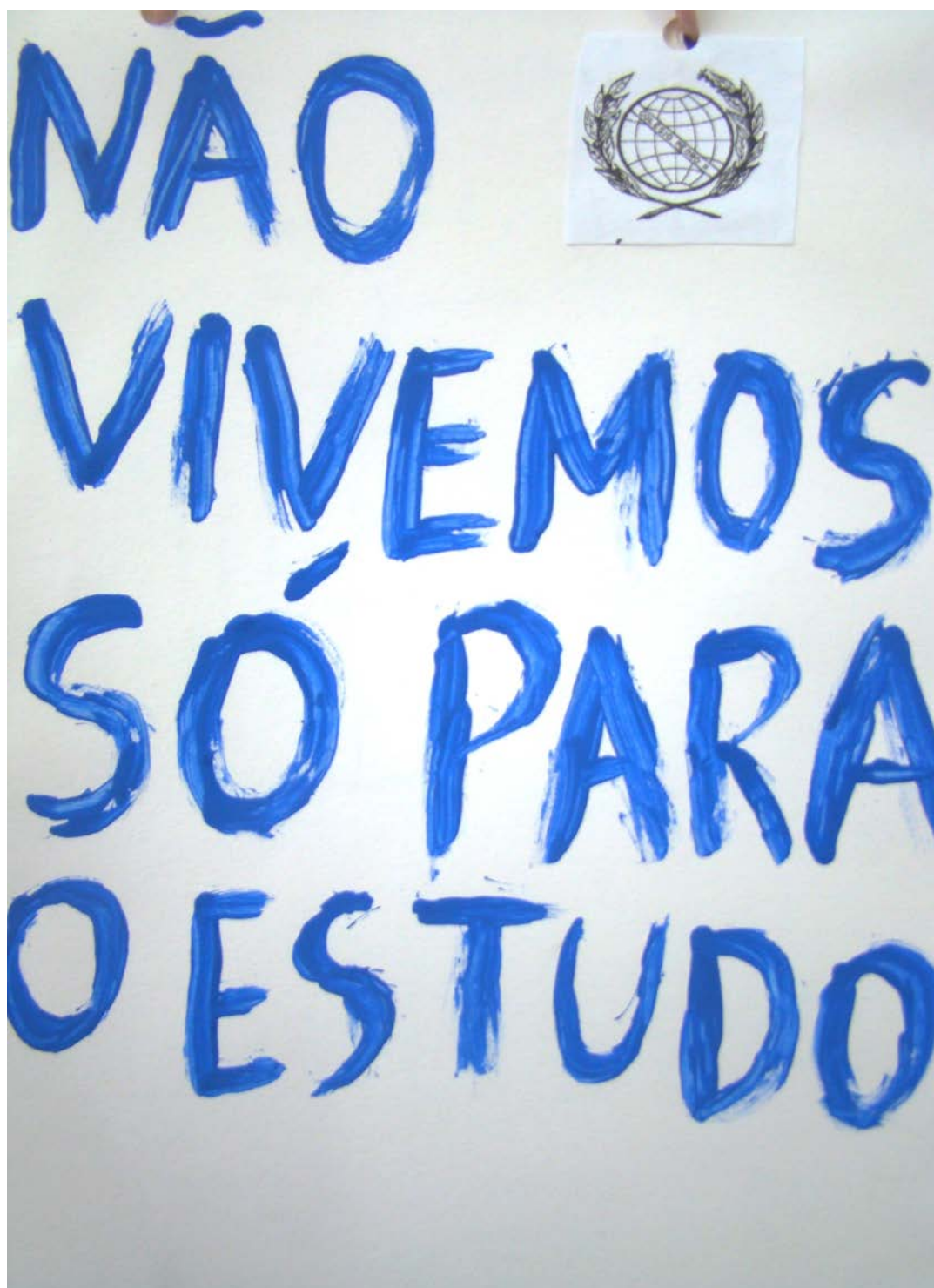
Figuras 14 a 18 - Trabalhos em caderno de artista.



Fonte: Isabel, 2017.







Fonte: Matheus, 2017.



Fonte: Tainá, 2017.





Fonte: Rodrigo, 2017.

### 2.3 É preciso amar!

Existe uma liberdade incauta em ser adolescente. Certo ritmo de fabricação do mundo que se impõe. Frêmito. Se Descartes fosse um adolescente, em pleno alvorecer de 2018, a buscar uma prova para a existência humana, provavelmente abriria mão de seu *penso, logo existo* – deixando, portanto, de dar todo crédito à razão – e investiria num *sinto, logo existo*. Sim, pouco menos de quatro séculos separariam esses “dois filósofos” e uma enxurrada de acontecimentos e atrevimentos históricos. Da era moderna centrada no sujeito forte, poderoso, racional e raiz, dos louvores ao conhecimento, à verdade e ao individualismo; aos ventos dos tempos pós-modernos, das identidades impermanentes, emocionais e brotos, elogios aos saberes e comunidades. Seres integrais porque juntos. Logo, um existir indicado pelos outros, nos encontros: vida que se instaura na com-junção. Concordando com Maffesoli (2014, p.94), “esta vida efetiva é a dos afetos. É estar-com. [...] À época do ‘eu’ sucede, sem resistência, a época do ‘nós’”. Trânsito de solidões até convivências. Do egoísmo a uma espécie de coletivismo do sensível. Nessa passagem da infância à camada adolescente, a ruptura de mais um casulo-pele, que parece reforçar contatos para reagrupamentos intuitivos. Talvez leve a algum estado de natureza? Pode ser que pelos odores se reconheçam. Ou quem sabe é tudo invenção; habitantes das comunicações fartas e fáceis, intimados a se reorganizar em tribos, explodam em florescimentos construídos? Todas as redes jogadas ao mar do convívio. Obrigados aos pertencimentos que legitimam a existência, fazem-se muitos, convidam o com, respiram presenças.

“Porque é de sentimento que se trata nas novas modalidades do viver-junto que se elabora em nossos dias. ‘Sentimento’, lembremo-lo, (...) remete a uma ambiência na qual mergulha a comunidade” (MAFFESOLI, 2014, p. 172). No aqui e agora. Estes jovens que performam bons educadores, francos, quiçá por necessidade, vieram ao mundo com as fronteiras amolecidas, já re-conceituando a palavra estrangeiros; apurados num senso gregário, conduzem-nos no cortejo das amizadas. Ensinam a assimilar a aventura pós-moderna aos coagidos pela militância por um princípio de redefinição do ser humano. Que haja audácia para se embrenhar nas lacunas e atrever-se aos medos nem tão apavorantes, quando de mãos dadas. Acolhidos. Seguimos em meio ao caos amparados por amigos. Recobrada alguma aposta na verve comunitária, é passada a hora de desapegar-se

de antigos fantasmas modernos, que ainda rondam autorizados por simples comodismo ou hábito. A repetição desastrosa de concepções meramente racionalistas impede o fluxo do retorno ao estágio, no qual a crença era numa vida junto, apenas pela alegria, sem qualquer outro propósito que não o de estar junto pelo prazer. Toma-se novo rumo em direção à experiência de viver de forma mais complexa, comungando razão e emoção, que, afinal, nunca deveriam ter sido polarizadas. Mais: reitera-se a evocação dos sentidos e do sensível, intentando a completude humana. Inteireza celebrada numa roda à beira da fogueira. Ancestralidade e história atualizadas.

“(...) e tudo vive para que eu viva: / sem ir tão longe posso ver tudo: / vejo em tua vida todo o vivente”.<sup>6</sup> O eu transborda deslocado no outro. Anúncio de elos e amores que operam as vidas em comunidades.

Quando nos engajamos na produção de subjetividade que é o amor, não estamos meramente criando novos objetos nem sequer novos sujeitos no mundo. Em vez disso, estamos produzindo um novo mundo, uma vida social. Ser, em outras palavras não é um pano de fundo imutável contra o qual a vida transcorre, e sim uma relação viva na qual constantemente temos o poder de intervir. O amor é um acontecimento ontológico na medida em que assinala uma ruptura com o que existe e a criação do novo. O ser é constituído pelo amor. (HARDT; NEGRI, 2009, p. 205)

E então pode o amor produzir formas do comum enquanto cultiva as experiências de singularidades. Porém, também é nos agrupamentos que o amor revela sua outra face, como afirma Hardt e Negri (2016): um lado corrompido, movimentado pelo mal, que acaba por ferir o coletivo. Apresenta-se uma distorção do amor que se dá pela ignorância e pelo medo, um amor que não cria, mas repete erros, volta-se ao privado forçando um fracasso da comunidade até sua destruição. E o próprio poder do amor é que instaura a desobediência e trava lutas com a corrupção do ser, encara a batalha contra a restauração das identidades fixas e da hierarquização das relações. A força do amor é de ordem combativa e anima-se para assegurar a solidariedade e a justiça. Dizem os autores que a “mobilização do amor precisa ser aprendida e novos hábitos devem ser criados através da organização coletiva dos nossos desejos, num processo de educação sentimental e política” (2009, p. 220). A revolução está fundada na engrenagem do amor horizontal, cuja força pratica a resistência ao mal travestido de anomalias agressivas à comunidade, no momento

---

<sup>6</sup> Trecho do soneto de amor VIII do poeta chileno Pablo Neruda.

em que mira as formas de ser na vida social e repercute a ideia de autogoverno coletivo. É incessante afeto-pensamento-ação transformador para o bem-estar comum e, portanto, educação para participação política. É compreensão da vitalidade do ensino e aprendizagem – da inesgotabilidade dos conhecimentos, que tanto mais repartidos, mais multiplicados – exercitada nos encontros, como bens comuns: afetos, imagens, ideias, saberes. Imaginações. Forças férteis.

“Saburo considerou que a mísera criada sofria de uma triste ignorância para amar”<sup>7</sup>. O oleiro japonês das páginas de Valter Hugo Mãe, parece ter entendido a trama: maior miséria não há que a solidão, a negação do amor – a incompreensão pela ausência de experiência –, não saber amar e, por isso, o individualismo reforçado no ser-só. A tristeza apenas pode abrir caminho para a aprendizagem do amor quando desperta do sono da desesperança. Não há condição humana fundada apenas no bem ou somente no mal. A vida responde a cada momento seu pacto com o desejo da felicidade. Ou alguém diria o contrário? Urge acreditar que, apesar das obstruções, é possível ampliar o amor, em suas unhas, dentes e beijos. Ao evocar a vida em comum, o viver-junto, afirmar o amor em seus dias de luta e de glória. O convívio habilita roteiros de equidade preservando as diferenças. A amizade aparece em Agamben (2014, p.71) como “a condissão que precede toda divisão, porque aquilo que há para repartir é o próprio fato de existir, a própria vida. E é essa partilha sem objeto, esse com-sentir originário que constitui a política”. Um sentir-junto que embala os sonhos doces de mundos melhores inspirados nas ações afetivas. Restabelecimento da memória coletiva. Que se ericem amores e humores despudorados e, a passos firmes, lado a lado se inflamem velas apontadas para liberdades e solidariedades cotidianas. Sigamos a convocar esquinas recriando sentidos. Celebrar as impermanências feito jovens aguerridos. Aplicar corações. Derramar amores. Trata-se de festejar o que escreveu certo João: “um em-si-juntos, o viver em ponto sem parar, coração-mente: pensamento, pensamôr”<sup>8</sup>. Seres são somas.

---

<sup>7</sup> Livro Homens imprudentemente poéticos de Valter Hugo Mãe. p. 113.

<sup>8</sup> Conto chamado Substância de João Guimarães Rosa p. 176.



## 2.4 Escolas vivas: as graças do cotidiano

O que era, afinal, o professor que agora deixava o seu estrado para vir recolher os livros e redistribuí-los, senão um demônio menor que devia renunciar a seu poder maléfico e pôr sua arte a serviço de meus desejos?<sup>9</sup>

Muitas questões emergem a partir da observação atenta dos cotidianos das escolas, fazendo-nos indagar de que maneiras eles poderiam ensinar e o que teriam a oferecer como elementos de formação cidadã para a atualização contemporânea de seus sentidos – assim como questionar de que modo as juventudes podem desenhar e construir reflexões e afetos que norteiem suas vidas a partir da educação formal. No mundo das identidades móveis, subjetividades num jogo entre buscar e se perder, é preciso descobrir com quais materiais simbólicos as culturas juvenis podem se munir nos processos de aprendizagem. Percebendo estes estudantes como processos singulares e coletivos ao mesmo tempo – “cada individualidade é o lugar onde atua uma pluralidade incoerente (e muitas vezes contraditória) de suas determinações relacionais” (Certeau, 2014, p. 37) –, é precioso que se investigue os modos possíveis de abertura de caminhos para espaços e tempos, cujas condições de experimentação, de possibilidades de sociabilidades alternativas e de reinvenções sejam asseguradas. Os jovens reivindicam, em suas maneiras de ser e de pensar, através de narrativas próprias, chances de trocar olhares com aquilo que enxergam como amplificadores dos significados de suas formações e da vida. Nessa perspectiva, talvez a educação devesse ser entendida como um conjunto de práticas capazes de instaurar sentidos nas comunidades que não cansam de ativar os campos sensíveis e se pretendem justas. É a partir do coletivo que estão as bases para o entendimento de si, é pela alteridade que podemos inaugurar o respeito ao que pensamos ser e aos outros: seres juntos que erguem o comum. Artesãos que compartilham a escrita dos roteiros de um corpo plural chamado escola. Um processo infundável e mágico, porque salta da imaginação, dos desejos e não pode cessar. Escolas renascem todos os dias. Refazem-se a cada pequena poeira comprometida que se move. Inspiram e expiram ao sabor da abertura às vivências – transformam-se. Assim como nos rios, também não é possível entrar duas vezes na mesma escola, pois uma e todas sobrevivem do fluxo e se dão nos encontros. São físicas e imateriais a um só tempo. Estâncias,

---

<sup>9</sup> A biblioteca do colégio, Walter Benjamin, p. 114.

mas abraços. Acoradouros, lembranças e futuros. O coletivo fortalece as práticas escolares porque está vivo. Os jovens vibram juntos, emocionam-se juntos, afetam-se uns aos outros. É essa vitalidade, que emerge das práticas juvenis, das experiências conjuntas e dos ambientes comuns, que deve nutrir a educação obrigatória. No jogo da vida, as escolas são abrigos que garantem tempos férteis, desde que sejam cantadas por corais. Refúgios nos quais as diferentes vozes se acolhem podendo escolher potencializar a diversidade das anatomias dos espíritos. Mais ou menos como estufas protetoras do gelo causado por desamores. Essas escolas só podem envolver ares de solidariedade quando nelas se instauram presenças aportadas em combinações de químicas coletivas, que confirmem adesões aos conhecimentos emancipatórios e reconfigurem as relações, inspirando as performances docentes. Assim, projetam alívio frente a dureza que se coloca com as rejeições a mudanças, com crenças caquéticas em estruturas hierarquizadas, com discursos estáticos que hesitam quando o assunto é horizontalidade, com tacanhos passos lentos que tentam disfarçar imobilidades. É a transgressão de muitas práticas instituídas que se propõe: uma recondução às vias de experimentações a fim de percepções de quem se é, a partir da alegria da intimação do outro – dribles em curso para odes ao conhecimento como autoconhecimento.

As instituições de ensino formal agitam-se com presentes prometidos, porque é possível que operem pensamentos para rotas de escape sobre novas alamedas, trajetórias de clandestinidade em direção a interseções com o novo, com aquilo que é trazido pelos jovens todos os dias. (Co)moções por meio de partilhas. Rasgar antíteses estanques a convocar ações colaborativas. Docentes e estudantes como autores principais dos diálogos travados sobre os jardins-escolas, campos saudáveis de plantação e colheita – regas diárias, adubos orgânicos, respeito às sazonalidades, atenção aos modos de convivência e adaptação a todos os organismos vivos, eliminação progressiva dos venenos –, um sistema integrado: educação sintrópica. Educadores ensaiados na modéstia, que consigam descartar raízes epistemológicas doentes para erguer galhos conflagrados pela ávida dinâmica do cotidiano. Sentidos escancarados aos sinais. Emaranhados de repertórios pintando arco-íris. Mais do que urgem as horas para a conquista do estreitamento de intercâmbios que apreciem novos comprometimentos com fazer escolas. Que bom dar-se conta de como pode ser prazerosa a invenção a partir da guarda compartilhada, sob co-responsabilidade! Rompidos os gessos, reorganizam-

se os meios. Cada um portando sua mala de memórias e expectativas, repletos de armas e sonhos, aventuram-se agora na grande jornada. Assim, mais e mais, as maneiras de organizar práticas educativas devem estar em questão, pois, como afirma Sacristán (2000, p. 61)

O aluno que se confronta com os mais variados aspectos do currículo não é um indivíduo abstrato, mas proveniente de um meio social concreto e com uma bagagem prévia muito particular que lhe proporciona certas oportunidades de alguma forma determinadas e um ambiente para dar significado ao currículo escolar.

Trata-se do estabelecimento de relações amparadas pelo caráter de reciprocidade. Então, o currículo escolar deve refletir um projeto educativo complexo, que agrupe compreensão da multiplicidade cultural e preocupação com o desenvolvimento pessoal, bem como elabore e investigue aspectos necessários para o desenvolvimento da vida no coletivo. O ensino obrigatório demanda cada vez mais que os estudantes frequentem, durante grande parte de sua infância e adolescência, inclusive em número de horas diárias, as escolas. O tempo vivido nestas instituições, portanto, condiciona em boa parte o termômetro com que vão encarar o mundo. Atualmente, aposta-se majoritariamente na formação que é experimentada nestes ambientes, fato que deve reforçar a atenção aos estudos sobre as práticas educativas, insistindo que não se trata de uma criação de metodologias universais ou de um discurso grandiloquente entorno de um salvacionismo pretendido, mas, sobretudo, de estabelecer atuações possíveis calçadas em narrativas plurais. Um enorme problema ainda ronda os currículos: sua herança histórica de base eurocêntrica, masculina, heteronormativa, branca e burguesa; ou, ainda, ocidental, colonialista, capitalista e sexista. Esses traços são percebidos na eleição de conteúdos específicos, nos tratamentos imputados às disciplinas escolares, na seleção da relevância de conhecimentos e saberes: em vias gerais, nas relações de poder. Resíduos que permanecem lesando a forma como o ensino e os conteúdos são exercitados, prevendo certa manutenção da dissociação com aprendizagens de fora das escolas. Saberes e fazeres tidos como extracurriculares correm sempre o risco de serem emudecidos nas salas de aula, num jogo de continuidade de possíveis verdades e de tentativas de verdades parciais. Vale lembrar que a educação é um dispositivo da vida cotidiana, cuja tarefa se apoia na disciplinarização, na regulação e no governo das pessoas. Por isso, deve estar

alicerçada num estado de luta incansável entre relações e posições de poder. Não é por acaso que as reformas curriculares são utilizadas como instrumentos de reformulação econômica, obedecendo a lógica imposta por determinadas correntes ou grupos sociais dominantes, que acabam por sustentá-las como políticas educacionais. Estas, por seu turno, podem asseverar diretrizes, textos, livros, normas, ditar papéis destinados aos educadores e alunos, determinar conhecimentos, avaliações e regras – o que impõe a importância de se perceber enquanto parte integrante de todo o processo, inclusive repensando as relações de poder replicadas e operadas como educadoras e educadores que, a partir de uma visão crítica, possam esboçar linhas de fuga para reflexões sobre as práticas curriculares. É preciso sublinhar aqui a relevância de “abrir o campo do social e do político para a produtividade e a polissemia, para a ambiguidade e a indeterminação, para a multiplicidade e a disseminação do processo de significação e de produção de sentido” (SILVA, 2001, p.9), assumindo ainda a recriação do processo que interpenetra ações cotidianas e textos teóricos, sustentados por influências mútuas para construções de conhecimentos amparados pela experiência de prazeres.

Em que medida reafirmamos ou calamos as dinâmicas de força que se estabelecem no ambiente escolar, ou ainda para além dos muros das escolas: as relações desiguais entre os servidores, entre professores e estudantes, entre disciplinas, entre conteúdos? Por vezes, deixamos replicar ou endossamos práticas e estratégias de dominação. Como podemos superar essas lacunas criadas através de violências, esses espaços abissais, deveras instituídos e institucionalizados? Também nas escolas é preciso ter assegurados os direitos à igualdade e à liberdade. Ter liberdade é, antes de mais nada, dispor de possibilidades pessoais e sociais de autodeterminação da própria existência, escreve Oliveira (1999, p.25). A liberdade é conferida através das escolhas dos rumos da própria vida, poder ser respeitado por suas opções e orientações, viver segundo elas de maneira satisfatória e digna, considerando seus desejos e valores, enquanto se revela o trato da equidade nas relações comunitárias. O cotidiano escolar: propostas pedagógicas, programas curriculares, estratégias e práticas administrativas, docentes e discentes – alternativas de criação, ações imaginadas da formação de si e da construção do coletivo através de afetos. Pensar uma escola mais justa é indissociável do que entende-se como justiça social. Por isso, deve ser possível estabelecer uma luta que mire na amplitude de debates e discussões, que visem a relações mais igualitárias,

nas quais se respeitem as diferenças, levando em conta a diversidade dos interesses e as possibilidades de ação de todas as pessoas e grupos. A evocação de uma horizontalidade entre as relações de forças dos diversos corpos e o alargamento das noções de valorização da cooperação, da solidariedade e do coletivo são estratégias caras à educação. Ser um educador que deseje contribuir para a construção da democracia demanda uma vida docente que, segundo Oliveira (1999, p.28):

implica em combater, com práticas reais, todas as formas de expressão do sistema de dominação social na escola, todos os mecanismos de legitimação dos quais o sistema se serve, bem como todos os mecanismos de exercício do poder de dominação presentes na escola.

É necessário identificar quais são as crises instaladas nas escolas de hoje, e se seriam então organismos que refletem e respondem ao que acontece no mundo. Por ser um coletivo, todas as vozes de um corpo-escola deveriam ecoar com equivalência em uma trama a ser costurada de forma a acolher pulsões e significados e na qual sejam tensionadas e produzidas reflexões sobre suas próprias potências. Pensar a escola como um espaço no qual sejam valorizados, concordando com Alves (2000, p. 17), “modos de fazer cotidianos, artes que se colocam para além da racionalidade dominante e que jogam com as emoções e as intuições e a imaginação criadora e, sem dúvida, com uma outra racionalidade”. Modos de fazer restaurados em práticas cotidianas, que fundam uma *antidisciplina* (Certeau, 2014), na qual são articuladas alternativas de combate às lógicas hegemônicas, golpes preenchidos de pequenas astúcias, capazes de revolver as comunidades adoentadas. Racionalidades outras perpassadas pelas experiências de amores na reconfiguração dos sentidos.

Eduardo Galeano, em *O livro dos abraços*, escreveu o pequenino e forte *A cultura do terror*7:

O colonialismo visível te mutila sem disfarce: te proíbe de dizer, te proíbe de fazer, te proíbe de ser. O colonialismo invisível, por sua vez, te convence de que a servidão é um destino, e a impotência, a tua natureza: te convence de que não se pode dizer, não se pode fazer, não se pode ser (2017, p.157)

Encarar a aspereza dessas palavras e, mais, enfrentar a violência desse modus operandi de sujeição à lógica capitalista em vigor também nas instituições formais de ensino básico parecem ser as únicas formas de resistências reais e de formulação

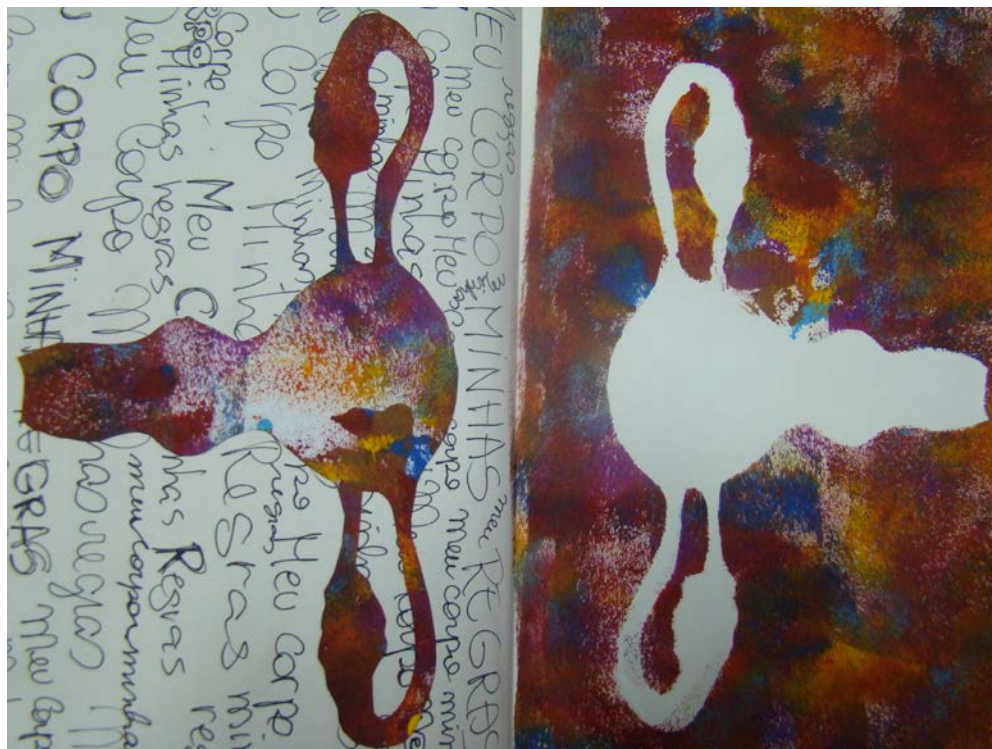
de currículos oficiosos consistentes. Deste modo, podemos considerar que todas as escolas são campos de batalhas. E não há mais tempo para melindres ou covardias. Se existe uma tarefa que deva constar fundamentalmente numa possível genealogia da educação, sem dúvida, é a de ensinar a lutar. Por luta entende-se um conjunto de proposições de interrogações, fortalecimento do caráter crítico e capacidade de articulação de estudos para ações efetivas. Faz-se mister a superação da repressão e do disciplinamento introjetados de fora para dentro das escolas. Abrindo estradas para práticas dialógicas, o trabalho pedagógico pode se ocupar de alternativas curriculares que se desvinculem da esfera econômica/política/pedagógica. Solos em estado de latência que, como nós, embasados no reconhecimento da existência e na garantia do estudo de múltiplas culturas que não param de transbordar, observam as narrativas descentralizadas e silenciadas ao longo dos séculos. A resgatar a educação da cela do capital, reverenciando lógicas de ser e não de ter, substituindo os apenas consumidores pelos também pensadores (e produtores conscientes), rechaçando a ênfase nos méritos e em competições, bem como discutindo a truculência de avaliações predatórias. Além disso, devemos enaltecer, num gesto de desobediência pedagógica, aprendizagens constitutivas de autopoiesis em detrimento de uma epistemologia de natureza mercadológica. A renúncia de uma servidão histórica e a recusa do estado de impotência recordam, ou seja, fazem voltar a passar pelo coração, uma confiança nada inocente, porque sabida das dificuldades, e um renovado senso combativo. Corroborando com Oliveira (2012, p.39):

Ao propormos fazer o “caminho de volta” da construção moderna da injustiça cognitiva por meio da promoção da ecologia de saberes, um *conhecimento prudente*, situando-a política e epistemologicamente na luta por uma *vida decente*, assumimos a necessidade da justiça cognitiva para a tessitura da justiça social, pois é ela quem vai permitir questionar, no plano epistemológico, as exclusões epistemicidas, as bases das discriminações e preconceitos que fundam a injustiça social, inclusive em suas piores formas genocidas e aniquiladoras.

A educação que acredito só se realiza e floresce pelos encontros de pessoas. Esses encontros sempre diferentes promovem a mágica do ensino – professores e estudantes (entre outros) são coautores dos currículos praticados –, relações de partilhas de afeto. São, a um só tempo, multiplicação e divisão de ânimo. Importa ser junto, ser no coletivo, atentos às diferenças, fortalecidos numa atmosfera de


inúmeras possibilidades e interesses, que acenam para o terreno de pluralidade enriquecedora: as várias culturas. Um ensino aprendizagem que vislumbre, no âmbito da educação básica, uma formação crítica e cidadã que lance olhares a configurações poéticas como fortalecimento cognitivo e torne possível autoconstruções e entendimentos sobre alteridades. Que se comprometa com liberdade, igualdade e prazer. Relatado através da flexibilização que só pode germinar do amor, do estar em comunhão. A incrível invenção diária da comunidade, do respeito às diferenças, aos espécimes únicos no tecido coletivo. Ao se apropriarem do espaço físico, estudantes e educadores podem subverter regulações e afirmar suas participações mais ativas na construção escolar e em suas formações: construir novos ideais comunitários, erguidos sobre suas próprias concepções de solidariedade e cooperação. Aprender a amar com os jovens: assobios para cotidianos escolares esculpido nos espaços vividos através do amor como sentimento motor de um ideal comunitário.

Figuras 19 a 40 - Trabalhos em cadernos de artista, temas escolhidos pelos alunos – Bianca, Isabel, Beatriz, Ana Clara, Gabrieli, Eloá, Gustavo, Beatriz M., Maria, Pedro, Lucas, Rogério, Luis, Yasmin, Tainá, Sílvia, Giovanna, Ana, Eloá, Leonardo, Lidiane, Aline, 2016-17.





I want to see you  
 smile again like diamonds  
 in the dust. The amazing  
 sound of the killing hercules. The  
 day that banks collapse on us.



uma minorite  
 da ligne  
 revolutionnaire  
 que n'est  
 plus une  
minorite!

EU LUTO  
 PRO SISTEMA  
 NÃO MORTO  
 FUI DEUS

DESTINO  
 DAS  
 NOSSAS

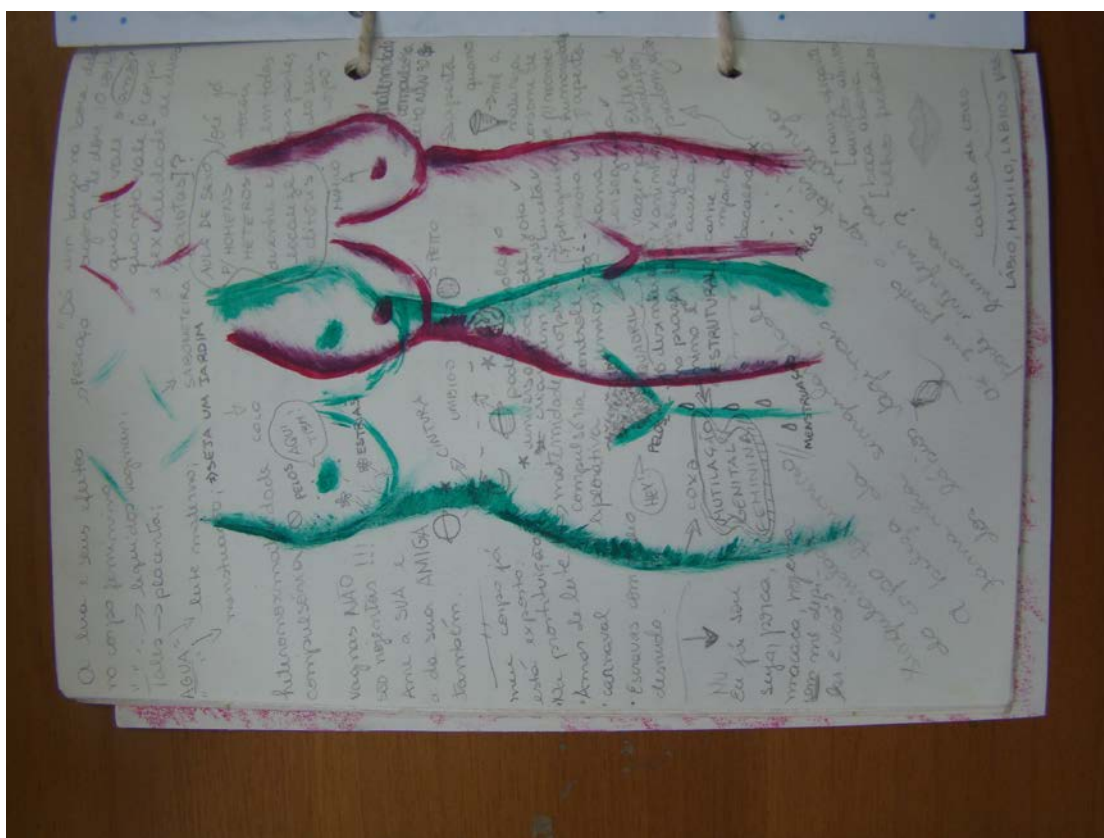
VIOLÊNCIA ARAVORA

UMA MORTE POR HORA

FEMINICÍDIO!!!

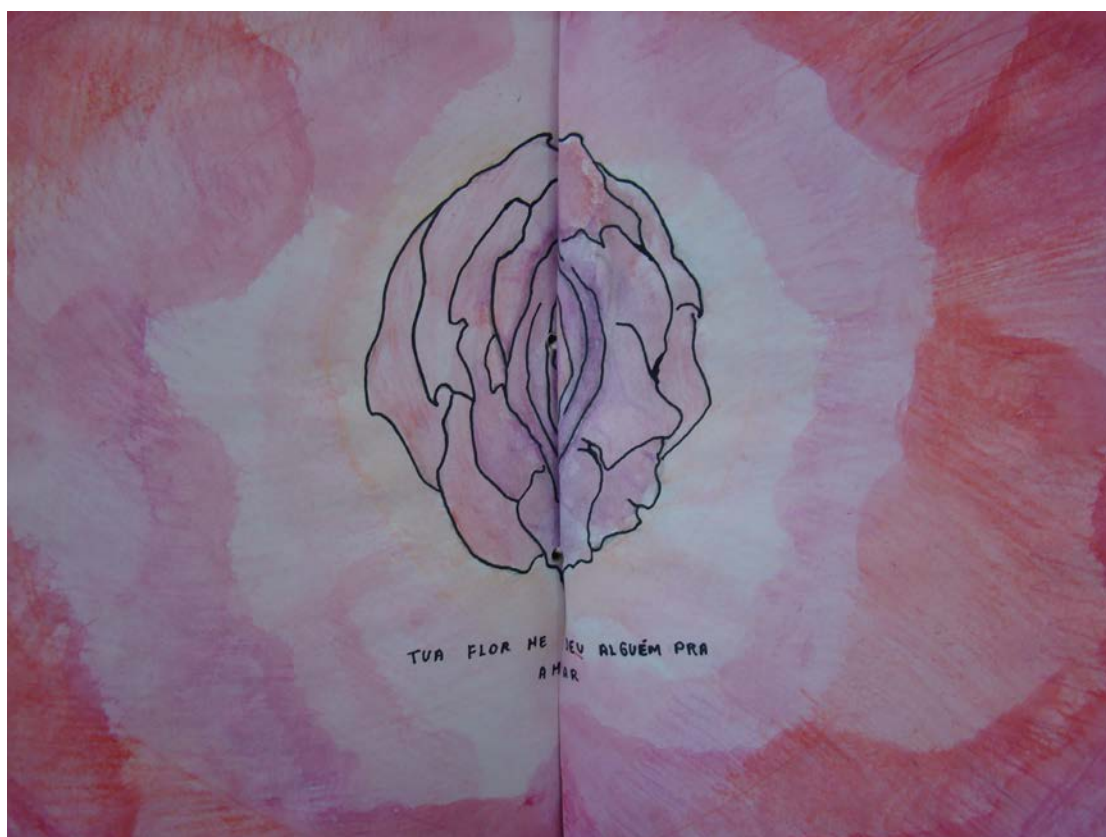
MULHER PERIFÉRICA  
 SISTEMA  
 TREM

Gravadas  
 para jogar e sem  
 obrigar, fantástica  
 febreira de quem do Jato!





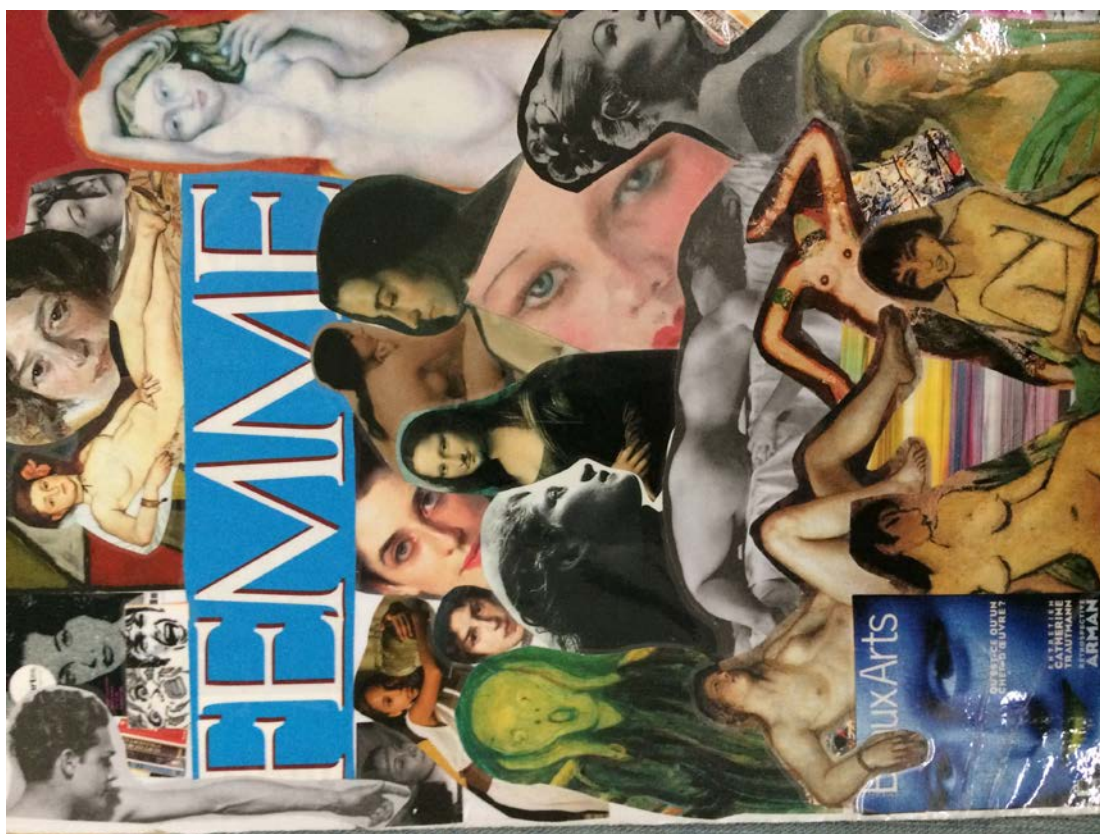
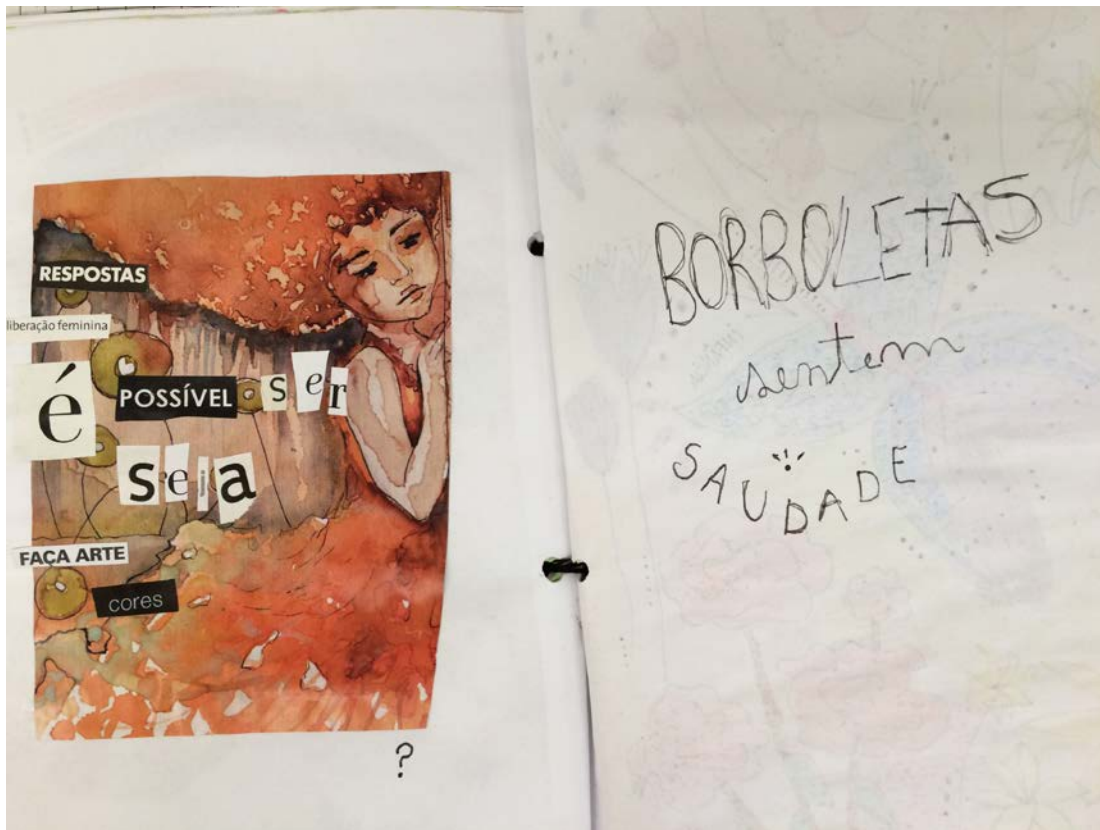




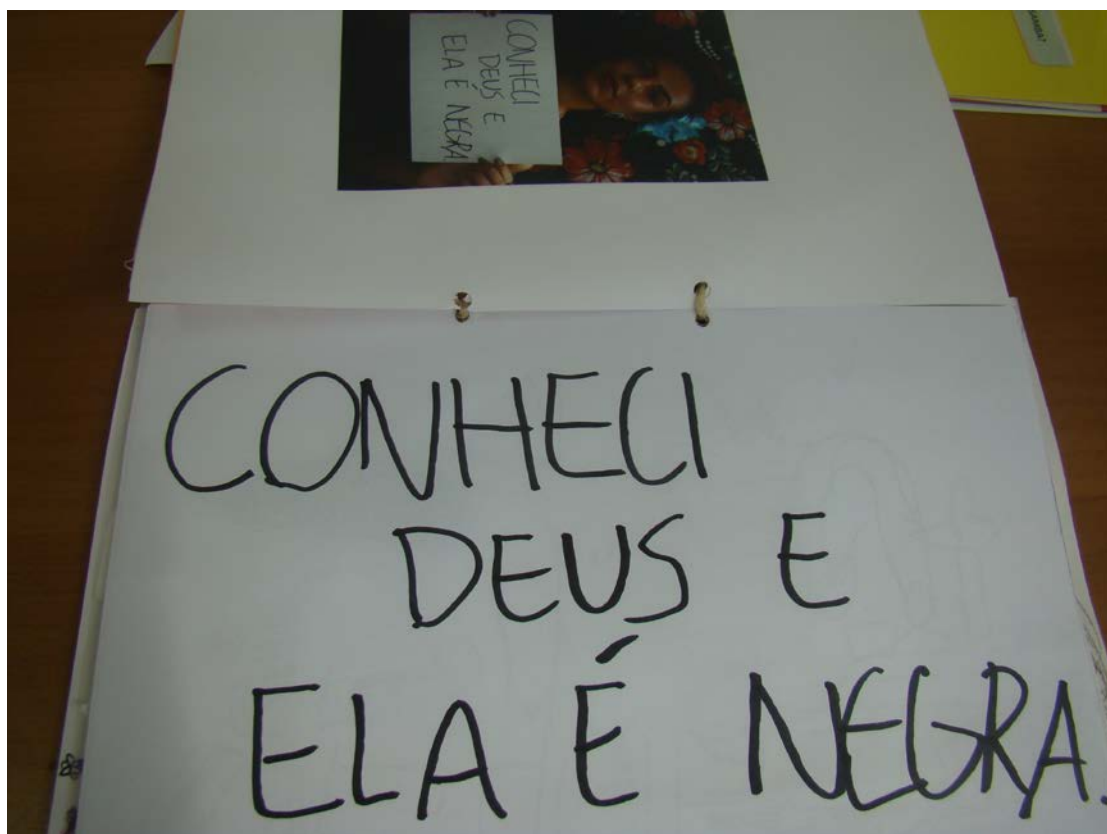








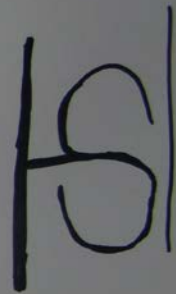







"VOLTA PRA SENZALA!"  
 "ACHEI VOCÊ SUSPEITO."  
 "VOCÊ É EDUCADO DE MAIS PRA SER NEGRO."  
 "SUA MÃE É BRANCA? COMO?"  
 "ODEIO PIVETES."  
 "VAI PRO FUNDO DO BUZO!"  
 "PERDI A BOLSA!"  
 NEGRO É GENTE, E ISSO OFENDE.  
 SOMOS NORMAIS, ANORMAL É O SEU  
 PRECONCEITO.  
 BERGO DA HUMANIDADE É MAIOR  
 CULTURA, PRAZER EU SOU

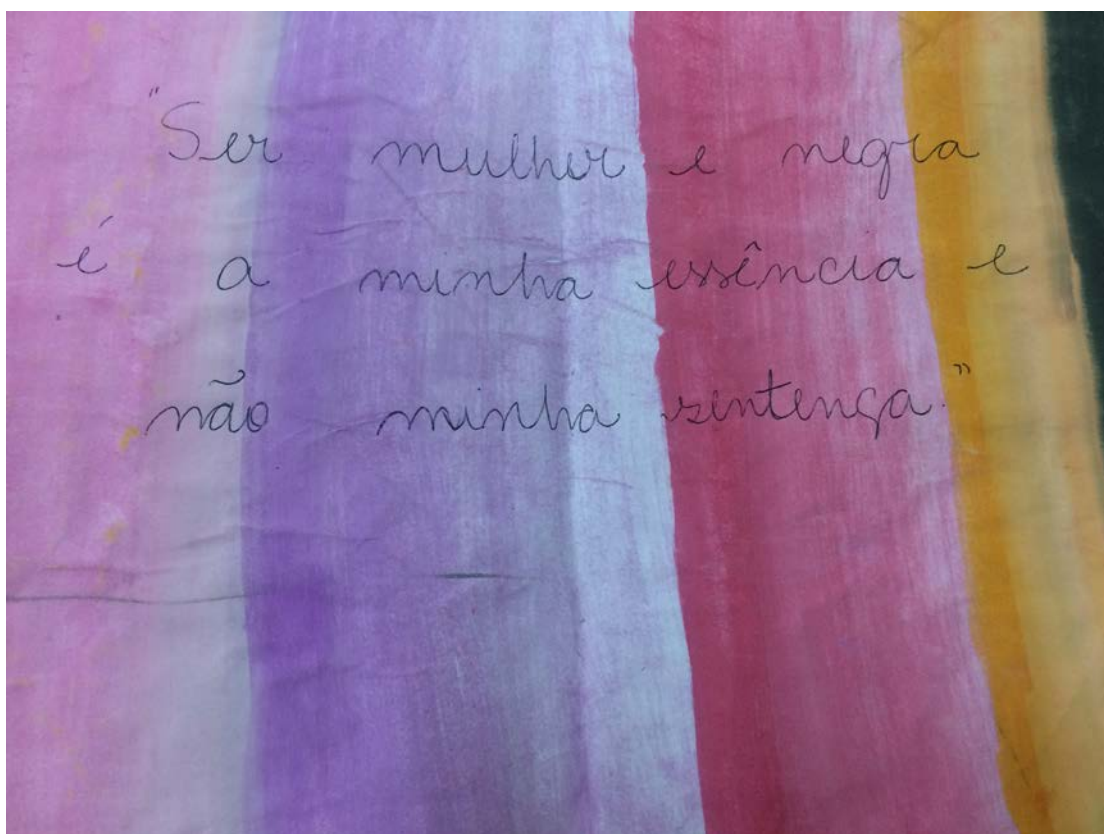
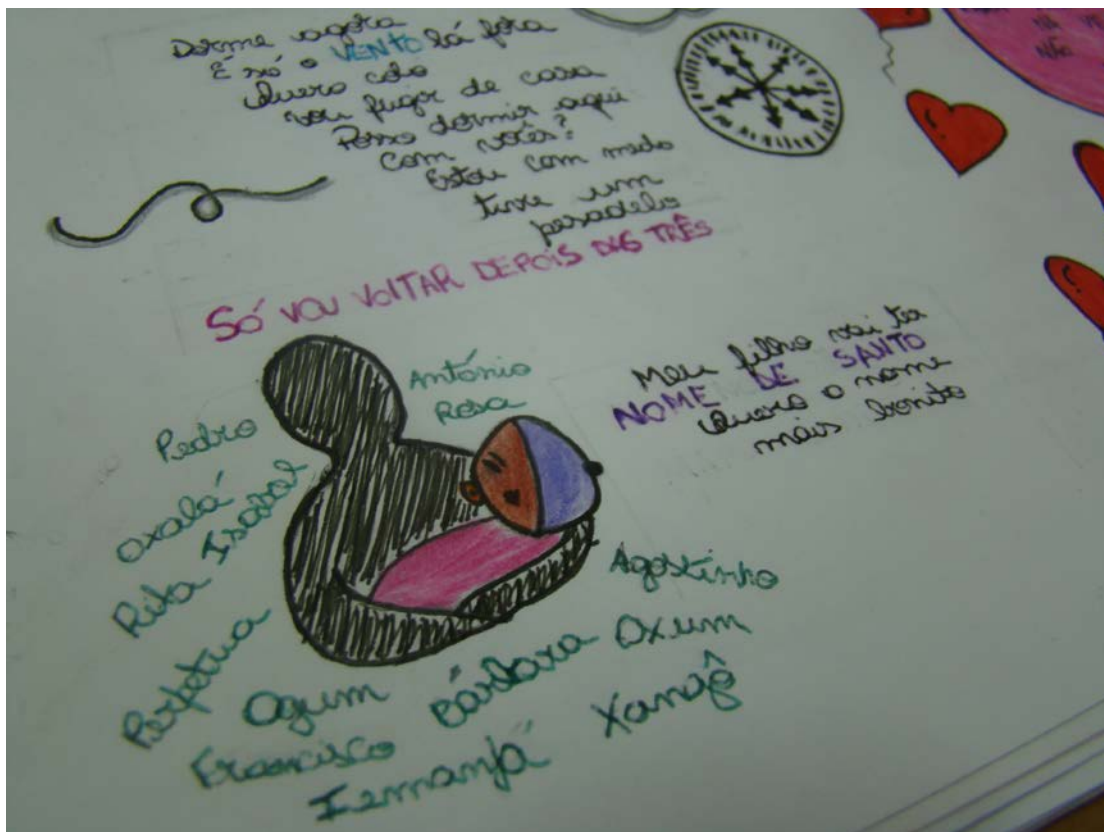
AFRICA!



UH SORRISO NO ROSTO, UNAPERTO NO PEITO IMPOSTO, IMPERTEITO, TIPO  
 ENCOSTO, ESTREITO. BANZO, VI TANTO POR AÍ, PRANTO DE CANTO, FAZEM  
 OS OUTRO RIR. NÃO ESQUECI DA SENHORA LIMPANDO O CHÃO DESSES BOX  
 CUZÃO. TANTA HUMILHAÇÃO NÃO É VINGANÇA, É REDEMÇÃO. UMA VIDA DE  
 ME-QUER. NÃO VITE. PROFUNDO. VER O PESO DO MUNDO NAS COSTAS DE  
 MULHER. ALEXANDRE NO PRESÍDIO, EU PENSANDO EM SUICÍDIO AOS 07  
 ANOS, MOÇA, DE ONDE VECÊ TIRAVA PORÇA? ORGULHOSO DE ANDAR COM O  
 LABDÃO, TROUXA! RECITANDO MALCOLM X SEM CORAGEM DE LAVAR UM  
 LOUÇA. PAPO DE QUADRADA 12, MADRUGADA E POSE, AS LIGAÇÃO QUE  
 NÃO FIZ TÃO CHAMANDO ATÉ HOJE. DOS REC NO DDOSE AO MEMBÉRIC  
 NORTE. O SONHO É UM TEMPO ONDE AS MENINAS NÃO TENHA QUE  
 SER TÃO FORTE. OUTRA FESTA, MEU BEH, TIPO ORKUT: MAIS DE 1000  
 AMIGO E NÃO LEMBRO DE NINGUÉM. GRUNGE, AJICE INCHMINS, DU VOCE  
 VIVE LADY GAGA OU MORRE PEPE E NENÉM. LUTA DIÁRIA, RIO DA NAVAL  
 MARCAS? VÁRIAS: SENZALAS, CEGARIAS, CICATRIZES, ESTRIAS VARIZE  
 CRISES. TIPO LULU, MEH SEMPRE É SO EASY. PRA NÓS PUNK É QU  
 AMAMENTA, ENQUANTO ENTRENATA  
 TANQUE, AS ROUPA SUJA,  
 AMACIANTE. BOHBA A  
 NUH QUADRO AO LÉU  
 QUADRADO E BANCO  
 FLAGRANTE. DESAFIA  
 MÔ TRGTA QUANDO EU  
 VI DEUS E ELE ERA  
 MULHER PRETA. O  
 NASCEU: É HOHEH. NÃO  
 MENINO. MIGUEL BEBEU  
 DIAS DE ALEGRIA, EU  
 VIRA, NASCEU. E EU NEM SA-  
 ALGUEM PREVENIA: "FILHO É PRO  
 MEU. SENTIA A NECESSIDADE DE  
 CAVA O AMOR DAS COISAS DESEJA.  
 AMARIA HUITO + ALGUEM QUE SAU  
 ME SENTIA COMO A TERRA: SAGRADA  
 SA, SALTOU DO MEU VENTRE, CONTEH-  
 SÁBADO, GENTE!!!  
 MÃE - ENCHIDA



A VIDA SE  
 TODO INSI  
 QUE SO  
 DOS PÉU  
 VAI DA  
 DISSER  
 UMA  
 3º FILHO  
 AINDA É  
 POR 3  
 DISSE QUE  
 BIA COMO SE  
 HUNDA. NÃO O ME  
 TER ALGO NA VIDA...  
 -DAS. ENTÃO PENSEI  
 DE DENTRO DE MIM B +  
 E QUE DABULHO, QUE LAMP  
 TE, E PARECIA DIZER: "



## 2.5 Cotidianos petrosecundenses

Muitas vezes as pessoas dizem agir com o coração e acabam não apenas se ferindo, como ferindo as pessoas à sua volta. Agimos insensatamente e colocamos a culpa no nosso coração – ele bombeia sangue, apenas. O “coração” da poesia não está no peito, mas no cérebro, ao lado da razão: o sentimento e a lógica complementares, e não opostos, por isso não podemos ser racionalistas frios nem sentimentais frágeis. Precisamos de toda linha de pensamento que somos fornecidos quando nascemos – por isso, quando sair de casa, não esqueça de levar na mochila a cabeça inteira também. (texto de um projeto de um objeto artístico, escrito por um aluno)

O Colégio Pedro II é um dos mais antigos colégios do Brasil. Fundada em 1837, esta instituição pública de ensino básico federal é extremamente tradicional. Embora venha se modificando com o passar dos anos, por muito tempo serviu como escola-modelo, referência para os outros colégios do país. A forma de acesso do corpo discente é realizada a partir de sorteios e concursos de acordo com o ano escolar pretendido. Esse sistema sempre conferiu certo prestígio ao colégio, calcado numa pretensa elitização, decorrente de seleção rigorosa. Nos últimos anos, porém, apesar da manutenção das vias de entrada, os concursos passaram a contar com um sistema de cotas sociais, garantindo acesso um pouco mais democrático. Isto vem mudando o perfil do alunado e fortalecendo a necessidade, se já não suficientemente vinda dos processos de globalização, de atenção à diversidade e à multiculturalidade – agora, mais ainda, próprias do corpo desta escola. Em 2012, o Colégio – composto por catorze *campi*: doze na cidade do Rio de Janeiro, um em Niterói, um em Duque de Caxias e uma Unidade de Educação Infantil – foi equiparado aos Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia. Atualmente, estão matriculados quase 13 mil estudantes em turmas desde a Educação Infantil até os Ensinos Médios Regular e Integrado. O Colégio conta também com a Educação de Jovens e Adultos (Proeja), além de mais de 2.400 funcionários (desses, 1.409 professores e professoras).

Esse breve panorama dá conta de apresentar o Pedro II, possibilitando vislumbrar seu tamanho. Embora regido pela intercomunicação entre suas partes, é seguro afirmar que sua heterogeneidade se coloca como enorme desafio frente a uma tentativa de manutenção de um currículo tratado de maneira majoritariamente uniforme – sobretudo quando há indagações colocadas pelo cotidiano, então brechas ressaltadas por currículos praticados como invenções diárias. Diferentes

maneiras de fazer escolas dentro de um grande colégio, amparadas efetivamente pelas relações estabelecidas entre educadores e estudantes, ou melhor, por todas e todos que integram a comunidade escolar, com seus repertórios e sonhos. A pluralidade dos personagens dessa história é justamente a riqueza do Pedro II e, portanto, sua alma, aquela que anima a construção de um colégio alicerçado na busca permanente pelo dinamismo e pela atualização ante a necessidade de práticas educativas justas e libertadoras, que evitem discriminações e opressões. Contudo, isso não quer dizer que, diferentemente da maioria das instituições de ensino básico do país, o Pedro II seja uma ilha sem problemas ou questões sensíveis. Ao contrário, por sua grandiosidade, representatividade e pela diversidade que acolhe, é um território de muitos embates e contínua reformulação. Fronteiras vigiadas, excessivo controle externo e interno são aspectos presentes na rotina do Colégio, que, assim como tantos outros, também tem sofrido duros golpes com o projeto de desmonte da educação pública brasileira: cortes orçamentários, falta de funcionários para vários cargos, políticas pedagógicas nacionais forjadas em desacordo com práticas democráticas etc.

Curiosamente, alguns dos traços principais desta escola resplandecem como faces boas e ruins ao mesmo tempo. Sua aclamada história, que vem sendo vivida e escrita há 180 anos, narra o percurso de uma instituição que foi atravessada e transformada por um sem número de acontecimentos econômicos, políticos, sociais e ideológicos. De um passado de glória – formação de figuras ilustres no cenário nacional, referência ao ensino básico de todo país, estruturas sempre avançadas – aos dias atuais, o imaginário coletivo talvez funcione como mola para novos impulsos, sobretudo por um profundo respeito à memória. Mantém-se como nascedouro de ideias, proposições e experiências. Por outro lado, esta espécie de fama faz recair sobre seus espaços uma observação agressiva, intensificada nos últimos anos por olhos de grupos político-religiosos emergentes, que têm intenções de reverberar suas crenças como bases também para currículos escolares, alimentando uma época de conflitos e muito desgaste. Tais grupos apoiam-se em certezas contaminadas por conservadorismos e tentam conturbar o cotidiano escolar, lançando-as como pequenas granadas. São pessoas que integram o programa chamado *escola sem partido* (pais de alunos, políticos ou outros indivíduos alinhados com essa plataforma), que incoerentemente prega a frase “por uma lei contra o abuso da liberdade de ensinar”. Propondo uma lista de deveres aos

professores, calcada no silêncio, na omissão, na censura, na ausência de liberdade de expressão, que são exatamente passos para uma anulação dos docentes em sala de aula – se não puderem ser humanos, melhor que os estudantes passem a aprender com máquinas. O *escola sem partido* é nocivo precisamente porque tenta limitar e impedir o educador de desenvolver sua prática justa e libertária, ferindo os princípios da educação democrática, na medida em que acredita na possibilidade de uma formação pela metade – seleciona conteúdos e apresenta modelos com vistas à moralidade e à política que pretendem e exercitam –, infringindo a lógica de ensinar tudo para todos. Aproveitam-se, com efeito, da visibilidade que o Colégio tem e armam circos com uma mídia associada, ventilando acontecimentos de dentro da escola através de discursos parciais, mentirosos e de ódio. Rondam como fantasmas espalhando receios fabricados e organizam perseguições a servidores e educadores, disferindo ameaças em redes sociais e levando casos que consideram abusivos em relação ao que promovem ao Ministério Público. O Colégio tenta se manter combativo: discute, como reação, a *escola sem mordaza*, realiza ações e debates, resistindo a incursões como estas. O Pedro II não para de lutar para garantir práticas dialógicas inclusivas, que não apartem, mas que pensem o momento, problematizando suas forças e tensões, acreditando no desenvolvimento do caráter crítico de seus estudantes.

Assim como qualquer outro corpo plural, parece haver e caber de tudo neste colégio: é exatamente um microcosmo. Fortalezas delimitadas por seus muros e grades, mundinhos vividos e carregados por uma legião. Como em todo reino, as belezas reacendem as feridas, que, por sua vez, tentam se curar, mas nunca cessam de aparecer. Altos e baixos tratados. Nem sempre tão equilibradamente, mas em certa coreografia harmoniosa – uma possível resposta ao tempo, que me parece escolhida diante das intempéries. Como modestos jardineiros em aprendizagem, cultivamos um orgulho que parece sempre ter existido por ali, vivemos para rememorar-lo como uma tradição inventada, certa herança de um passado coletivo. Reconhecemos que nem tudo são flores, impulso de um cotidiano que se entrega como tesouro que evita vaidades. Somos carregados por essa atmosfera agri-doce – passado que nunca se esquece, futuro que a cada segundo já é –, meio colo de nuvem, meio cama de faquir. Presentes azeitados entre jeitinhos, pequenas gambiarras, algumas resoluções-chave, metamorfoses possíveis. Operamos sobrevivências entusiasmadas sob intensos temporais ou campos



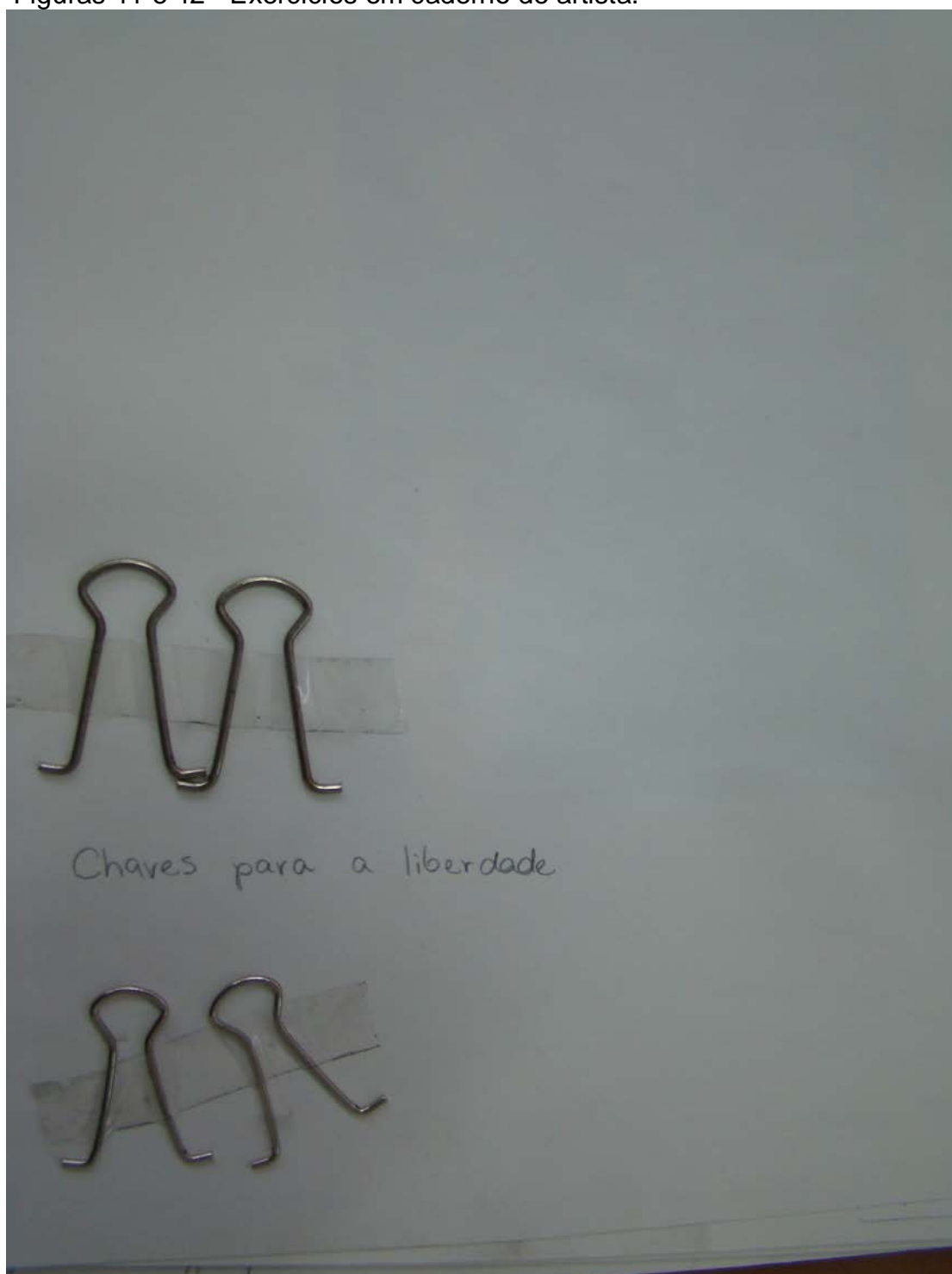
minados, brincamos de pular os ovos pendurados em balões vermelhos. Porque as escolas permanecerem de pé já demonstra verdadeiros milagres.

Essas maravilhas chamadas escolas devem funcionar um pouco como coração de mãe, nos quais, como dizem por aí, sempre cabe mais um. De todos entrarem, fazem-se comunhões servidas com banquetes e ruggas, entre beijos e tapas – lugares de estar e viver juntos. No Pedro II, somos atualmente mais de quinze mil pessoas: um universo regido por muitas luzes e forças. E são também suas habitantes certas farpas que moram anos sob a pele, machucando diariamente sem sangrar, até atropelos e lesões mais doídas. Apesar das falas empolgadas, não posso virar as costas àquilo que se coloca como pedra no caminho para um projeto de escola mais humana. Neste Colégio ainda há muito para se fazer em direção a um sistema de ensino democrático. Os dados que lançarei adiante estão no âmbito interno, a serem refletidos e discutidos pela comunidade escolar, maior interessada em brigar por mudanças. A primeira questão que deve ser posta é sobre a forma de acesso dos estudantes à instituição, pois um colégio que impõe avaliações baseadas em méritos e conhecimentos específicos como forma de aprovação para entrada de alunos registra desde o começo atos de seleção e discriminação, impensáveis para uma escola pública que se pretende justa. Já pelos corredores da escola, outras implicações: a maneira como os conteúdos programáticos são elaborados, a divisão de carga horária semanal entre as disciplinas (matérias) e o sistema formal de avaliações são algumas delas. Os programas das disciplinas muitas vezes ainda soam desatualizados, quando permanecem ligados à ideia de conhecimentos estanques. Há uma separação entre saberes e uma rejeição ao embate e tratamento de novos temas hibridizados aos conteúdos específicos – fecham-se às repetições e falsas verdades (tratarei diretamente da disciplina da qual sou professora no próximo capítulo). Outro problema que se coloca é uma grade curricular que mostra a diferença de valor que é dada a cada disciplina: há, por exemplo, matérias com quatro ou cinco tempos semanais e outras com apenas dois. Impera um governo das disciplinas ditas exatas, ratificando uma visão hierárquica dos saberes. Por fim, perpetua-se uma cruel semana de provas – maior peso nas médias trimestrais –, que leva os alunos à exaustão e tem sido responsável por registrar altos índices de estresse e ansiedade. Talvez o único alívio e aceno para novos tempos neste quesito tenha sido a extinção do jubileamento em 2015, acabando com mais uma das sentenças de exclusão da escola.

Esses são alguns dos enfrentamentos que urgem atualmente no Colégio, com pretensão de mexerem drasticamente nas relações de poder e, por isso, não é difícil considerar a necessidade de constantes negociações para se efetivar passos milimétricos. Momentos que escancaram aqueles que não aceitam perder nada (ou trocar), mesmo que seja para que a maioria ganhe. Verdadeiros cabos de guerra em nada infantis, duelos de forças que por vezes respingam soberba ao invés de responder criteriosamente às demandas do coletivo. Pequenos acordos e muita discordância. O cotidiano escolar se faz nessas diferenças e batalhas. Fontes de encorajamento. Acredito profundamente que a necessidade de existirmos de outra maneira, diante da percepção da decadência e inviabilidade deste sistema, faz brotar aparatos transmutadores alimentados por energias de um amor engajado. Apoio-me, sem medo de cair, no que diz Paulo Freire (2001, p.115-116, grifo nosso):

Sou *professora* a favor da luta constante contra qualquer forma de discriminação, contra a dominação econômica dos indivíduos ou das classes sociais. Sou *professora* contra a ordem capitalista vigente que inventou esta aberração: a miséria na fartura. Sou *professora* a favor da esperança que me anima apesar de tudo. Sou *professora* contra o desengano que me consome e imobiliza. Sou *professora* a favor da boniteza de minha própria prática, boniteza que dela some se não cuido do saber que devo ensinar, se não brigo por este saber, se não luto pelas condições materiais necessárias sem as quais meu corpo, descuidado, corre o risco de se amofinar e de já não ser o testemunho que deve ser de *lutadora* pertinaz, que cansa mas não desiste.

Figuras 41 e 42 - Exercícios em caderno de artista.



Fonte: Elisa, 2017.



tudo que é  
sólido se  
desmancha  
no ar.

#### LIBERDADE

Não ficarei tão só no campo da arte,  
e, ânimo firme, sobranceiro e forte,  
tudo farei por ti para exaltar-te,  
serenamente, alheio à própria sorte  
Para que eu possa um dia contemplar-te  
dominadora, em fêrvido transporte,  
direi que és bela e pura em toda parte,  
por maior risco em que essa audácia importe.  
Queira-te eu tanto, e de tal modo em suma,  
que não exista força humana alguma  
que esta paixão embriagadora dome.  
E que eu por ti, se torturado for,  
possa feliz, indiferente à dor,  
morrer sorrindo a murmurar teu nome.

Carlos Marighella

São Paulo, Presídio Especial, 1939.

## 2.6 Meu São Cristóvão querido

Quando os dias começam a ficar esticados demais como se sobrassem horas, quando nos sonhos repetidamente as músicas são entoadas por uma ou outra aluna, quando não para de vir à cabeça ideias e temas para novas aulas, e a cada novo filme visto ou livro lido procuro reter algo para compartilhar, quando faz falta até o pão de queijo da barraquinha da esquina e o guaravita da cantina, sem falar da insistência das lembranças dos afagos e piadas, sinto desconfiadamente que apesar de adorar minhas férias, elas já dão sinais de fumaça de que estão na hora de acabar. É tudo saudade na ausência da minha escola. Certo, nos dez primeiros dias uma sensação de alívio, descanso. Pés pro alto até que, sem perceber como, zero e recomeço a contar os dias para o retorno. Voltar aos braços do meu São Cristóvão querido, é das melhores sensações de completude que tenho experimentado no mundo.

O campus III parece um apêndice no complexo de São Cristóvão, meio acanhado, de introspecção bege, fica entre o primo pobre e o patinho feio; visto de fora, em nada faz jus à alegria dos jovens que passeiam e fascinam dentro do prédio. É uma caixa modernista, linhas retas, um pouco cavernosa é verdade: reduto do Ensino Médio. Já a arquitetura viva estruturada pelos corpos todos, ah! essa faz brilhar os olhos. São uma multidão de serpentinas lançadas pelo ar e derramadas pelos metros quadrados daquele colégio. Cores, posicionamentos e direcionamentos variados. Esticam-se e encolhem-se conforme as estações do ano, em alguns momentos, isto ocorre em frações de segundos. Vez por outra vira um bolinho emaranhado no chão. Quando não, flutuam com belas asas correndo os céus além salas. Nesse carnaval tem bloco do eu sozinho, alas dos e das baianas, comissões de frente e de contestação, diretoria com a batuta na mão, harmonia tocada dos bastidores, casais de mestre-sala e porta-bandeira, de mestre-sala e mestre-sala, de porta-bandeira e porta-bandeira, rainhas e reis de bateria: tem gente de perna de pau, outros de pés descalços, adereços de xerife, pirata, super-herói, bobos da corte – uma escola-festa. Farra séria. Porque os carros alegóricos quebram pelo caminho e reclamam por revisão. Porque é preciso garantir o direito de se trocar a fantasia no momento desejado. Porque é necessário exigir refresco e curativos para o longo trajeto na avenida.

São Cristóvão III é aglutinação e mistura de gente de todos os cantos da cidade - maior campus do Ensino Médio, trinta e oito turmas – reunida no bairro da zona norte, barulho de trem, sabor de queijo coalho com melão da Feira dos nordestinos, do cheiro de perfume de mulher da antiga e ainda ativa área de prostituição, dos resquícios da imponência real da Quinta da Boa Vista. Aí celebramos o ensino e a aprendizagem, arriscamos pensar e fazer o cotidiano compreendendo que devorar a vida é ato de sabedoria.

### **3 ESCOLA CONTEMPORÂNEA E ARTES VISUAIS**

Apreendi com Rômulo Quiroga (um pintor boliviano):

A expressão reta não sonha.

Não use o traço acostumado.

A força de um artista vem de suas derrotas.

Só a alma atormentada pode trazer para a voz um formato de pássaro.

Arte não tem pensa:

O olho vê, a lembrança revê, e a imaginação transvê.

Isto seja:

Deus deu a forma. Os artistas desformam.

É preciso desformar o mundo:

Tirar da natureza as naturalidades.

Fazer cavalo verde, por exemplo.

Fazer noiva camponesa voar – como em Chagall.

Agora é só puxar o alarme do silêncio que eu saio por aí a desformar.

Até já inventei mulher de 7 peitos para fazer vaginação comigo.

*Manoel de Barros*

Figura 43 - Aquarela em caderno de artista.



Fonte: Victória, 2017.

### 3.1 Diálogo: o que é Arte?

O que é arte?: será esta a interrogação da vida? Quantas vezes me indaguei ou fui questionada sobre isso? Talvez perca em número de tentativas de respostas apenas para o rotineiro: tudo bem?. Então seria a pergunta-tesouro? A perseguição-dia? De certo, a fascinação inesgotável sua própria natureza: há? Esse conjunto não totalmente fechado, a permitir interseções. Estimulante beira. Gramado que pinica através da calça em tarde de arco-íris. Eterno pensar e pesar. Conceito gigante de preconceitos tantos. Quem sabe mora nas ventanias? E seu eu tivesse criado a palavra arte? O que seria? Quem caberia? Às vezes, parece que a arte tem dono; outras, que é anarquista. Lambe parede. Chuta balde. E pisca. Pisca, sem cessar. Caminha com a humanidade: histórica, política, economicamente – de novo! Existe um dentro da arte? Pérola ou dente? Mandinga e suor. Pedrinha no sapato, espelho embaçado, abraço de namorado. Infinitudes a parte; batismos reivindicados a cada estação, insistência em pôr rédeas em campos simbólicos. Arena de touros. E no entanto, ela permanece, ainda que gire. Onde margem, onde mar, quando estrada ou plantação. Holofote ou candeeiro. Mármore e chão. Dedos calejados e botões. Formas, suspensões, ações. Cortejo, maremoto, vertigem e gozos altos.

Sentada à direita de deus pai, julgando vivos e mortos. Sobrevoos. Distâncias e muros erguidos aos bolos de papéis. Discursos ágeis. Podres poderes.

Sistema fechado e aberto, fechado e aberto, fechado e fechado. Abre, abre, abre, esgarça a persiana para marejar. Brisa vegetal. Toma!

Chiclete mastigado na engrenagem, palito de dente por baixo da unha, cisco no olho, zumbido de mosquito nas madrugadas quentes.

Sistema fechado e aberto, fechado e aberto, fechado e fechado. Abre, abre, abre, esgarça a persiana para curar. Brisa animal. Beba!

Essa graça que habita de ausências as respostas, só começo: meios entreveros, meros cachecóis. Sabe da imensidão e de miniaturas.

Sistema fechado e aberto, fechado e aberto, fechado e fechado. Abre, abre, abre, esgarça a persiana para animar. Brisa humana. Mova!

Arrebol despertar da manhã de outono fresco. Bem-te-vi. E chuva pinga gotas dias a fora inverno cinzento. Mas ainda jazz, como Miles Davis na vitrola azul.

Palavreta de quatro letras: decifro-te ou me devora! Dancemos. Recrio-te a cada esquina. Piruetas a zelar por ti, querida. Vastidão.

### 3.2 Passeios – arte, que te quero vida (arte?)

A arte – esta forma específica de comunicação humana – molda nossa estrutura psicológica, nossas emoções, nossa linguagem, nossa visão e avaliação, nossa compreensão do passado e do presente, nossos sentimentos sobre as pessoas e nossa sensibilidade. Ela é uma importante produtora da nossa ideologia.<sup>1</sup>

Movo-me entre sorrisos e calores intensos, enquanto luto para afiar os dentes e rasgar os escuros da vida. Mais fera encurralada do que a poeta que escolheria. São os cansaços que me tonteiam. Golpes a seco. Essa estranha insistência em acreditar apesar dos sobreavisos da desconfiança – entre a fé e a arrogância de achar possível consertar o mundo. Ou, leve a vida de pirata. Quantas pernas ainda tenho? E onde meus porquês me justificam? Não sei... Não sei. Medos meio anzóis. Iscas furadas. Nem reza, nem vela, nem fita amarela, só canto. Espanto provisório para os males. Caminhando contra os ventos até o pote de ouro, que pode nem existir longe do arco-íris. São aflições: tateios cegos. Crente inveterada de alguma magia que sobre do templo das artes na cordilheira contemporânea. Aprendendo desenganos pisco com um olho só ao menor sinal de arrepio. Cultivo a mania de me dar a encantos, podendo estocar na gaveta da cabeceira incontáveis desculpas para continuar. São estratégias de sobrevivência.

Repito desejos como quem não se importa com a moda da estação. Revejo os encaixes. Me desajusto. Preciso sistematicamente me questionar a respeito dos tijolos. E gosto quando flutuam minhas ignorâncias – me amenizam. Tenho praticado a elasticidade fruto das dúvidas tantas e procurado reorganizar a casa desarrumando a sala. Quero a sorte das mudanças das marés. Não sei se os sonhos já começaram, é que passados ainda tardam (e agora fugidios). A roda da fortuna gira. Roda viva. Incansáveis retornos e as mesmas buscas. Diante das ideias desbotadas, refluxos. Insônias aventureiras. Estão todos os faróis acesos quando as sombras se escondem? Quais constelações moram no profundo? Saídas para caçadas abrigam extinções e alimentos. Seios fartos que não se recolhem mas exaustam. Maçã doce e desatino. Riquezas que saltam ao pensar que é capaz de ensinar até o que não se sabe. Ou entender que se ninguém pode ensinar nada a

---

<sup>1</sup> Joost Smiers. p. 30.



ninguém, podemos ao menos nos desensinar juntos. Então nos aprender. Defendo a arte como meio. Presente.

### 3.3 Recortando para costurar

Talvez vivamos como seres embrenhados que, um tanto perdidos após a bússola quebrar, aceitam mirar um relógio de areia. Fusos horários em confusão; rodeios entre registrar e deslimitar. Escreve Agamben (2009, p. 65): “ser contemporâneo é, antes de tudo, uma questão de coragem: porque significa ser capaz não apenas de manter fixo o olhar no escuro da época, mas também de perceber nesse escuro uma luz que, dirigida para nós, distancia-se infinitamente de nós”. Por isso, seres raros: os que chocam os tempos por não acharem respostas e por já não poderem escapar à sua perseguição. Nadam entre as sombras do agora, sabidos que estão a léguas de distância de pontos luminosos e que podem trazer à tona o passado que revigora as existências, ou assobiar ao futuro. Essa é a prática do contemporâneo: viver no presente inalcançável. Conjugam os tempos, traçam conexões que explicitem narrativas, enquanto apreendem a relação entre a luz fugidia e a escuridão contínua. Poucos convencem-se e animam-se para imprimir transformações. Como fazê-las? Que tarefa curiosa insistir em caminhos sem chegadas determinadas. Rumo aos desconhecidos, numa de ceder o corpo à própria era para respondê-la, mas de maneira anacrônica, já que não há fuga possível, tampouco pertencimento exclusivo. Enveredar por habilidades afirmativas para discussões e ações ante as trevas, numa aposta de outras direções para a(s) história(s). Poder observar o próprio tempo, entre aderências e distanciamentos – tomadas de fôlego para olhares sobre as fendas que se instauram no presente.

O que há nos escuros da arte? Quais escritas contemporâneas se lançam sobre suas faces? Quantas regiões mais ou menos claras compõem esse grande campo polissêmico? De que maneiras a arte é capaz de construir canais de quebra e respiração, enquanto sistema simbólico e de produção poética fundantes da condição humana, empenhados na transformação de sentidos pré-estabelecidos e ancorados? Nesta ocasião vale uma pergunta sobre a função da arte? Ou, por que importa pensar e fazer arte como alternativas de articulação de saberes e experiências que fortaleçam a ideia de comunidade, na qual a política seja baseada na amizade e a igualdade seja praticada como forma de justiça? Possível sombra.

Melhor seria falar em artes, aceitando o plural como princípio. Não origens, mas derivações ou trânsitos. Acolhendo mestiçagens e hibridismos da já surrada mas ainda globalização – coreografia centopéica. E em forças como horizontes.

Para onde balançam e o que se espera dos artistas contemporâneos? Navegantes do oceano planetário, instados a comparecer com alegorias locais, numa troca quase desarmoniosa de posições para sorrisos folclóricos. Superar a espera por um resquício fetichizado de uma identidade cultural e repensar as singularidades que advêm das pesquisas que levam em conta artes como atividades que possibilitam re-ver o mundo, sempre percebidos das carências simbólicas rotineiras, em busca de ressignificar as relações. Mas não se trata de deveres, tampouco de achar generalizações. Há um cenário embaralhado, afinal, o escorregadio universo das artes persiste na raiz da complexidade, qual labirinto envidraçado. Venham, seus tíquetes serão gerados para entrada no parque com direito a brincar no grande carrossel: tome seu assento, cavalinho ou vagão da carruagem – mercado místico. Talvez os artistas continuem perseguindo a produção poética justamente por não saberem exatamente o que são as artes, como um exercício menos definitivo, que ecoam seu caráter de organismo vivo em desenvolvimento. Talvez apostas. Talvez saídas.

Viremos algumas peças: o que compreendemos hoje como artes é algo que vem sendo transformado ao longo dos séculos. De alguns fazeres e ofícios, dos saberes e certas habilidades, das oficinas e dos gênios, da autonomia e da área de conhecimento específico à interculturalidade e aos artistas propositores: um conjunto de práticas mais ou menos livres, quase sempre determinadas por relações de poder e legitimação, a serviço dos interesses de uma minoria de decididores. Estes, por sua vez, corroboram para um potencial segregador de um tipo de arte. Essa é a face trazida à discussão por Roger L. Taylor em seu livro *Arte, inimiga do povo*, o qual, em parte, trata de esmiuçar o caminho através da antiguidade, a “criação” da arte aristocrática como símbolo de status e diferenciação social e a remodelação burguesa pós-industrial com a assimilação de padrões e juízos herdados do Antigo Regime. Segundo o autor, a arte carrega ainda hoje estes resquícios e perpetua um conhecimento que reforça certas hierarquias sociais, separando aqueles que têm direito a este mundo, que seriam considerados superiores, daqueles que deverão aceitá-lo sem tomar sua parte, inculcando-lhes uma sensação de ignorância e inadequação. Taylor afirma que “a superioridade do mundo da arte precisa ser

desafiada não apenas por não conseguir se justificar, mas principalmente porque é parte integral da opressão social infligida à maioria das pessoas” (2005, p.32). Expõe ainda que aquilo que é tido como artes deve e muito à tradição propagada e à recomposição que é ditada pelas preferências da alta burguesia artística, porquanto estas são as ideias que muitas vezes compõem o conteúdo específico de seu ensino nos sistemas educacionais, que não cansam promover um grande apartheid. As instituições de ensino reiteram os valores da “alta cultura ao considerá-los conhecimentos norteadores da vida em sociedade e, embora arrisquem defender-se com a carta do sucesso prometido ou da mobilidade social através da transmissão de certas verdades, fazem-no de maneira elogiosa e anticrítica, corroborando para uma maior discrepância entre saberes, para um desbalanceamento entre culturas e, enfim, para uma subalternização das massas. Aquilo que interessa às elites vai sendo absorvido e elevado à categoria de artes, enquanto muitas outras manifestações são rechaçadas ou, quando conseguem, sobrevivem às margens. Taylor encerra o livro concluindo que a arte é um valor e que, conquanto este não deva ser ignorado, deve-se a ele resistir. Apesar de ser um bom ponto, limitar a arte como valor parece condená-la à prisão perpétua na ala da vilania ou ao isolamento na solitária (onde ela jamais caberia). Ademais, é possível que haja recursos aos subterrâneos sombrios, lavas alternativas contra demonizações. Brechas. Por ora, sigamos.

Apontando para outros rumos, Néstor García Canclini oferece uma segunda indicação em seu *A Sociedade sem Relato – Antropologia e Estética da Iminência*: “ao multiplicar os pontos de vista e decifrar as alianças entre experiências subjetivas e globalização do gosto, pode-se vislumbrar uma nova compreensão do lugar da arte na recomposição do sentido” (2012, p. 30). Para este autor, a arte contemporânea apresenta uma rota de transgressão criadora, de dissenso crítico e de devires estéticos, que se instaura entre sua inevitável inserção social e sua vontade de autonomia, evitando “se transformar em um ofício codificado” ou em “mercadoria rentável”. A obra supracitada sustenta que cada vez mais o campo artístico abraça outros territórios, carregando consigo o que nomeia de usos sociais da arte: “as artes dramatizam a agonia das utopias emancipadoras, renovam experiências sensíveis comuns em um mundo tão interconectado quanto dividido e há o desejo de viver essas experiências em pactos não catastróficos com a ficção” (2012, p. 18). Por conseguinte, insiste na visão de uma arte que se espalhe pela

vida coletiva, entendendo as obras como processos sociais que discutam a interculturalidade sem homogeneizá-la e partindo de artistas que dialogam com um entre e um fora do mercado instituído e agressivo, ou mesmo que repercutam certa anomia, com trabalhos e experiências artísticas que falem sobre uma independência do jogo mercadológico, opinem e ensaiem redes solidárias. O trânsito facilitado, fruto da era dos grandes fluxos midiáticos, encurtou distâncias e provocou novos tempos: enquanto os artistas operam nas linhas singulares de percepção do mundo, tornando globais anseios locais e misturando-se sem perder suas diferenças, a difusão de informações chegadas a todo instante renova o público das artes – artes essas que aparecem como perguntas e não respostas, operando na *iminência*. Tudo isso desloca certos papéis tradicionais e discute na atualidade os museus, as coleções, a crítica. A circulação intensa faz aparecer uma urgência de debates não apenas sobre as artes e as culturas, mas também acerca de todas as imagens e das relações com elas estabelecidas. Somos espectadores que passamos a estabelecer novos modos de ver e de ativar arquivos móveis próprios, principalmente os jovens que “habitam mundos plurais, usam em suas práticas criativas fontes heterogêneas que podem parecer contraditórias para aqueles, mais velhos, que aderiram a relatos unificados” (2012, p. 190). Uma juventude que, em momentos de fragmentos, recolhe pedaços multidirecionados para compor narrativas poéticas próprias, não se importando em combinar traços antes distanciados, condutas antes polarizadas: incursiona em exercícios de bricolagem de múltiplos comportamentos para sobrevivência. Se e quando artistas, esses jovens dançam entre as alternativas colocadas – diversas linguagens, circuitos, instituições –, pertencem e saem, atravessam descontinuidades, comprometem-se com coexistências.

Não é razoável condenar tal modelo de vida, que evoca a conjunção de discursos e experiências aportadas em valores tradicionalmente vistos como antagonistas, inspirado numa espécie de coordenação e não partidário de oposições excessivas. Insistamos numa direção anti-pessimista. Apesar de reconhecer a noz amarga do capitalismo e de seu legado de liberalismo econômico que não cansa de reverberar seu rosto lúgubre e desenhar seu rastro de misérias, é preciso pautar exames de seus reflexos, assumindo a inescapabilidade (atual) na qual imergimos. Em linhas gerais, assume-se a globalização como manifestação: se, por um lado, o gume desse sistema aninhado no lucro e no triunfo do consumo superdesenvolvido dilacera as instâncias da coletividade, por outro, não deixa de afiar, no seio da lógica

individualista (mais ou menos precária), exercícios constantes de solidariedades. Há tamanho exagero centralizado nos prazeres e na satisfação das demandas pessoais que, embutidas em suas realizações, brotam atenções para a expansão dos direitos e da valorização da qualidade de vida para todos. É fato que, ao provocar tantas desigualdades sociais e intensa desarmonização entre os modos de viver, o capitalismo, à sua maneira, esboça vias que incitam trilhas para justiça. Aqui, não se trata de uma tentativa de amenizar os grandes estragos que vêm sendo causados sob seu reinado intempestivo, mas de provocar reflexões que problematizem e investiguem respostas ao apanhado paradoxal desta realidade entrópica. Portanto, abandonemos terminantemente a ilusão de um último duelo entre bons e maus ou apelos para retornos puristas. O que está em jogo é uma maneira de encarar o mundo apesar desta forma autocentrada posta em vigor, supondo que ela não impeça uma assinatura a favor da empatia e da comoção. Ora, a proclamada e difamada globalização apresenta em seu repertório não só atropelos das tradições ou culturas locais, tentativas embrutecedoras de universalidades, padronização de estilos e gostos, enquanto pretende processos de homogeneizações, mas também faz repercutir, a partir de sua intenção de esfacelamento de fronteira e de interconexão planetária, um acesso a notícias, fatos e questões de todos os lugares – tragédias, segregações, discriminações. Esse estreitamento virtual dos espaços carrega consigo, entre outras coisas, o interessante espelhamento no outro. Apesar de toda a ameaça dos elogios ao individualismo contemporâneo – incentivador pela busca de certos prazeres, anunciados e oferecidos às massas por um mercado voraz –, percebe-se também a revalorização das dimensões criativas e emocionais, tanto quanto a ressurgência da compaixão e de práticas amparadas em travessias poéticas de enternecimentos.

Gilles Lipovetsky e Jean Serroy, nas páginas de *A estetização do mundo – viver na era do capitalismo artista*, defendem que estamos vivendo uma era transestética, na qual o mundo é modelado por lógicas de mercantilização e de individualização extremas, regido pelo que chamam de capitalismo artista, que implementa uma corrida pela “vida bela” (ao alcance de todos) através de um consumo cultural de massa.

No tempo da estetização dos mercados de consumo, o capitalismo artista multiplica os estilos, as tendências, os espetáculos, os locais da arte; lança continuamente novas modas em todos os setores e cria em grande escala o

sonho, o imaginário, as emoções: artealiza o domínio da vida cotidiana no exato momento em que a arte contemporânea, por sua vez, está empenhada num vasto processo de “desdefinição” (2015, p. 27).

Assim, os autores colocam que a arte se expande para todos os setores do comércio, infiltrando-se nas indústrias e na vida comum: uma arte que se confunde com mercado. Na esteira desse processo, indivíduos reverberam a estetização de um ideal de vida, lotado nas saciedades e na felicidade, rico em sensações e espetáculos: um “hiperindividualismo contemporâneo”. Esse espírito do nosso tempo, contudo, não é capaz de assegurar, por trás de suas tantas promessas, uma vida alheia a frustrações, ao estresse, à feiura e aos fracassos, porque sustentado pelas competições e imposições de eficiência. Portanto, um mundo no qual “convivem hedonismo dos costumes e miséria cotidiana, singularidade e banalidade, sedução e monotonia, qualidade de vida e vida insípida, estetização e degradação do nosso meio ambiente” (2015, p. 35). Colocadas lado a lado e a um só tempo, essas esferas promovem não só o culto ao prazer individual e ao consumismo, que podem coincidir num empenho em realizações pessoais enriquecedoras e divertidas que atuem sobre o mundo (*um desejo artista*), mas também revelam e expõem a indignação com as injustiças e um consenso sobre valores humanitários democráticos. Não foram abolidas as crenças nas relações afetivas, tampouco a capacidade de se sensibilizar ou solidarizar com os outros. Lipovetsky e Serroy apontam para uma ética estética contemporânea, que pode enfraquecer o laço entre vida estética e cultura consumista construído pelo capitalismo artista e, conseqüentemente, demonstrar outro percurso para a vida bela “se construir por meio dos prazeres distrativos, sensitivos e corporais, mas também, e sobretudo, por meio dos processos que abrem para as diversas satisfações da melhoria do pensamento e da harmonia da existência, do aperfeiçoamento e do enriquecimento de si” (2015, p. 420). Para além de todas as feridas causadas pela teia capitalista, procuremos na reivindicação contemporânea das satisfações ecos para perspectivas de vidas mais qualitativas e menos centradas no consumo. O que podemos fazer talvez seja, através da globalização, flexibilizar certos padrões e investir no questionamento sério e crítico sobre as belezas para, desta forma, outorgar uma abertura para novas estratégias de vida que garantam, sim os prazeres (menos em forma de consumo e mais em experiências) e especialmente que conduzam à proteção da dignidade humana.

Não desculpo o capitalismo, mas sei que o mantenho – sou cuspe do meu tempo. E carne aberta. Nem falo em revanche porque não estou vencida. Certos maus humores e desistências não me aprazem. Parto em defesa da configuração de existências sincréticas. Corpos feitos de conjunturas yin yang. Fera, bicho, anjo, mulher. Poeira de canto encontrado, respingada por compartilhamentos. Convencida de que as sombras também são momentos de acolhida, de gestação e de que, em cada espera, há certo gozo do imponderável. Sem me desvencilhar das minhas próprias feridas, não me conformo com as durezas do mundo; e prefiro esta época insone, na qual se jogam as misérias em minha cara, à de uma incomunicabilidade pretérita. Também me invadem tantos outros universos, maneiras de pensar, viver, línguas, construções, narrativas. Não ergo minha luta contra o que não posso: compreendo a beleza como um direito de todos. Beleza é auto-formação, é ter as condições asseguradas de autocriação. Beleza que não pode ser senão justiça. Beleza que só aparece em contato com os outros e, portanto, nunca egoísta. Somos na impossibilidade de se viver isoladamente: afetamos e somos afetados – somos cada vez mais os outros e podemos inverter a lógica das padronizações do mercado em função da compreensão das diferenças, assumindo conhecimentos transculturais numa resistência às violências. Não escolhemos o silêncio, a apatia ou as doenças. Somos feitos das artes que também fazemos – criadores e criaturas –, relacionamentos entre amigos, que se abraçam e se xingam, que trocam e se nutrem. Redefinamos as artes enquanto nos recriamos, aventuremo-nos nas mais variadas vias que pudermos, exijamos conhecer para nos tornar melhores questionadores. Provoquemos o globo com nossas transgressões. Acolhamos o que possa nos formar e recusemos o que não nos representa. Sejamos fortes, mas nunca autoritários ou carrascos. Não há uma única maneira de viver: são tantas quanto somos. Talvez o que possam as artes, em tempos sombrios, seja asseverar as rotas do sensível, da imaginação como invenção dos possíveis infindáveis, da criação dos sentidos. Isso não é pouca coisa. Mas não falo apenas de uma vida como obra de arte, como obra poética e estética que movimenta todos nós. Talvez de uma vivência artista, nada romântica – uma procura pelos não, e então, combates. Pensamento e ação. Será que sonhos são luzes?

### 3.4 Diz que fui por aí... Reino das imagens e Cultura Visual

Somente o poder da imaginação torna o nosso olhar sobre as imagens possível e permite que as imagens retornem para esse olhar (WULF, 2013, p. 25).

As últimas décadas têm vivido sob o domínio das imagens, que existem como uma espécie de correnteza: aumento agressivo de produção e escoamento multidirecional. Eis um mundo tornado aparência através do contato com imagens, mistura de realidades e fantasias: tem-se um repertório visual ampliado – percepção e assimilação –, que, entretanto, aponta ausências. Para Christoph Wulf (2013, p. 36), em *Homo Pictor*, “o mundo das imagens interiores de um sujeito social é determinado pelo imaginário coletivo de sua própria cultura, pelas qualidades únicas e inequívocas das imagens derivadas de sua biografia individual”, bem como pela justaposição e interação destes mundos imagéticos. Através do olhar, as imagens são transportadas de fora para dentro, como atividades de recriação da contemplação e de desdobramento na imaginação (criação de mundos imaginários). Por conseguinte, a interpretação e as associações que começam na observação permitem processos criativos, algo novo passa a existir (imagens e representações), corroborando um fluxo de devolução. O autor entende que a transmissão da cultura é realizada através do processo de incorporação e de atribuição de sentido de produtos culturais. Esta via de mão dupla – a de um mundo externo tornado imagens internas e de seu retorno aos outros indivíduos – reforça a atuação ativa na formação de realidades. É desse envolvimento com o mundo que brotam todas as imagens, e da convivência com elas que transbordam questionamentos sobre o conjunto de nossas relações. Daí a importância do estudo da Cultura Visual, tal como defendido por Fernando Hernández (2000, p. 51), nome fundamental quanto a este tema:

prestar atenção à compreensão da cultura visual implica aproximar-se de todas as imagens (sem os limites demarcados pelos critérios de um gosto mais ou menos oficializado) e estudar a capacidade de todas as culturas para produzi-las no passado e no presente com a finalidade de conhecer seus significados e como afetam nossas “visões” sobre nós mesmos e sobre o universo visual em que estamos imersos.



Pensar uma cultura visual é assumir uma postura consciente sobre os tempos atuais, mas essa extensa relação com as imagens começa lá atrás, desde nossas primeiras representações. Todavia, o que cabe salientar aqui é a abertura à grande veiculação. Se outrora reinavam as antigas prensas manuais, chegamos hoje às grandes redes virtuais entregues em domicílio, aliás também móveis e depositadas nos bolsos, ao alcance das mãos. Vivemos a era da aglutinação de todas as imagens, que chegam gratuitamente de todos os cantos (não sem cobrar algo em troca, ainda que não sejam cifras), sob diferentes contextos e discursos. Devemos pensar o que temos feito com elas e se estamos preparados para respondê-las ou entendê-las. Muitas das coisas que acessamos e compreendemos se dão a partir de imagens, que carregam consigo muito mais do que elementos formais, visuais e sua origem, mas, por vezes, são atualizadas por descrições de certas pessoas ou grupos, e então anunciam interesses. Encontrar as imagens seria efetivamente travar conversa com elas. Por isso, num mundo feito imagem é grande a relevância de estudar seus reflexos, como consumidores e produtores. Essas relações são janelas que moldam interpretações e construções, fundantes das maneiras que lidamos conosco e com o que está à nossa volta. Não deve haver espaço para uma cegueira que nos retire do mundo e não basta ao observador sê-lo sem construir o próprio universo imaginário que dê sentido à vida. São justamente nossas percepções que nos tornam falas únicas. Mas vozes que só podem soar quando existe mais um.

Se reconhecemos que a percepção de nós mesmos se dá no contato com os outros, ou que somos resultado das diferenças estabelecidas pelo convívio, podemos voltar nossa curiosidade à investigação da diversidade cultural e da Cultura Visual, o que aponta para a importância de uma educação transcultural. Uma educação sobre a qual crianças e jovens tomam consciência do mundo globalizado em que vivem e experimentam uma autoeducação através da descoberta das outras culturas, e ainda no enfrentamento do estranhamento e da assimilação da familiaridade provocadas por esses encontros dados nos conhecimentos. Wulf assinala ainda que um aprendizado transcultural global evidencia a necessidade de uma educação para a paz, entendida como redução da violência (direta e estrutural) e produção de justiça social. Embora aparentemente inatingível, a paz deve ser norteadora: o conhecimento das estruturas de poder, as ameaças à vida e o sentimento de opressão tornam-se motivadores de ações em

direção à sua busca. Dessa forma, a educação “deve trazer mudanças nas atitudes e promover o comprometimento político [...]. Ela também desenvolverá formas de aprendizado participativo e autônomo” (Wulf, 2013, p. 200). Uma escola que se volte ao processo de ensino/aprendizagem transcultural elucida uma proposta interdisciplinar complexa; nesse sentido, capilariza-se em aprendizados poéticos e ativos, encorajando formações para o futuro.

Para reinventar a escola na contemporaneidade, nossos olhares e esforços se direcionam em busca de um corpo vivo, no qual haja o fortalecimento de práticas para uma “autonomia criativa e transgressora de forma a se estabelecer uma ponte com sujeitos mutáveis em um mundo onde o amanhã é incerto” (Hernández, 2007, p.14). A redobrada atenção dada ao estudo da multiculturalidade no âmbito escolar – entendendo cultura, em sintonia com o historiador Luiz Antonio Simas (2013)<sup>2</sup>, como conjunto de práticas, representações, expressões, comportamentos, visões de mundo, crenças, elaboração de símbolos e saberes de determinados grupos e comunidades – comunga da tentativa de trançar ares distintos que suscitem admiração e crítica, condições de encontros entre estudantes e conteúdos, nos quais prevaleçam a construção de relações horizontais e a repercussão da relevância e da riqueza das diferenças e da pluralidade. A escola, escrevem Pierre Bourdieu e Jean-Claude Passeron (2015, p. 38),

seria a via real da democratização da cultura se não consagrasse, ignorando-as, as desigualdades iniciais em relação à cultura e se não chegasse com frequência a desvalorizar a cultura que ela mesma transmite em favor da cultura herdada que não leva a marca reles do esforço e tem, por isso, todas as aparências da facilidade e da graça. Divergindo de todo o conjunto de predisposições e de pre-saberes devidos ao seu meio, os estudantes são apenas formalmente iguais na aquisição da cultura erudita.

Se ainda nos distanciamos do extermínio de práticas como as acima descritas é porque em muitos momentos são reafirmadas tentativas de igualar os estudantes a partir de saberes dominantes. Tais práticas não podem ser o caminho, nem uma alternativa de ensinar no mundo globalizado. Não se trata, em nenhum momento, de imprimir um discurso politicamente correto, mas de se comprometer por uma educação crítica, justa e solidária. Se os estudantes, conforme Bourdieu e Passeron (2015, p. 40), “os próprios interessados raramente vivem sua aprendizagem como

---

<sup>2</sup> Perspectiva enunciada em sua crônica *O risco dos descolados*, que compõe o livro *Pedrinhas miudinhas – ensaios sobre ruas, aldeias e terreiros*, p. 23.

renúncia e renegação, é porque os saberes que devem conquistar são altamente valorizados pela sociedade global e essa conquista simboliza a ascensão à elite”. Portanto, são os educadores (e adultos) os primeiros a reivindicar um processo de ensino/aprendizagem que antes una e valorize todos os estudantes e nunca perpetue narrativas excludentes – importam os mundos fora dos muros das instituições regulares de ensino (apresentados de maneira não hierárquica, com igual respeito), tanto quanto os mundos pessoais dentro das salas. Desta forma, primando pelo debate inspirado pela interculturalidade, os docentes devem afirmar aulas como espaço-tempo de pesquisas, reflexões, saberes e interpretações de si e do real.

Herdeiros e provocadores de imagens, devemos a elas grande parte de nossa forma de nos comunicarmos e, portanto, de sermos no mundo. Problematizar esse relacionamento não é desconfiar de sua força, mas estreitar um laço que pode ser cada vez mais saudável quando baseado nas clarezas das posições e nos direitos e/ou deveres que um imputa ao outro: via de mão dupla formativa. A disciplina escolar Artes Visuais deve se estender e abarcar também o estudo da Cultura Visual, enquanto um projeto de educação transcultural que se alinhe a demandas atuais. Mais: é preciso defender, tanto quanto se possa, as trocas, as hibridizações, as interligações. Quem sabe, inspirações das práticas artísticas contemporâneas? Se há algo que possamos aprender com estes artistas e suas estratégias clandestinas de criação, que o façamos! Rumo a transver sentidos.

Figuras 44 a 46 - Pintura, foto e desenho de cadernos diferentes.



Fontes: Iris, Rafaela, Gustavo, 2016.

Figura 47 - Fotografia de sala de aula.



Fonte: A autora, 2017.

### 3.5 Ensino de Artes Visuais: inspirações contemporâneas

Nas duas últimas décadas, algumas práticas artísticas diminuíram a distância em relação aos espectadores e passaram a compartilhar os poderes criativos. (...) A abolição de barreiras transcende o artístico e refletem, com frequência, o estado do mundo.<sup>3</sup>

Anteriormente, de forma breve, escrevi sobre o cenário no qual estamos vivendo: o mundo em rede. Interligado pelas linhas das comunicações de ampla escala e, por isso, uma globalidade que, cada vez mais, exige a quebra de muros ainda persistentes, a indicar um trânsito liberado, embora não livre. Claramente, esses laços mais facilitados têm demonstrado também sua maior fragilidade, a saber, uma interdependência entre partes que vão se descartando e renovando, em constante baile, de acordo com necessidades e desejos. É possível se dar conta da existência de milhares de coisas em pouquíssimo tempo, mas uma questão a ser pensada é de que maneira podemos transformar esse labirinto de acessos em algumas relações de troca recíproca, formadoras de vínculos. A intensa visualização em nada tem a ver com interação real. Esse pingo de tudo nem faz cócega, e, por vezes, mais denuncia o desconhecido e os desconhecimentos. Resultado: há ainda mais desigualdade em vigor. E uma intensa dificuldade em direcionar a vida. Sabemos muito mais e a impressão é de que ainda menos. Logo, o espaço-entre diminuiu; em contrapartida, o globo cresceu muitíssimo. Alguns males à reboque desse sistema se apresentam: sensação de solidão e de desamparo imensos revertem-se em vontade de aprovação e de adoração com algum ônus. Essa conjuntura tem corroborado para que, entre outros fatores, evidencie-se a premência em se pensar nos desafios que o ensino básico deve enfrentar para assumir uma posição de diferença na educação, que minimamente se importe com a formação para vidas dignas e felizes. Miro nos jovens contemporâneos, em sua maioria entre quinze e dezessete anos, com os quais tenho cruzado nas aulas de Artes Visuais do 1º ano do Ensino Médio, com suas adoráveis histórias e maneiras de encarar os dias, seus superlativos sonhos e suas incansáveis reclamações sobre a escola, as disciplinas, os conteúdos, as avaliações. Muitas destas porque o Colégio (e poderia dizer os colégios) não corresponde ao que tudo lá fora insiste em berrar em alto e bom som. Um: embora as ideias de verdades absolutas estejam sendo quebradas, muitos conteúdos curriculares estanques as perpetuam; dois: apesar da noção da

---

<sup>3</sup> Canclini, 2012, p. 221-222.

riqueza e das diferenças culturais existentes, pouco desse repertório é estudado e pesquisado; três: ainda retardam mudanças ou flexibilizações nas funções de professores e estudantes, e mesmo nas relações entre ambos; quatro: persistem em um mundo fora da escola, reforçando saberes hegemônicos e silenciando as experiências individuais (hierarquizam inteligências); e cinco: mantêm certa lentidão em tomar caminhos interdisciplinares e aceitar maiores fluxos de e entre conhecimentos.

Venho me perguntando como é possível atualizar os sentidos do ensino de Artes Visuais – para mim e para os estudantes –, ano a ano, na escola contemporânea. Escrevo isso porque, durante algum tempo, muito da minha experiência como aluna recorrentemente voltava como memória e referência. Porém, a escola não é mais a mesma, os jovens não são tão parecidos; e, se isso soa óbvio, desconcertante mesmo é encarar que artes (pelo menos do modo que aprendi a gostar) pode não ter tamanho apelo e importância para eles, a mesma que tivera e ainda tem para mim. É por isso que tento refazer o meu processo de aprendizagem e, talvez, de encantamento e, de certa forma, desconstruí-lo. Também minhas bases com ares seguros precisam ser desestabilizadas, para que se coloque em jogo uma postura não só flexível, mas atenta e responsável. Insisto no ensino de Artes Visuais porque acredito em sua reformulação e relevância para a educação. Concordo com Efland (2004, p. 229 apud HERNÁNDEZ, 2007, p.41):

A função das artes através da história cultural humana foi e continua a ser uma tarefa de “construção da realidade”. As artes constroem representações do mundo, que podem ser acerca do mundo real ou sobre mundos imaginários que não estão presentes, mas que podem inspirar os seres humanos à criação de um futuro alternativo para si próprio. Muito do que constitui a realidade está construído socialmente, incluindo coisas como o dinheiro, a propriedade, o matrimônio, os papéis de gênero, os sistemas econômicos, os governos e os males, como a discriminação racial. As construções sociais que encontramos nas artes contêm representações dessas realidades sociais. Portanto, o objetivo de ensinar arte é o de contribuir para a compreensão da paisagem social e cultural da qual faz parte cada indivíduo.

Percebo o quanto é possível conduzir esse processo de ensino/aprendizagem escrevendo outras travessias através da arte contemporânea, que, por seu turno, engendrem maior trânsito entre questões e reflexões atuais. A arte é pensada aqui como uma atividade que, por meio de inúmeras construções de signos, formas e ações, proporciona ligações com o mundo. Mundo travesso, desordenado, confuso,



que propõe mais derivas que direcionamentos e, portanto, exige que nos preparemos mais para encará-lo, o que implica a necessidade do fortalecimento cognitivo e emocional. Aqui, intercâmbios são possíveis e bem-vindos. Mais que isso, tudo parece estar conectado, relacionado – tudo que aí está, pronto para ser engolido, apropriado, dissolvido. São esses fluxos chances de respiros reivindicados, sem a ilusão de vínculos perpétuos prometidos. A arte pode ser um refúgio porque seu exercício revela mundos possíveis, instaura outras percepções de tempo e duração, implementa discussões infinitas e diálogos constantes, dá rosto a diversos tipos de relação e interação, abre uma fenda no mundo adoentado que temos vivido e não exatamente compartilhado. Nicolas Bourriaud (2009, p. 59) conclui, em certa altura de seu *Estética relacional*, que:

Ora, a arte representa uma atividade de troca que não pode ser regulada por nenhuma moeda, nenhuma “substância comum”: ela é distribuição de sentido em estado selvagem – uma troca cuja forma é determinada pela forma do próprio objeto, e não pelas determinações que lhe são exteriores. A prática do artista, seu comportamento enquanto produtor, determina a relação que será estabelecida com sua obra: em outros termos, o que ele produz, em primeiro lugar, são relações entre pessoas e o mundo por intermédio dos objetos estéticos.

Brilhos da arte contemporânea, essa abertura às complementariedades coletivizadas. O artista produz ou propõe o trabalho que é continuado pelo público, uma espécie de coautoria – e, por isso, nascedouro de relações. Instiga modos de existência ou modelos a serem vividos. Certamente é uma maneira de encarar o ensino de Artes Visuais realçado pela criticidade; afinal, o mundo das Artes não é regido apenas pelas obras, e todas as relações nele colocadas interessam como reflexo da atualidade e de nós mesmos. Entretanto, alguns trabalhos podem operar nesses entres, quais soluções para autorias de mundos. Escolhamos esses pequenos botes que alteram o curso aparentemente estável, acenam como pulos para fora do chiqueirinho demarcado e aconselham, quando isso é percebido, novos métodos de navegação. Não que mudem o mundo, nem que operem milagres, mas, sob certos aspectos, são como válvulas de escape. Nem como impossibilidades, ou devaneios, mas suspensões aos freios, ou e melhor, ativações de fagulhas adormecidas e esquecidas. Trabalham nos sentidos e nas tensões. Talvez vitrines de outros relevos. E palcos para situações nas quais as escolhas ganham ares relativizados, onde se ensaiam cenas de improviso ou redimensionam-se opressões. São provocações para encontros. Arranjos reorganizados e jogos retomados do começo,

prontos para serem completados. Como pedaços de terras que permitem. Ficções ensinam. Inspiram atos criadores. A arte contemporânea carrega então as características deste tempo histórico, tão estranha e bipolar: de um lado, entrega-se ao mercado sem recusas; de outro, soçobra as rotas do capital extremo. Por vezes, os lados se tocam, se trocam, se misturam – há alguma promiscuidade e, então, rechaçam-se e juram ódio eterno. Configuram-se novos tempos e novas relações, sem carolices, sem ideologias extremas. Talvez demasiadamente humanas – ainda mais. Talvez isso evidencie um estrito senso de popularização.

Em 1970, o crítico de arte Mário Pedrosa escreve um texto importantíssimo, intitulado *A Bienal de cá para lá*, no qual traça uma longa análise sobre a história e o comportamento das bienais até aquele momento no Brasil, que só seria publicado três anos mais tarde. Na reta final do texto, ele esboça algumas ideias sobre o início de uma arte pós-moderna, que supera as demandas de qualidade imputadas pelo modernismo e sua recorrência na não ambiguidade. Pedrosa escreve que, em alguma medida, artistas se insurgem contra o consumo de massa:

daí surgiram, ao lado das produções ainda manipuladas e manipuláveis pelo mercado de arte, as mais desabridas ou as mais nihilistas experiências atuais, por aqui e pelo mundo. Eles se entregam, consciente ou inconscientemente, a uma operação inteiramente inédita com esse caráter extrovertido de massa nas sociedades burguesas ou nas sociedades em geral: *o exercício experimental da liberdade* (2015, 208).

Esses artistas estavam, então, interessados em desafiar a lógica do mercado capitalista e em criar uma arte com capacidade para se desvencilhar da categoria de mero objeto de consumo, mercadoria. Aliás, eles estavam convencidos de que o trabalho artístico talvez fosse um dos poucos que pudesse resistir à mera contemplação e ao domínio do dinheiro. Isso significou investigações artístico-poéticas que traziam em seu cerne dribles à condição de posse: gestos, ações, performances, intervenções – produções de práticas abertas a relações dinâmicas. Arte como experiência provocadora de exercícios que pudessem contribuir para a constituição de subjetividades, práticas de auto-formação sediadas numa região de entretencimento de afetos. Tal arte buscava respostas à decepção e ao fracasso capitalistas e ao seu legado de alienação, consumismo e individualismo. Assim, o impulso para esse experimentalismo resvalava num azedo e movediço areal, que incansavelmente sorria à morbidez do mercado e brotava, então, das angústias de reversão daquele quadro. Propor uma arte que apresentava saídas para realidades

estabelecidas através de ações que religassem as pessoas, que convocasse a comportamentos coletivos, que fosse capaz de atuar nos vínculos e nas trocas. De certa forma, uma arte de cunho comunitário, vivida, que aparece como tarefa criadora. Pedrosa, porém, deixa escapar que há nesse exercício algo de utópico. Mas insistamos que essa arte sonhou alargar a sensibilidade e a sociabilidade, e que essas apostas de experiência da liberdade trouxeram alívios. Prometeram reviver pequenas situações-rituais na pós-modernidade e flertaram com nossas mais ancestrais reminiscências, enquanto acionaram estalos para reagrupamentos. Consideraram transformações possíveis. Recorto esse elã da arte contemporânea (brasileira) em direção às experiências conviviais como grande instigador da minha prática docente. A isso, tento misturar outras linguagens visuais, imagens e tentativas de leituras alternativas que, exercitadas pelas liberdades, preparem para fertilidades.

Ainda assim, são imensos os desafios do ensino de Artes Visuais, em parte porque a própria formação dos professores se deu por um viés direcionado pelas histórias dos dominadores. Pouco a pouco, lutamos para nos desvencilhar da armadilha de recontá-la – também porque grande quantidade das publicações infanto-juvenis e livros didáticos seguem este caminho, e mesmo os museus na cidade do Rio de Janeiro, que atraem grandes públicos, ainda costumam a fazer exposições que discutam certa hegemonia eurocêntrica e seus modelos e parâmetros artísticos. A janela de maior mistura e troca de referências visuais por parte dos alunos tem sido a Internet. Ali, pipocam dezenas de imagens todos os dias, que informam e formam esses jovens, que leem e produzem também de acordo com essa bagagem. Nada disso pode ser subestimado ou ignorado em sala de aula. Todas as imagens devem interessar no processo de conhecimento e crítica do mundo. Como afirma Joost Smiers (2006, p.91) em algumas linhas de *Artes sob pressão – promovendo a diversidade cultural na era da globalização*, “precisamos perceber como impedimos o desenvolvimento social e cultural de nossas sociedades ao continuar negligenciando o conhecimento e a criatividade do domínio público”. É extrema a importância de fluidificação entre conceitos ainda existentes, como alta e baixa culturas, arte erudita e arte popular, ou mesmo a de repensar as noções de artes. Acredito que o ensino de Artes Visuais nas instituições de ensino básico pretenda reconhecer as imagens como maneiras de conceber o mundo e se relacionar com ele. Deve, pois, abordar a pluralidade cultural nas manifestações

artísticas e visuais para reforçar, respeitar e encorajar a individualidade de cada um, assim como pôr à disposição do aluno aquilo que o faça se desenvolver, considerando-o coprodutor de sua educação: estabelecendo as artes como maneiras de ver, criar e pensar o mundo. A proposta de ensino da arte que contemple a ideia de educação justa só é possível pelo diálogo entre questões levantadas pelo professor e os anseios e referências culturais dos alunos: reciprocidade. A escola construída por todos os indivíduos que nela habitam pode redinamizar a lógica dos pensamentos hegemônicos e, a partir de um entendimento da importância das imagens na atualidade, perceber essas relações de construções identitárias, de grupos e dos olhares que buscam dar sentido e formas de visibilidade ao mundo. Seguindo Aldo Victorio (2013, p. 3213),

O corpo encarnado e encontrado no outro promete pedagogias afinadas com esse tempo e, portanto, é dele, do corpo coletivo e coletivizado, que pensamos dever partir escolas, ensinamentos, poéticas e demais ofertas realizadoras de uma atualidade na qual a arte e a formação humana realinhariam seus significados. Escola e imagem na agudeza da pele, no abismo escatológico e no mistério transparente da conjunção.

Nossos corpos, que praticam as escolas contemporâneas, são as mais importantes formas de atualização simbólica daquelas, num mundo que não suporta mais as aparências vazias, nem crê nas falsas promessas de um sistema colapsado. Ao ocupar e nos ocuparmos de nossas instituições de ensino, legitimamos com nossos braços e vozes novas pedagogias possíveis e encaramos de frente a luta por vidas melhores. Nossas relações devem ser construídas através do respeito às diferenças e às belezas, auto-formadoras de todos nós, fundos de todas as experiências de liberdade. O ensino das artes visuais, essa forma específica de comunicação humana, as imagens visuais e as realizações estéticas são gatilhos para a compreensão e a construção das vias imaginárias e das ações afirmativas fundamentais ao estudante crítico e criador. Que, como energias, os fazeres artísticos possam entoar produções poéticas de existências e resistências – criações de narrativas e vidas, repertórios e memórias. As escolas são portos, campos de batalhas e, principalmente, comunidades de afetos. Que não esqueçamos ou desistamos, a serviço de um mundo possível mais justo para todos.

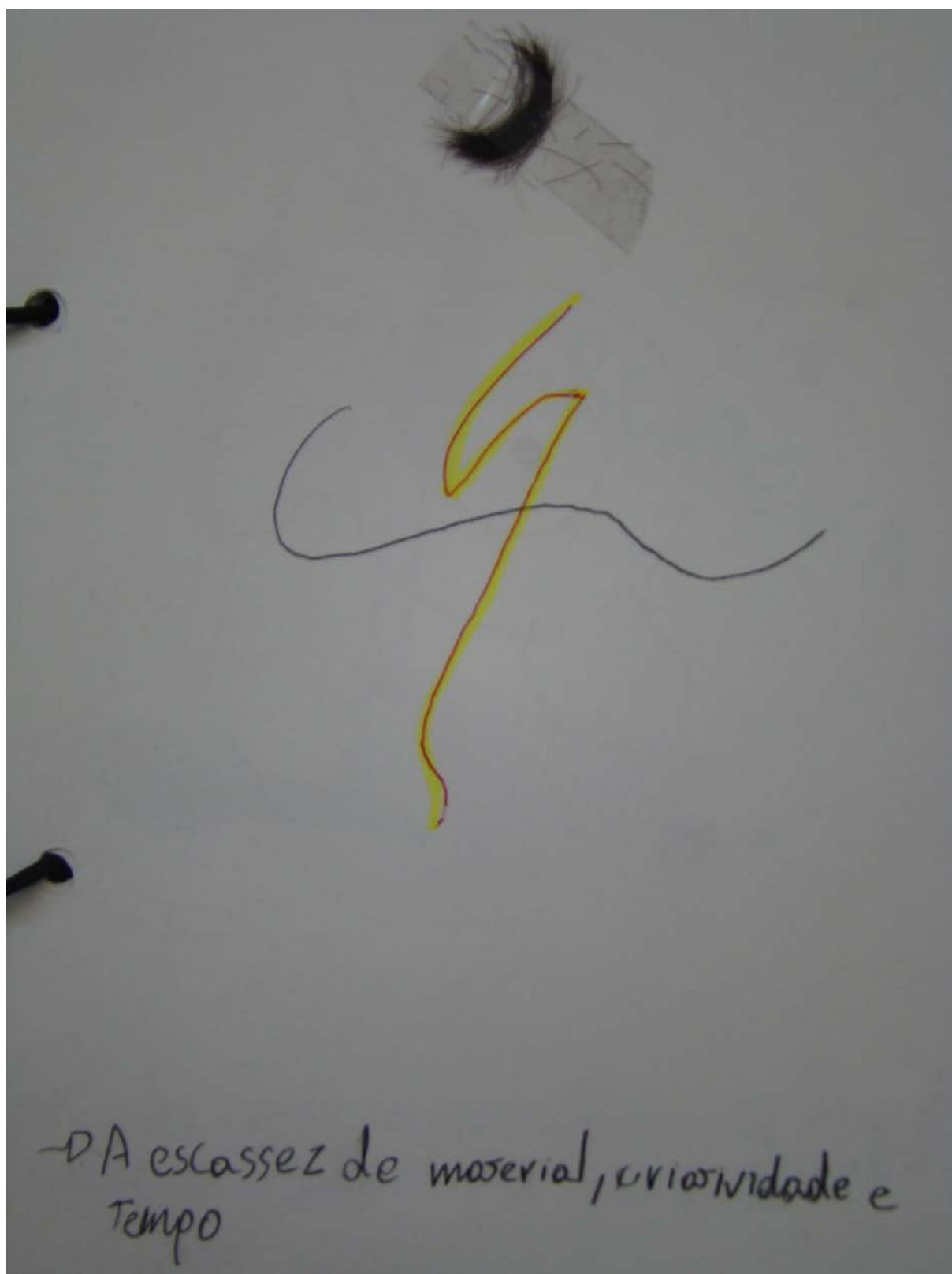
Figuras 48 a 51 - Trabalhos dos cadernos de artista.



Fonte: Alicia, 2017.



Fonte: Giovana, 2017.



Fonte: Rodrigo, 2017.





Fonte: João, 2017.



As coisas da arte são sempre resultado de ter estado a perigo, de ter ido até o fim em uma experiência, até um ponto que ninguém consegue ultrapassar. Quanto mais se avança, tanto mais própria, tanto mais pessoal, tanto mais singular torna-se uma vivência, e a coisa da arte é enfim a expressão necessária, irreprimível e o mais definitiva possível desta singularidade...

*Rilke*

Figura 52 - Releitura fotográfica.



Fonte: Gabrieli e Thiago, 2017.

#### 4.1 Breves recuperação do ensino de Artes no Colégio Pedro II e panorama atual

O ensino de arte no âmbito escolar, teve início nos primeiros liceus secundários, que surgiram ainda no começo do século XIX. Tais escolas serviram de inspiração, em nosso país, para a fundação do Colégio Pedro II. Desde então, o percurso dessa disciplina tem sido marcado por diversos momentos, que expressaram diferentes tendências e metodologias, inspiradas pelos interesses políticos e educacionais de cada época. A primeira modalidade na área a ser incluída no currículo do Colégio, foi o Desenho, que teve Araújo Porto Alegre (artista de grande repercussão nacional) como primeiro professor da disciplina, cujo currículo enfatizava o estudo da geometria para utilização em projetos na indústria. Essa era uma visão do ensino da arte voltado para uma aplicação prática, com foco em uma função determinada – pregava também, a reprodução de formas ideais e o adestramento da mão. Em 1943, foi instituído no Colégio o ensino da disciplina de Trabalhos Manuais, que junto com Desenho e Canto Orfeônico distribuídos diferentemente pelos anos escolares integravam o conjunto de matérias relacionado ao ensino de Artes. Nas Instruções Metodológicas de Trabalhos Manuais publicadas em diário oficial, no ano de 1945, observa-se a defesa de que o uso de distintos materiais, tais como, madeira, metal e massa plástica e que a ação do trabalho possibilitam que “os adolescentes encontrem as necessárias oportunidades para substituir o tipo de pensamento egocêntrico e fabuloso, próprio da infância, pelo caráter objetivo e realista, do homem feito”<sup>4</sup>. Tal ensino estaria ainda, segundo o documento, atrelado a satisfação intelectual e exercício do bom gosto. Foi apenas em 1972, logo após a promulgação da lei 5692/1971, que determinava a obrigatoriedade do componente curricular Educação Artística e uma grande reforma, que o ensino de artes no Colégio Pedro II, passou a ser chamado de igual maneira. De acordo com o programa do Colégio, o ensino de artes neste momento pretendia desenvolver nos estudantes a capacidade de criar e expressar-se através da arte; incentivar a apreciação crítica, a criação e a preservação dos valores sociais, econômicos e culturais. Entre meados dos anos 80 e os anos 90, o ensino de artes sofreu duros golpes dentro e fora do Colégio, acirrou-se o debate sobre a relevância

---

<sup>4</sup> <http://www.jusbrasil.com.br/diarios/2569953/pg-21-secao-1-diario-oficial-da-uniao-dou-de-22-11-1945>



da disciplina na educação básica, o que fez com que esta, tenha sido retirada de muitas escolas e ficado restrita apenas à dois anos escolares no Pedro II. Tal situação só foi contornada com a aprovação da nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional 9.394/1996, na qual o ensino da arte passou novamente a ser um componente curricular obrigatório nos diversos níveis da educação básica, devendo ser ministrado por professores com formação específica de nível superior (o que forçou reciclagens e formações mais especializadas), e incorporou fortemente a proposta triangular de Ana Mae Barbosa<sup>5</sup>. A disciplina começou então, a ser chamada de Artes Visuais, como é ainda hoje, e se expandiu progressivamente para os diferentes segmentos e anos escolares.

A disciplina Artes Visuais no Colégio hoje, estende-se da Educação Infantil ao Fundamental I (o Pedrinho), passa pelo Fundamental II e chega ao Ensino Médio (até o 1º ano, apenas dois anos escolares não tem oferecida a disciplina, aliás, é parte do foco e luta desta pesquisa tal mudança). Em todos os anos escolares as aulas são compostas por dois tempos; preferencialmente, mas nem sempre consecutivos e o ano letivo é dividido em trimestres (exceto no Ensino Médio, que explicarei mais a frente). Cada segmento trabalha de maneira independente, a não ser o Médio que segue praticamente a mesma linha do Fundamental II; isso porque, em alguns campus, ambos funcionam juntos. A Educação Infantil começou a ser oferecida em 2012, e a equipe de Artes Visuais que lá trabalha, vem ao longo desses anos tentando construir um programa através de pesquisas e práticas, calcado em propostas que possam promover a apreciação de poéticas, a ampliação do repertório imagético e experimentações para o desenvolvimento estético – “estimulando as crianças a expressar ideias e sentimentos por meio da linguagem plástica, além de favorecer seu potencial criativo”<sup>6</sup>. No Fundamental I (1º ao 5º anos) começam a ser inseridos mais efetivamente elementos de linguagem visual, cultura popular e história da arte; pensados a partir de eixos norteadores. A ênfase é muito dirigida à produção plástica, à experimentação de materiais e linguagens artísticas diversas; e ainda que abrigue um conteúdo programático extenso, busca promover uma abertura à rica ideia de multiculturalismo. É no Fundamental II (6º ao 9º anos) e no Médio (1º ano) que o curso de Artes Visuais é eclipsado por uma leitura da

---

<sup>5</sup> Precursora na arte-educação, pensou a proposta triangular no ensino da arte, baseada no tripé: conhecer a história, fazer arte e saber apreciar uma obra, e marcou uma era desta disciplina.

<sup>6</sup> Fragmento do texto do PPPI.

História da Arte com forte tendência eurocêntrica e viés cronológico. O que aproxima-se, por vezes, de uma formação de pequenos historiadores da arte, distancia os estudantes, que passam, em sua maioria a questionar o sentido do ensino de artes nestes moldes – conteudista, separado da realidade, centrado em fatos e não na prática de produção crítica e poética. Os estudantes recebem um imenso número de informações, que devidamente decoradas, são requisitadas nas avaliações. Como se chegou à esse modelo e por que, apesar de várias tentativas, é tão difícil transformá-lo? O medo de mudanças torna o ensino de Artes Visuais demasiado estanque. Porque tal projeto pareceu funcionar e ser o melhor em determinada época, colhendo louros e reconhecimento, ficou aderido ao discurso de alguns professores, como a maneira mais potente de se pensar o ensino/aprendizagem. De toda a busca por espaço e respeito à disciplina ao longo dos anos, a condução da mesma se fez em direção à um enrijecimento tal, o feroz desejo de se sentir tão importante (e imponente?) quanto as outras disciplinas, conduziu e igualou ao que de pior as outras tinham para oferecer. E abriu-se mão das especificidades, das brechas e respiros que se pode ter como matéria escolar. Sob as falas de que Artes tem que reprovar, tem que ter avaliações formais, tem que ser difícil, foram construídas muralhas que apartam os alunos. E por mais que seja visível que este modelo está em ruínas, há uma imensa resistência em transformá-lo. Permanece um cabo de forças que ainda consegue ser contido por uma ala de conservadores, que com o posto de sua antiguidade mantém na rédea curta a discussão sobre os conteúdos e de certa forma, todo o currículo. Por certo, sempre existiram falas e trabalhos dissonantes.

Esse cenário começou a ficar tensionado, visto que, após mais de oito anos sem concursos, muitos professores novos ingressaram, aprovados nas últimas seleções (2010, 2013, 2014, 2016). Os modelos e métodos antigos tem começado lentamente a se contaminar com uma urgência de serem repensados e atualizados. A flexibilização dos entendimentos sobre ensino de artes, o abandono de velhas verdades, um olhar mais atento ao mundo de hoje e aos estudantes, pode ajudar a traçar rotas, nas quais façam sentido, aulas de artes. Embora ainda tímidas, algumas conquistas tem sido realizadas: a construção de materiais didáticos independente da utilização ou não de algum livro, maior peso na avaliação de trabalhos práticos, revisão de certos conteúdos. Há que se perseguir maior autonomia dos professores com relação aos programas, repensar o sistema de



avaliação, questionar o discurso eurocêntrico defendido por parte do corpo de docentes, combater a hierarquização dos saberes, ampliar a noção crítica e aguçar as fronteiras fluidas do campo das Artes Visuais, que flerta com variadas linguagens, com a cultura de massa ou pop, com a Cultura Visual – ampliar o embate com as imagens do mundo, tantas realizações estéticas.

No Ensino Médio o sistema muda bastante, Artes Visuais divide a carga horária com Música (justificado a partir da fala de ausência de espaço para as duas disciplinas no quadro) da seguinte forma: cada turma é dividida ao meio, no primeiro semestre (efetivamente quatro meses) uma metade da turma assiste às aulas de Artes Visuais, enquanto a outra metade faz as aulas de Música, no segundo semestre, trocam. É inegável, que embora absurdo, porque nitidamente coloca em curso a desvalorização em relação à essas disciplinas; esse sistema traga uma grande sorte, de trabalhar com turmas menores; o que transforma toda a dinâmica das aulas. O conteúdo pré-estabelecido para o 1º ano e que deverá ser devidamente cobrado na certificação formal, tem como pontos nodais: linguagens tradicionais, modernas e contemporâneas, Dadaísmo, Pop Arte, Arte Conceitual e reverberações na arte de hoje (que devem ser trabalhados, em média em 14 encontros/aula: o semestre). Toda essa organização, no meu primeiro ano de escola, serviu para dar muita segurança; afinal tendo tudo programado era só ajustar textos, falas, slides, filmes, e dar conta de tudo, principalmente porque carregava muitas certezas da história da arte a reboque de qualquer indagação. Habitando uma total zona de conforto, repeti muito do que aprendi na faculdade, e em muitos momentos, pareci uma enciclopédia ambulante, com vocabulário rebuscado. Estava ultra munida; mas não era uma disputa. Seria mentira dizer que percebi isso rápido. Talvez tenha me dado conta, de que isso era um tanto absurdo, quando estive entre a dificuldade de lidar com “a pior turma da escola de 2014” e uma sensação patética de repetição robótica (da mesma fala, do mesmo fato, da mesma história), em tantas outras salas. De repente, estava eu em uma turma, com a qual falava e ninguém parecia ouvir, total incomunicabilidade, e em seguida, entrava em outra turma, com a qual falava, todos ouviam, mas muito pouco repercutia, parecia um estar muito dócil, incômodo. Era o caos e o caos, e eram também vazios. Foi só depois de um tempo, regurgitando essas observações que comecei a optar por menos armaduras. E ainda estou em tratamento de desapego; tentando me reinventar a partir do que a escola tem me ensinado nestes últimos quatro anos.

Figura 53 - Anotações de revisão para prova de Artes Visuais no caderno.



Fonte: Juliana, 2017.

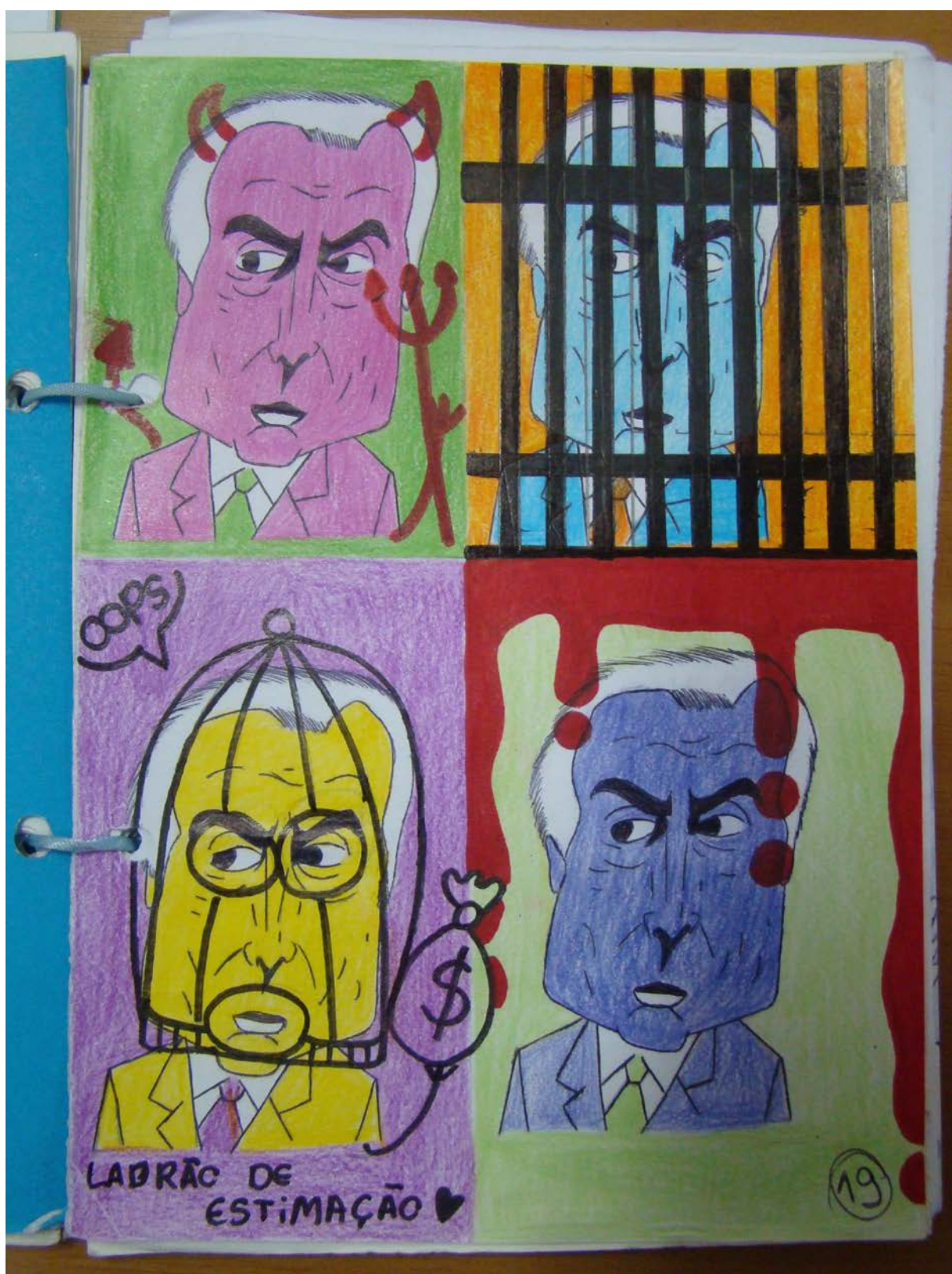
Em maio de 2016, a lei 13.278 provocou uma alteração na redação da LDB, o ensino da arte passou a ser constituído pelas linguagens: artes visuais, dança, música e teatro – e aos sistemas de ensino foi dado o prazo de cinco anos para efetivar as mudanças necessárias – mantendo-se obrigatório nos diferentes segmentos da educação básica. A boa notícia para o campo de Artes, logo se viu radicalmente ameaçada por uma medida provisória (MP 746), que foi sancionada em fevereiro de 2017, e alterou novamente a LDB propondo uma grande reforma no sistema de ensino. Com o propósito de tornar o ensino médio integral e com forte direcionamento ao ensino técnico e profissional, visando o mercado de trabalho. Tal medida propôs inicialmente entre outras coisas, a retirada da obrigatoriedade do ensino de Artes (e outras disciplinas), ficando estabelecida apenas a obrigatoriedade de estudos e práticas de artes. O currículo do novo ensino médio será norteado pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC), obrigatória e comum a todas as escolas (da educação infantil ao ensino médio). A BNCC definirá as competências e conhecimentos essenciais que deverão ser oferecidos a todos os estudantes na parte comum (1.800 horas), abrangendo as 4 áreas do conhecimento e todos os componentes curriculares do ensino médio definidos na LDB e nas diretrizes curriculares nacionais de educação básica. Por exemplo, a área de ciências humanas compreende história, geografia, sociologia e filosofia. As disciplinas obrigatórias nos 3 anos de ensino médio serão língua portuguesa e matemática. O restante do tempo será dedicado ao aprofundamento acadêmico nas áreas eletivas ou a cursos técnicos, a seguir: I – linguagens e suas tecnologias; II – matemática e suas tecnologias; III – ciências da natureza e suas tecnologias; IV – ciências humanas e sociais aplicadas; V – formação técnica e profissional.<sup>7</sup> O pedaço da BNCC correspondente ao Ensino Médio ainda aguarda aprovação do Conselho Nacional de Educação, prevista para o primeiro trimestre de 2018. Essa grande transição provoca uma enorme instabilidade na educação brasileira e reforça seu caráter direcionado à formação de trabalhadores. A retirada da disciplina Artes é algo a ser confrontado neste Colégio, que talvez, a partir de sua história, tenha forças para o debate; justamente no momento em que se realiza uma movimentação para aprovarmos a extensão da disciplina ao 2º ano do Ensino Médio; assegurada pela convicção de sua extrema relevância à formação íntegra de nossos estudantes.

---

<sup>7</sup> <http://portal.mec.gov.br/component/content/article?id=40361#barra-brasil>



Figura 54 - Desenho em caderno de artista.



Fonte: Cecília, 2017.

## 4.2 Cadernos de artista: uma aposta

### Guardar

Guardar uma coisa não é escondê-la ou trancá-la.  
Em cofre não se guarda coisa alguma.  
Em cofre perde-se a coisa à vista.

Guardar uma coisa é olhá-la, fitá-la, mirá-la por admirá-la,  
isto é, iluminá-la ou ser por ela iluminado.

Guardar uma coisa é vigiá-la, isto é, fazer vigília por ela,  
isto é, velar por ela, isto é, estar acordado por ela,  
isto é, estar por ela ou ser por ela.

Por isso melhor se guarda o vôo de um pássaro  
Do que um pássaro sem vôos.

Por isso se escreve, por isso se diz, por isso se publica,  
por isso se declara e declama um poema:

Para guardá-lo:

Para que ele, por sua vez, guarde o que guarda:

Guarde o que quer que guarda um poema:

Por isso o lance do poema:

Por guardar-se o que se quer guardar.

Antonio Cícero



Figuras 55 e 56 - Fotografias dos cadernos de artista e da exposição realizada no hall da sala de artes.



Fonte: A autora, 2016.

#### 4.2.1 Tesouros e teorias

“Cada pedra que ela encontra, cada flor colhida e cada borboleta capturada já é para ela princípio de uma coleção, e tudo que ela possui, em geral, constitui para ela uma coleção única. Nela essa paixão mostra sua verdadeira face, o rigoroso olhar índio, que, nos antiquários, pesquisadores, bibliômanos, só continua ainda a arder turvado e maníaco. Mal entra na vida, ela é caçador.”<sup>8</sup>

Há três anos, pouco antes do início do ano letivo de 2015, estudando e planejando as aulas para minhas turmas de Ensino Médio, deparei-me com o desejo de trabalhar com os alunos algo sobre coleção, prática e tema, que me são muito caros. Tal ideia, desta vez, fora incitada pelo encontro com o poema *Guardar* de Antonio Cícero, que logo trouxe à lembrança, uma historieta de Benjamin, *Criança desordeira* – das minhas mais adoradas. Isso me levou a procurar algumas possibilidades que combinassem os conceitos de trajetória e memória, que conduzisse à experiências de composições de temporalidades e espaços distintos, através de um repertório imagético já adquirido e a ser construído pelos estudantes a partir das aulas. Parte desse impulso veio também das minhas pesquisas pessoais, nas quais, o interesse estava em observar colagens de espaços em percursos distintos, interfaces de tempos, a vislumbrar imagens outras, reconfigurações. Tentativas de construção de novos tempo: o tempo das imagens, o tempo das relações humanas, das durações, dos intervalos, das continuações, das permanências; levando em conta os espaços, onde estranhos se abarrotam, onde lugares se despertencem, onde vazios se aconchegam. Momentos de refazer ou transfazer caminhos antiapartados sociais e históricos: como passagens, pontes, esquinas – desenrolos verso a subjetividades –, horas para memorar histórias e transpor desertos em significações. Investigações de imagens resgatadas e apropriadas que em suas potências realizam-se no que revividas. Naquele momento, retomei com isso, algumas antigas leituras da filosofia de Henri Bergson (2006a., p. 17), “[...] chamo de matéria o conjunto das imagens, e de percepção da matéria essas mesmas imagens relacionadas à ação possível de uma certa imagem determinada, meu corpo.” Podendo os objetos que cercam o corpo, refletir a ação do próprio corpo – que é matéria e é imagem – sobre eles. As imagens, desta forma, assumem um duplo – são sistema de imagens que varia de acordo com o corpo - em

---

<sup>8</sup> Benjamin. *Criança desordeira*, p. 39.



percepções do universo, imagens relacionadas a si mesmas influenciando-se mutuamente. À medida que, este corpo gira, anda, estaciona, percorre, é capaz de receber tais imagens (objetos que também se movimentam ou vibram) de uma forma ou de outra, imprime a competência de agir sobre elas. Essa experiência de articulação do objeto-imagem é geradora da própria experiência do real (percebendo-se aí, que essa realidade é dada na imagem e baseada no dinamismo e na mutabilidade). O indivíduo é, em dado instante, capaz de escolher elegendo de um modo ou de outro seu mundo – transversalmente à colagem do presente no passado, bem da memória.

Um pouco adiante, ainda somei a isto algumas noções de arquivo - fixar, juntar, embargar, afeiçoar, anexar, conectar, ligar; compilação, agrupamento, montagem – e da arte de arquivo, que retoma tal organização formal no contexto artístico, ainda que sublinhe licenças de criação e possibilidades de intercâmbio de valores e signos. As práticas de arquivo no âmbito artístico apresentam evocações de experiências, imagens, matérias e subjetividades, que interligadas são capazes de fundar construções de significados. É provavelmente a experiência de viver num mundo de infinitas imagens, que faz despertar esse desejo arquivístico. E é em grande parte pelo papel da fotografia, que essa relação com o mundo se viu modificada: a coleção de fotos é a coleção de mundos. Além de criar imagens as pessoas estão o tempo todo interagindo com um número imenso de registros de todos os tipos, e vão aprendendo a se conectar, a pensar, a eleger e desprezar, a construir narrativas próprias, construções pessoais, apropriações e ficções. Como prática artística, é possível dizer que os arquivos, começam a se estabelecer como linguagem ainda nas colagens ou fotomontagens anteriores à Segunda Guerra e ecoam em montagens cinematográficas, ou mesmo aparecem em teorias, como o atlas de Warburg, no qual são discutidas hierarquias no centro da História da Arte (atenção à construção de um projeto material como arquivo que busca quebrar as barreiras entre alta e baixa cultura, direcionada a uma forma de memória pessoal e coletiva). As práticas de coleção podem apresentar arranjos de estruturas heterogêneas: produção de sentidos através das imagens, um certo otimismo em relação à memória, à comunicabilidade, à significação. O artista pode apreender imagens transformando-as ao fazer arquivos. Tal prática versa com o hibridismo dos campos e corrobora um inventário-mundo : livros como espaços expositivos, vitrines, caixas, registros, documentos, ruptura com a unidade do quadro-retângulo ligada ao

espaço em pesquisar a multiplicidade da vida. Colecionador de fluxos, o artista arquivista permite incongruências, em suas catalogações é possível achar elementos estranhos em total convivência, aceita contradições mútuas e constantes, coleciona e reúne para propor descontinuidades e reinvenções de sentidos.

Essas referências misturadas incitaram-me a pensar de que maneira poderia estender aos alunos algumas provocações por mim perseguidas e, como norte, optei por um caminho que resvasse na ideia de cadernos de artista. Criações que com o tempo, transbordaram a ideia dos cadernos e foram ganhando novas definições, sem serem exclusivamente uma coisa ou outra: livros de artista, cadernos de bordo, blocos de notas, cadernos de viagem, autobiografias, arquivos portáteis, cabeceiras móveis. Nestes cadernos, todo o percurso das aulas e da própria vida deve ir se depositando, por vezes como colecionadores, por vezes como produtores de imagens, ainda como articuladores ou curadores: autores e editores de um conjunto diverso – de um universo particular banhado por distintos afluentes. Decantação e emanção. Cada aluno constrói artesanalmente o próprio caderno (folhas e dimensões opcionais) e é instigado por mim a produzir exercícios plásticos de acordo com os conteúdos que vão sendo trabalhados nas aulas. Outra parte da produção é dedicada à livre escolha dos alunos que trazem suas referências, questões e ideias para os demais exercícios. Nestes cadernos se amplia a mistura dos conteúdos de Arte Contemporânea (base do programa obrigatório da escola) com aquilo que já é conhecido pelos alunos, o que já é de domínio próprio ou que o atravessa ao longo do curso. Dessas conexões nasce a necessidade de discutir e problematizar em sala de aula uma gama maior de imagens, além História da Arte – é nessa mistura viva e pulsante que percebo a vibração do estudo das mais variadas criações estéticas e temas. Os cadernos-coleções ou arquivos-móveis reivindicam um lugar de universo próprio, ou corpo único de fragmentos que se ligam e se desconversam com o passar das folhas e dos dias. Neles algo de relicário, de baú, de álbum, de colcha de retalhos alinhavados por dedos desbravadores: travando encontros pessoais e coletivos. São registros de narrativas plurais e experiências como caçadores-coletores-inventores, fragmentos-fósseis ao alcance das mãos e olhos. Nômades que revelam suas vivências através do amuleto-diário, ao mesmo tempo espécie de autobiografia e museu imaginário<sup>9</sup>. São lembranças, desejos, imaginações, quase

---

<sup>9</sup> Aqui pego o termo emprestado do escritor francês André Malraux (1901-1976), pensado na coleção mental (e física) das imagens que nos atravessam.

ilusões, alguns sonhos entre sombras e cores - conteúdos em versos. A versar verdades para além-histórias, para processos de sentidos, transpassando vazios e realidades. Persistentes pedaços humanos a fulgurar imagens-mundo em sobrevidas: vestígios e eternos recomeços. Pelos corredores das escolas: coleções de acontecimentos, arquivos de tempos. E de tudo que se deixe preencher pelo prazer das vivências estéticas.

#### 4.2.2 As questões e a prática

O projeto dos cadernos foi idealizado para aquele ano de 2015, mas as questões que ele suscitou me fizeram apostar por mais dois anos em suas confecções, para que pudesse, de certa forma, observá-los e investigá-los melhor como processo e prática para o ensino de Artes Visuais. Foram alguns momentos e transições vividas – algumas conquistas agregadas e certas partículas dispersadas – e convividas ao longo desse tempo. No primeiro dia de aula destes últimos três anos letivos, nos cinco minutos restantes após as apresentações dos estudantes, eu soltava: “cada um produzirá seu próprio caderno, no qual, todos os exercícios estarão de alguma forma registrados, pensem em como gostariam que ele fosse e na próxima semana falaremos melhor sobre isso”. É certo que não saíam silenciosos, perguntas e mais perguntas já iam aparecendo e eu insistia em esperar até a outra aula. Como em todo começo não sabia onde iríamos chegar. Muitas vezes fui surpreendida pois antes mesmo que eu pudesse colocar algumas referências, já brotavam das mochilas pastas com desenhos antigos ou variados blocos e cadernos de anotações e pinturas. Estes já anunciavam expectativas e possibilidades aos olhares de todos e daí já partíamos animados. E mais, seríamos encorajados pelos cadernos ilustrados de viagem de Delacroix, os livros objetos de Lygia Pape, até o ready made *Ar de Paris* de Duchamp, inspirados por textos e poesias, instigados por toda sorte de imagens vindas da Internet de compilações variadas de anônimos até nossas recordações e coleções particulares. Então, nos vestíamos ao melhor estilo abertos ao que poderia vir pela frente. Sim, rolavam umas resmungadas, alguma preguiça: “precisa fazer o caderno mesmo, professora? Não posso comprar pronto?” Não!!! Não queria que se limitassem aos formatos vendidos (que pouco percebiam, como induzia a produção deles – o recorte

anteriormente já estabelecido indica algum caminho) e vieram alguns caminhos: os primeiros pouco arriscavam além do horizontal A4 paisagem, um ou outro mais parecido com blocos, até aparecerem redondos, com folhas de formas e tamanhos diferentes, papéis misturados (quadriculado, lixa, coloridos, plástico bolha, vegetal), capas de papelão, tecido, madeira. Amarrações, furações e cadernos alinhavados e costurados como livros artesanais. Interessava que esse primeiro momento de construção do que seria nossa base fosse desenhado sobre um fazer manual evocando algo de viver junto. Sentados em nossas mesas em roda íamos contando a vida, falando histórias, nos percebendo enquanto nos ensinávamos a usar o furador, a cortar as páginas (aliás, diversão garantida vê-los se deslumbrar com uma cortadora de papel e um furador, achavam super tecnológicos): era um modo de promover uma atmosfera de coletividade na qual cada um olhando para o outro, podia emprestar suas mãos e ideias escolhendo por qual rumo seguir. Este era o tom da experiência com os cadernos. Alguns alunos resolviam pular essa etapa, diziam que preferiam outra espécie de organização: ir fazendo cada trabalho separadamente e por fim juntá-los, por vezes, perdiam parte da produção, mas também era uma escolha possível.

Os cadernos prontos, tratávamos de preenchê-los como se fossem semanários nas salas, e diários nas vidas: podiam e deviam ser compostos por toda sorte de anotações como uma agenda, caricaturas feitas durante as aulas de outras disciplinas, desenhos de observações e resquícios da rua, embalagens, panfletos, ou restos para a lembrança, tíquetes de cinema, shows e jogos eram bem-vindos, experimentações plásticas desejadas, além de tantos outros exercícios propostos de acordo com a sequência dos conteúdos específicos e acontecimentos cotidianos. Tratava-se mesmo de museus portáteis, pequenos universos móveis, mas eram mais, porque não apenas materiais: porém tempos de relacionamentos e convívios. Não houve um só caderno igual ao outro porque insistimos em valorizar as vias das particularidades e eleições pessoais, entre as brincadeiras respeitamos as diferenças: cada um tinha um tipo de resposta a pergunta colocada e não havia erros tampouco acertos, eram querereres: acenos para pequenas liberdades. Em cada caderno era notável a reivindicação de autoria, eles eram capazes de reverberar seus criadores. Pude conhecer um pouco mais de meus alunos, iam se revelando generosamente, se desnudando: fomos próximos o quanto desejamos ser e também nos pudemos distantes, quando o caso era de se fechar. Devo falar dos dois

*Gabrieis* (curiosamente mesmo nome) que não quiseram fazer nada, não se sentiram atraídos ou provocados suficientemente, mas perguntados, não me ofereceram conclusões para as recusas, apenas diziam que Artes Visuais seguia sendo muito chata. Provavelmente não foram os únicos a cogitar não topar, talvez apenas os mais corajosos, pois sim, os cadernos seriam avaliados ao final do semestre, e valiam boa parte da nota da média (discordo profundamente do modelo de avaliação que a minha disciplina perpetua em pacto com as demais, semanas enlouquecedoras de provas formais, no nosso caso teóricas, formam média como o resto da pontuação distribuído à escolha dos professores, testes, trabalhos de todos os tipos: não acredito em notas, verificações ou números). Outros alunos foram realizando o caderno de forma mais protocolar ou burocrática, sem queixas ou grandes sorrisos, assim como uma atividade a ser executada, às vezes se interessavam mais por uma questão pautada, às vezes menos, no que me inseria tentando desafiá-los (parcimoniosamente). Devo ressaltar que este trabalho só foi possível porque muitos alunos compraram a ideia, e bem mais que isso, entenderam se tratar de uma viagem entre mundos compartilhados, nos quais, inventaríamos interações através do que ambos os lados traziam, não me custa admitir, que foram imensamente mais ricas suas ofertas, pois me formaram de novo: saberes sobre a adolescência, o cenário musical atual, um dialeto adorável, dilemas e astúcias, me ensinaram a sentir e me emocionar, a ver outros mundos, imagens e artes. Em um ano fizemos uma exposição dos cadernos, no outro convidamos os alunos para a Sala de Artes para mostrá-los, praticamos auto-avaliações, vasculhamos e adoramos os cadernos amigos, e até alguma inveja dos “inimigos”, tudo com o maior cuidado e apreço. Curiosamente no segundo ano que resolvi insistir na confecção dos cadernos, muitos alunos já chegavam à sala perguntando se os faríamos também, haviam ganhado certa fama no Colégio. Desejavam o momento de inventar os seus. Alguns ex-alunos levaram pelos anos seguintes seus cadernos que continuavam a fazer em casa para que eu visse haviam tomaram como prática constante, hábitos pessoais. Essa energia e entusiasmo foram me levando a prolongar sua vida útil, erigindo um ciclo. Acabados esses três anos, consigo finalmente compreender também certo esgotamento (ali e por hora), e me preparo para investir em outras direções. Os cadernos nunca foram uma tentativa metodológica e sim uma aposta, por isso recuso sua repetição eterna. Foi processo tão azeitado, configurou-se como uma vivência artística, poética, sobretudo estética

tão intensas. Mais portava seus limites, que fomos tentando, nem sempre de maneira simples, transpassar, a bidimensionalidade, a individualidade e a assinatura (a lá Modernismo) eram caráteres a serem problematizados. Por isso, inventamos as fugas do caderno: projetos em grupo, intervenções pela escola, objetos, ensaios fotográficos, que deviam estar documentados nos cadernos. De qualquer forma, em alguns momentos houve desconfortos, sem a garantia unanimidade, que é preciosa ao contínuo exercício de se reinventar. Vivemos felizes, até que as novas escolhas vão nos separar no próximo ano letivo. Carrego desta aventura com os cadernos, uma malinha de lembranças-raízes que me sustentam em minha contínua busca por enamoramentos pedagógicos. Coleção que só se expande. Sorriso doce no peito.

#### 4.2.3 Experiências criadoras

**I – Costuras.** Foram muitos exercícios plásticos, uns mais felizes, escreverei apenas sobre alguns e devo começar pelo que mais me surpreendeu: um exercício baseado numa exposição realizada no espaço cultural do próprio Colégio, composta por trabalhos de artistas contemporâneos que utilizavam algum método de costura – após visitarmos e pesquisarmos também outros artistas, propus que levássemos agulhas e materiais diversos e tentássemos algo no caderno. Como vamos costurar no papel? Nunca coloquei linha na agulha, é muito difícil! Não sei fazer isso não, Lia! Vamos apenas experimentar, ver o que sai! Eu também não sabia costurar, mas me parecia formidável a possibilidade de aprender com eles, insisti. Precisávamos colocar os dedos quase atrofiados a bailar. Foram aulas e aulas imensas, ficamos horas e horas nos divertindo entre paetês, miçangas, fios, retalhos – perseguimos formas figurativas, palavras, arames, ainda sobrou para as mochilas e pulsos ganharam pulseiras, enquanto nos espetávamos e descobríamo-nos ótimos ou péssimos costureiros, grandessíssimos arteiros. Alguns emprestaram suas já sabidas técnicas outros as inventaram naqueles instantes e iam se contaminando, propagando suas averiguações, com eles aprendi tipos de nós que não supunha existirem – nos abraçamos a cada conquista. Era impressionante que algo que surgira tão despreziosamente, e mesmo com alguma desconfiança sobre o que eles achariam ousei propor, tivesse se agigantado tanto. Como fiadeiras e fiadeiros, tecíamos linhas sinestésicas, fios-alargamentos de nossos estares. Entre ais e uis,

micropontos de sangue, gotas translúcidas pelos rostos quentes e bravuras guerreiras com uma hastezinha metálica em punhos. Meta-linhas. Riscas entre duas pontas. Conexões. Novelos-ninhos. E paramos antes que pudéssemos cansar (era preciso seguir outras trilhas, dessas imposições que currículos fazem) ou talvez escolhêssemos costurar vida a fora.

**II – Pinturas e colagens.** Parte do nosso conteúdo programático para o Ensino Médio estabelece o estudo do que nele é chamado de meios ou linguagens artísticas (dividas entre tradicionais, modernas e contemporâneas). Busco trabalhar a maior parte delas com intenção de experimentar um pouco de tudo, ter contato com os materiais dos quais dispomos e as técnicas que conseguirmos, de acordo com nossa estrutura (um tanto precária<sup>10</sup>), e claro, tentando remediá-la; face boa: utilizamos tudo que nos aparece, inventamos novos usos, resgatamos coisas perdidas e esquecidas (também nos lixos). Mas me interessa aqui falar de duas das práticas mais elementares do ensino de Artes Visuais – a pintura e a colagem. A pintura continua a reinar absoluta. Como se atacam aos potes de tinta guache, a repetir gestos ancestrais ou infantis! Se lambuzam! Pintam o rosto, cores nas mãos que são carimbadas, esponjas, rolos (o que dizer da atração pelos rolinhos?), escovas de dente, redescobrem as misturas das cores, muitos já não recordam como achar o laranja, ficam a brincar de alquimistas de tons. Aquarela, nanquim, corantes naturais. Se esbaldam, mesmo quando há dúvidas. Como faço? É assim? Alguns seguram o pincel como uma vassoura, outros como um lápis. Vão tateando, testando, se respingam e quase tomam banho na pia da sala, existem até os que precisam de ajuda para se limpar. Tentam uma, duas, três vezes chegar a resultados idealizados e rasgam tudo, jogam fora e ai de mim dizer que não está ruim, que deixem secar e repensem, que podem usar como base para outro exercício. Sim, aos poucos vão flexibilizando. Os destemidos, às vezes, concluirão que não é tão fácil como parecia, mas entram na roda e aprovam divertimentos. Há uma magia nas tintas, a qual poucos conseguem resistir. Tentamos soltar os braços, pintar inteiros e sem pré-conceitos: embates históricos com olhares adestrados. Ensaios para devires abstrações. Desamarrar o gesto orquestrado. Dançar as cores

---

<sup>10</sup> Como a disciplina no Ensino Médio é oferecida apenas no 1º ano e por um semestre, há uma determinação que impede uma lista de material para os alunos, o que parece bastante razoável; em contrapartida, fica a cargo do Colégio providenciar aquilo que será de uso coletivo, todavia, nos últimos quatro anos, não houve nenhuma compra para reposição dos materiais ou bens comuns.



sobre os papéis (e peles) até cansar (o que não acontece à alguns). O patinho feio desta história, é a colagem. Insisto em exercícios nos quais lidem com a apropriação de imagens de diferentes origens, reconexões, criações de novas visualidades, entretanto, poucos alunos realmente se interessam. Achrom demasiado difícil. Apesar de viverem em meio a tantas imagens, não conseguem muito bem redimensioná-las, operar edições sobre elas, delegar outras atribuições a partir de suas montagens, quando numa única resultante folha. Apresentam dificuldades para selecionar, nas proporções e encaixes, na observação de ângulos e perspectivas, existe uma fragilidade de trabalhar o espaço compositivo denunciada. Apesar de serem os grandes herdeiros de um legado figurativo e de um sem número de imagens, estranhamente ou nem tanto – já que estas pouco são investigadas plasticamente por outras disciplinas –, apenas alguns estudantes demonstram certa maturidade na construção visual. Vale mencionar que muitos nem conseguem recortar cuidadosamente, desistem pelo caminho: chegar aos quinze anos e pedir para a professora cortar uma foto, me parece gritar a pouca prática e o silenciamento das mãos ao longo dos anos escolares. Convoco fortemente as artesanias, insisto no poder das artes manuais para outros tipos de registro, inclusive do próprio corpo. Acredito no tato, no toque que cheira.

**III – Dadás e inspirações.** Falar sobre Dadaísmo é sempre uma farra: como justificar para os adolescentes um mictório como objeto de arte? São provavelmente as aulas, nas quais os alunos mais me testam, tentam me levar à exaustão, desejam que eu jogue a toalha em definitivo – eu adoro contorcê-los e ir cortando pelas curvas, meio ringue, meio pista de corrida: rivalizamos emocionadamente. Com os pelos eriçados, pós-gritarias, embasbacados com nossas forças de argumentação concordamos ao fim, em desconfiar de convencimentos. E passamos a duvidar: ato bom de sobrar “porquês não?”. Disso emprestamos ao menos algum arsenal de escuta e encontramos-nos exercícios para desconstruções. Demolimos alguns parâmetros e convicções com trabalhos bem simples. Gostam quando experimentamos fazer algum experimento coletivo em um único papel no qual todos inserem marcas, mas suam frio quando em seus cadernos. Sentamos em roda e os cadernos passam de mão em mão (todas) que podem na mesma página ir interferindo da maneira que quiser – aí detonamos os gostos, as assinaturas, o “é meu!” Não pode fazer isso! Está ficando feio! Estava tão bonitinho meu caderno! E o

que é beleza? Não é seu, é nosso! São obras construídas por todos, uma pegada deixada por cada um, em cada caderno: nisso debatemos tanto. Também podemos partir de uma mesma cena e ir aglutinando os pontos de vista em cada caderno ou exercitar encontros de elementos estrangeiros entre si, propondo novos objetos ou seres, através de apropriações de imagens acolhidas pelo papel vegetal em diferentes fontes impressas e reconduzidas. Dobras. Fintas. O Dadá e seus ecos nos desperfilam. Incomodam. Chicoteios a desconsertar.

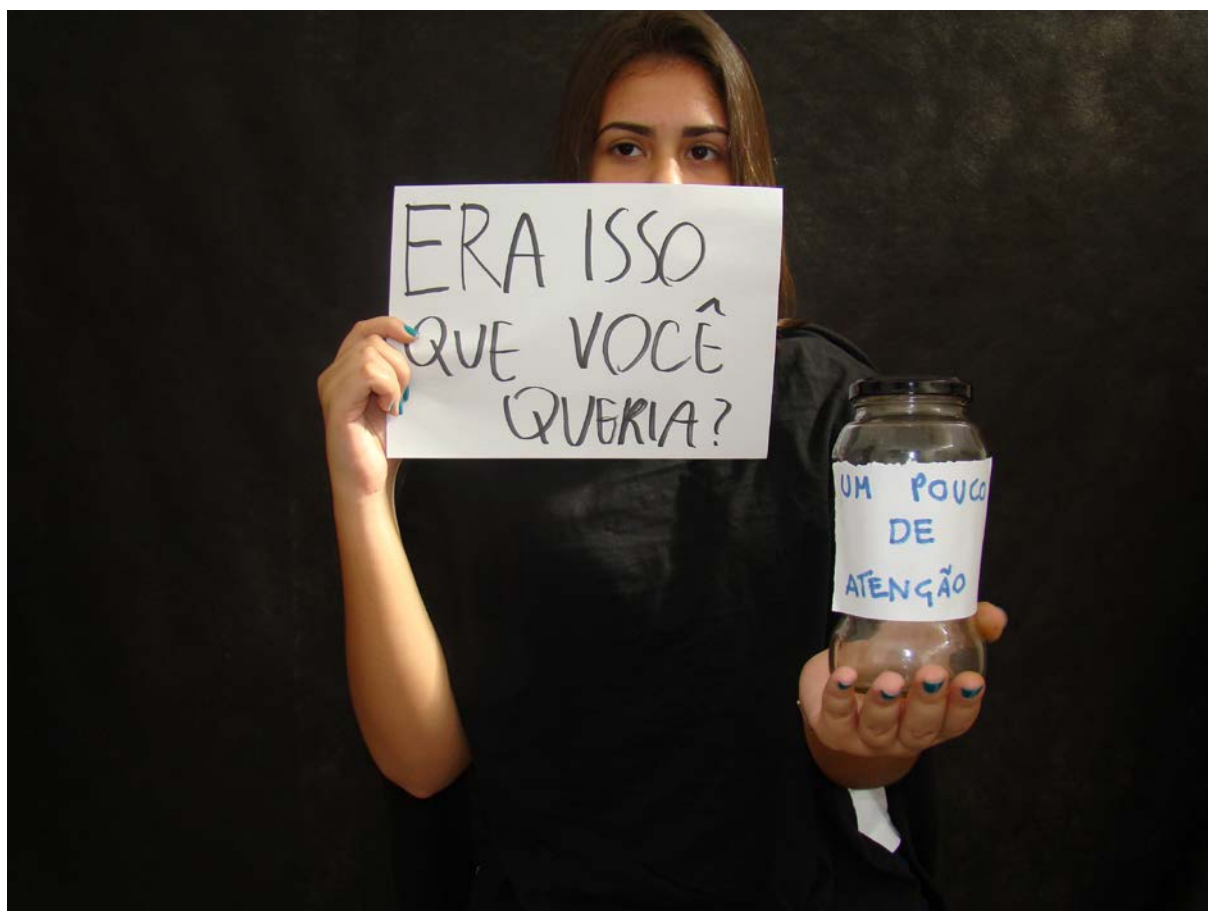
### **4.3 Expansões – do caderno para o espaço –: navegar é preciso!**

#### **4.3.1 Ensaio fotográfico**

Talvez por gostar tanto de fotografar muitas vezes proponha exercícios que envolvam a fotografia. Também por acreditar que essa seja uma linguagem, à qual os jovens estejam, de certo modo, familiarizados. Curiosamente, as aulas sobre fotografia são banhadas à revelações e algumas desconfianças para ambas as partes. Penso que fotografar a todo instante, como a maioria dos estudantes com os quais tenho convivido faz, não necessariamente e pelo contrário, garante de fato o entendimento desse tipo de imagem. Portanto, se tornam produtores sem percepção dos processos, diria mesmo, que em muitos casos, são leitores e intérpretes ruins. Isto acaba por reforçar minha vontade de junto a eles investigar a trajetória da Fotografia, seus usos no mundo das Artes Visuais e em parte da Cultura Visual. Insisto que passem a fabricar imagens a partir da apropriação e edição daquelas muitas que já vagam pelo mundo, que estudem como dissecá-las e a partir das próprias leituras e intenções, as reconduzam à outras existências. E então, podemos tentar partir para o envolvimento com a câmera, em geral, algum ensaio. Aqui escrevo câmera, porque geralmente levo a que tenho, para que possam manusear e se envolver com o objeto, um celular não é uma câmera: máquinas fotográficas tem peso, empunhadura, uma robustez que indica seu uso, ainda que lancemos mão do tripé, quando necessário. É um modo de fazer fundamentalmente com a luz e por isso, começamos por analisa-la em suas diferentes aparições – os efeitos e climas que provocam. Passamos ao conjunto: posicionamentos, cores, ângulos, cortes, cada escolha exige do fotógrafo um discurso e indica uma decisão tomada em certa

direção. Na fase talvez mais proclamada da representação da autoimagem – a juventude – recorro com muita frequência aos retratos. Intentos para que não escapemos ao tratamento de temas centrais aos processos escolares de ensino/aprendizagem: autoestima, padrões de beleza, abrigos identitários, bullying, auto-exposição nas redes. Pensamos em ensaios, um grupo de fotos que podem contar uma história ou podem ser anti-narrativas lineares (quase repetições com mínimas variações, qual uma seriação, podem configurar aqui). Em alguns momentos sugiro investigações e apresentações de como se percebem, ou como se imaginam. Noutras indico rotas para percorrerem outros eus, ainda como autorretratos, mas travestidos com características de outras pessoas ou grupos, que supunham ser parecidos a eles ou até radicalmente opostos. Em nada, são experimentos simples, partimos de um projeto esboçado no caderno – O que mostrar? Como? O que quero dizer? O que estou contando, afirmando, discordando? Cenário? Figurino? – e lentamente debatido, tentando antever situações e assegurar alguns confortos. A ideia não é testar limites, se expor sem querer: trata-se de usar a criação de uma ficção para desenhar alternativas ao corpo, à própria vida e aproveitar para entoar questionamentos, reflexões, inventar imagens. Colocar-se como suporte, mera tela ou porta-voz. São exercícios suados, em parte porque não conseguem se organizar tão bem sozinhos (escolher que fatores desejam mostrar), de outra parecem não levar a sério as peculiaridades da criação fotográfica. Apenas se dão conta de todo o extenso processo quando começamos a fotografar e então animam-se com as produções. É como se tivessem que superar a falta de imaginação de um futuro. Lidar com projeções e planejamentos iminentes dados no papel concreto. Talvez por isso continue insistindo nesses exercícios, interesse-me também pelas dificuldades e em especial pelas formas de espelhar alteridades, quase senti-las por alguns segundos: numa encenação de corpo inteiro, que ganha em verdades. Algo com sabor de solidariedade possível.

Figura 57 - Fotografia feita em ensaio por aluna.



Fonte: Andressa, 2016.

#### 4.3.2 Intervenções na escola – ocupando os espaços coletivos

Os sentimentos educados, lembrei, os sentimentos educados fazem caber em outras classificações o que nos frustra ou irrita, o que nos agride e mesmo o que nos pode combater até à morte.<sup>11</sup>

Propus aos estudantes, que baseados em um breve estudo sobre intervenções urbanas, pensassem individualmente ou em grupos, trabalhos de intervenções na escola. O projeto deveria ser concebido no caderno e apresentar condições de ser realizado em algum ambiente da escola que não fosse a sala de Artes. Podiam escolher o tema, os materiais e o local onde os trabalhos seriam colocados – e durante algumas aulas fomos pensando e articulando as melhores maneiras de se chegar àquilo que se delineava; precisaríamos construir estratégias de produção, ação e montagem. É preciso também registrar, que este exercício foi realizado em meio à descoberta da Arte Conceitual, e um tanto por causa desta – o que de certa forma, indicou um norte aos jovens. As propostas por eles apresentadas foram inundadas de textos, palavras, conceitos, pensamentos, ideias – levando em conta o que queriam dizer com isso, com a intervenção. Ainda é bom que se diga, que havia uma inspiração no projeto de Cildo Meireles intitulado *Inserções em Circuitos Ideológicos*<sup>12</sup>, e por isso as intervenções residiam na lógica dos múltiplos – todas os trabalhos deveriam ser compostos por no mínimo três exemplares, que podiam ser veiculados de mão em mão, ou estar espalhados em locais diferentes. Somado à tudo isso, por ser uma prática não usual na escola, foi devidamente pedida autorização para realização dos projetos, à Direção pedagógica, que acenou afirmativamente. Entre muitos formatos, linguagens, assuntos: a escola começou a mudar de visual e durante duas semanas, muitas das intervenções repercutiram - foi um espalhar de obras a ocupar tudo que andava bastante inóspito, corredores, banheiros, salas, pátios - para os alunos, uma possibilidade de pensar a própria escola, o que gostariam de colocar ali, como trazer à tona o que desejavam comunicar. Estávamos empolgados, atravessávamos a porta de nossa sala e dialogávamos com os outros; aquilo que era só projeto,

---

<sup>11</sup> Valter Hugo Mãe. p.90

<sup>12</sup> Trabalho realizado pelo artista Cildo Meireles, durante a época da ditadura no Brasil, no qual inseria ideias contrárias ao sistema, em objetos que poderiam ser e eram recolocados em circulação, como cédulas de dinheiro e garrafas de Coca-cola; esses objetos portanto retornavam os público modificados.

ganhara matéria, estabelecia relações, então isto era fazer arte. Batizados artistas. Desde de exclamações animadas, cochichos, a rostos de estranheza e assobios desgostosos – entre os funcionários, professores e estudantes. Tudo corria mais ou menos dentro do previsto, as intervenções ficariam montados por duas semanas, muitas eram interativas e iam se esgotando com o tempo, mas algo saiu do rumo esperado. Já havia chegado aos meus ouvidos através da rádio-corredor que rolara um descontentamento por parte da Coordenação de Disciplina e da Direção em relação à um trabalho específico, basicamente era composto por folhas de caderno destacadas e estampadas com a frase *Ponto de beijo livre*, coladas em diferentes lugares da escola. O que um inspetor acabou me contando depois, é que um grupo de alunos se encontrara embaixo de uma das folhas do trabalho e começou a se beijar, das mais variadas formas e tipos de beijos que conseguiram imaginar. Tal ação havia causado imensa irritação no coordenador de disciplina (que por acaso tinha sido meu inspetor quinze anos antes), que rapidamente dispersou os alunos, arrancou o trabalho da parede e o levou para a Direção (esta última parte só soube depois). Como não vi nenhum problema na atitude dos estudantes, pelo contrário, embora não tivesse sido a intenção direta do trabalho, que era conceitual e de cunho mais reflexivo, achei que este acabou ganhando muito em termos simbólicos, tendo ampliado os sentidos; o que me deixou inclusive feliz; não me dei conta da “ameaça à ordem” e do que poderia ainda acontecer, deixei tudo como estava. No último dia de intervenções, colocamos em circulação um trabalho contra na caderneta dos alunos, eram papéis recortados, nos quais foram escritas frases preconceituosas e machistas, de forma que encaixassem na segunda página e deixassem vasado apenas o nome da mãe do estudante. O que pareceria insulto ou xingamento foi pensado para que ao receber a caderneta no final do dia, os alunos refletissem se gostariam que tais frases (que também, por vezes, proferem) fossem direcionadas à suas mães, que gerasse questionamentos. Meia hora após colocarmos o trabalho nas cadernetas e antes mesmo que elas chegassem até seus donos, recebi a visita da orientadora pedagógica na minha sala dizendo que queria conversar, argumentei que estava em aula e iria depois, mais quinze minutos passados o diretor administrativo estava na minha porta, para quem informei o mesmo, não sairia no meio da aula, então fui intimada à uma reunião na Direção no horário do intervalo. Comecei a desconfiar de que algo estava errado, mas em nenhum momento supus que estava relacionado ao trabalho. Foi uma batalha duríssima: numa saleta

escondida na sala da Direção, eu, a orientadora pedagógica, o diretor administrativos e a diretora geral. Cheguei à reunião e as cadernetas com o trabalho estavam espalhadas encima da mesa, depois de muita falação, autoritarismo, assédio moral, ainda vi surgir perplexa uma pasta com o trabalho retirado da parede (ponto de beijo livre) guardado. Sob as frases como “os alunos e mães se sentirão ofendidos com o trabalho”, “não pode ir uma frase assim na caderneta, vão ligar para a escola querendo saber o que é”, “a escola já tem muitos problemas”, “os alunos não vão entender sobre o que se trata”, “professora, os alunos não podem se beijar no corredor, tinha até menina com menina” eles desferiam flechas. Ainda deu tempo para reclamarem de uma intervenção realizada com fita isolante simulando grades nas janelas das portas de todas as salas de aula; “os pais entram aqui e acham que os alunos estão dizendo que é uma prisão”, “acho de muito mal gosto comparar uma escola com uma prisão”. Tentei argumentar muito, não haviam entendido nada, nem estavam dispostos a conversar. Foi um dos dias mais sangrentos na minha docência – fui cachoeira salgada. Estávamos censurados. Era difícil imaginar voltar à sala e explicar isso para eles. Doemos juntos. Admito que não tive grandes forças para reagir naquele momento, apenas conversei sobre o que havia acontecido e debati com meus alunos o quanto era agressivo não poder se expressar, como era violenta a ação de ceifar alguma expressão, quanto devíamos caminhar para melhorar aquela escola e que éramos todos responsáveis por isso. Talvez minha frustração, e certo embaraço por ingenuamente não ter previsto que algo assim pudesse acontecer, tenham me feito tratar de apaziguar um pouco os ânimos, também achava que deveríamos preparar nossos espíritos para longas guerras, era ainda mais sério do que esperava. Discutir machismo, lgbtphobia e o encarceramento do ensino/escola eram temas mal vistos por uma ala do Colégio. Enquanto os alunos se apropriaram do espaço para falar, debater, mostrar suas posições e ideias, brindando a escola com incríveis trabalhos contra discriminações, abusos e assédios, a Direção da escola acenou com censura (se escondendo atrás de um discurso baseado em possíveis reclamações dos pais). A verdade atingiu em cheio as convicções retrógradas (pra dizer o mínimo) de alguns, mas os alunos continuarão se beijando livremente, continuaram lutando contra o machismo, e sabem exatamente que a sala de aula tem grades, e que elas terão que cair. Esses processos de ocupação e de discussão não podem ser silenciados, é isso que alguns ainda precisarão entender dentro das escolas. E pouco importa se os



trabalhos foram recolhidos, retirados de circulação, porque eles voltarão dezenas de vezes até que a escola una seu discurso ao dos alunos, até que ambos vibrem de maneira semelhante ou ao menos atenciosa. Até que a escola seja um lugar no qual verdades possam ser ditas, não as canônicas, as ensimesmadas, mas as que surgem da própria vida, do cotidiano, das experiências de equidade e liberdade. As geradas da urgência de se criar diálogos. Isso nos fortaleceu, nos deu mais munição, o que surgiu como exercício simples de experimentação artística, não só denunciou grandes males, como também, inculcou alternativas de resistência, de novas construções políticas e poéticas. Seguimos transgredindo de muitas outras formas, seguimos nos alargando pelos ares. Feito incensos defumadores. Não vamos permitir que eduquem nossos sentimentos.

Figuras 58 a 62 - Intervenções realizadas pelos alunos.



Fonte: Gabriel, 2016.



Fonte: Larissa e Juliana, 2016.



Fonte: Ana Cristina, 2016.



Fonte: Iris, 2016.



Fonte: Nicholas e Rafaela, 2016.

### 4.3.3 Objetos interativos

(...) a proposição mais importante do objeto, dos fazedores de objeto, seria a de um novo comportamento perceptivo, criado na participação cada vez maior do espectador, chegando-se a uma superação do objeto como fim da expressão estética.(...) faço questão de afirmar que não há a procura, aqui, de um "novo condicionamento" para o participante, mas sim a *derrubada de todo condicionamento* para a procura da liberdade individual, através de proposições cada vez mais abertas visando fazer com que cada um encontre em si mesmo, pela disponibilidade, pelo imprevisto, sua liberdade interior, a pista para o estado criador.<sup>13</sup>

Passei uns três anos arredia a ideia de explorar os *ready mades* como ponto de partida para outros exercícios, pelo menos, para aqueles que vingassem através de origem semelhante. Provável que eu não estivesse considerando alguns futuros interessantes e então durante um tempo também para escapar das repetições criei outras conexões investigando sob vias alternativas. O conteúdo obrigatório traz, às vezes, uma preguiça ou conformismo, fico tentando retorcê-lo, outras vezes ajuda, vai se amadurecendo dentro. Semestre passado resolvi dar nova chance à um projeto com objetos, misturando outras referências contemporâneas. Aos alunos pedi que pensassem e realizassem um esforço sobre um trabalho que versasse com objetos artísticos (podendo ser propriamente, recriado ou alusão), que pudesse se manipulado ou revelasse algum tipo de interatividade, que estimulasse mais de um sentido (audição, tato, paladar, olfato, visão) e que fosse exequível. Dali partiríamos para uma análise da viabilidade, construção e tentaríamos montar uma exposição aberta ao público da escola. Estranharam conjugar tantas diretrizes. Pesquisamos entre repertórios de artistas e imaginações. O processo ia sendo vivido em grupo, todos ouviam os planejamentos e iam inquerindo o autor para levá-lo a considerar as partes e seu funcionamento. Sim, e deviam partir de algum propósito: o que queriam com suas obras? Existia alguns obstáculos, não era algo a ser rascunhar e elaborar em dez minutos, talvez por isso, alguns tenham desistido pelo caminho apesar das minhas insistências, e recusar também faz parte da dinâmica, quando acontece geralmente peço para que devolvam o contexto trabalhado de outra maneira, aquela que se sentirem mais excitados, que criem e proponham outro roteiro. Este exigia insistência, buscava-se respostas. Aos poucos percebiam a distância entre o que habita a cabeça e sua materialização, entendiam

---

<sup>13</sup> Hélio Oiticica (1937-1980), artista brasileiro.

que pode-se jogar algo ao espectador e este não capturar nada do que fora desejado: as obras a serem construídas deveriam ser acessíveis a todos e nos demoramos em trazê-las a este ponto, queríamos conversas (mas isso não queria dizer obviedades). Como podiam andar por toda gama de temas, era possível ver um pouco de tudo: preocupações ambientalistas, discussão sobre diversidade de gênero, abuso de mão de obra infantil, machismo, problematização dos padrões de beleza vigentes, violência doméstica, drogas, críticas à ideologias políticas, reforços a auto estima, amores e desamores. Havia uma energia nervosa sendo extravasada. Conseguimos uma sala chamada de aquário por ter uma grande janela transparente, que fica justamente no encontro dos corredores para montarmos a exposição. Improvisamos mesas e uma estante, meio antigas e rotas (era o que dispúnhamos), nas quais ficariam depositados os trabalhos. Então fomos organizando juntos, cada turma em seu horário, fomos traçando alguns critérios de exibição, etiquetando os objetos com seus títulos e sob os olhares indiscretos passantes, tentamos conter a entrada até que tudo estivesse pronto. No fim do dia, quando a última turma fechou, já havia muita curiosidade espalhada, eles mesmos faziam o boca a boca, estavam arrebatados pela experiência toda. Resolvemos abrir a exposição somente no outro dia, no horário do intervalo entre turnos para garantir que os alunos pudessem igualmente visitar, depois permaneceria por uma semana. Existiam peças comestíveis (brigadeiros que escondiam intrusos, frutas), balões de ar (para estourar e para encher), flores (em algumas modulações), estalinhos (para agredir palavras doentes) e a reposição não era feita em larga escala, não conseguiam produzir tanto ou gastar tanto (nem deviam), e muitas outras criações com maior ou menor escala de envolvimento. Houve horários de pico, muitas pessoas se aglomeravam para experienciar as obras, participavam delas, eram com elas, ou melhor, faziam com que existissem, acontecessem. Os alunos portavam relatos empolgados. Dessa vez a escola acolheu mais abertamente os trabalhos, talvez pela construção de um espaço expositivo delimitado e mais explicado, talvez pela persistência em tratar alguns temas e circulá-los, talvez pela ação do tempo. Tem horas que é de trabalho de formiga que precisam tempos de cólera. E vamos criando hábitos, ganhado espaços. Co-movendo. Aceitamos nãoos temporários até nos sentirmos prontos para regurgitar. Então esbaldamos o entorno com poesia. Para corações ágeis.

Figura 63 - Fotografia da exposição dos objetos sensoriais.



. Fonte: A autora, 2017.



#### 4.4 Historietas ou cacos de um mesmo porto, chamado Sala de Artes

**I - Salas de estar.** Este ano, finalmente entendi a sala de artes. Não se trata mais, apenas da importância da sala ambiente como lugar específico para o melhor desenvolvimento das aulas da disciplina; mas da potência que ela pode ter como zona de interface entre usos e interesses. Existem duas salas em São Cristóvão III, opostas entre si: uma pequena, um quadrado devidamente climatizado; a outra enorme, um retângulo sem ar-condicionado ou ventiladores que funcionem, verdadeira sauna nos verões. A menor tem lá seu aconchego, embora contenha um pouco os movimentos e limite algumas ações; são poucas mesas e todo o material disponível fica colocado à mostra. A sala maior parece um parque de diversões. E divide-se em três ambientes: um com os materiais molhados, para uso de tinta, outro utilizado mais para os secos e projeções (ambos com mesas coletivas) e um terceiro espaço com um sofá e alguma área livre, suficiente para circular, dançar e até correr (o que invariavelmente acontece). Perseguimos a ideia de espaços-vivos. Salas de ser e estar. Usam-nas como cenário dos vídeos de trabalhos pedidos por outras disciplinas, ensaiam peças, entram para assistir as aulas das outras turmas quando estão em tempo vago (ou querem matar as suas), produzem trabalhos pessoais, visitam-nas para pedir emprestado materiais ou passam simplesmente para conversar. É onde muitos permanecem durante os recreios, onde vão para se fantasiar e dar uma volta pelos corredores ou entram para conferir o que está exposto, até para lembrar do trabalhos que fizeram em anos anteriores. Vaidosos. Levam amigos para apresentar, por vezes vira uma mistura de vários grupos, turmas e mesmo séries, que ali encontram um lugar de convivência, de trocas. Nestas salas tenho podido, além de dar as aulas, ouvir esses jovens. Há muita fofoca e muito conforto: ali está estabelecido um onde estar junto. Rolam lamentações, gritarias, indagações, investigações: tempos de solidões compartilhadas. Duram bem pouco os momentos de silêncio absoluto, às vezes quando estão produzindo, mas nessas horas costumam começar a cantar algo. Com sua força de encarar a nada fácil adolescência, encorajam-me a redescobrir, no dia a dia, por onde seguir – e fazem da escola o melhor lugar para se estar. Nesses espaços, que alegre ouvi pela primeira vez as músicas que me sugeriram, que estranhei ao escutar novas gírias, que me deu um nó na garganta as tantas vezes que não soube como reagir às falas

doloridas, que descobrimos afinidades e estranhamentos. Buscamos construir momentos para aula-festa, projeção-descoberta, conversa-desconstrução. Ali cada um pode falar sua própria língua, porque elogiamos as diferenças e evocamos o que é comum a todos: a vida. A sala é deles, que ocupam e dão alma. Reunidos, estamos e somos.

**II – Fauna livre.** Quinze minutos a faltar para o meio-dia, aquele sonhado momento de ousado breve descanso e possível rápida degustação de qualquer coisa até o retorno das aulas no turno da tarde. Entram pela porta, ainda a rolar a aula da 2102, três estudantes misteriosos, um deles carregando nas mãos de maneira aparentemente cuidadosa uma bolsa térmica. Atravessam a longa extensão da sala de artes, rumo ao seu extremo, portando tal tesouro, que então é depositado sobre uma mesa vazia. O fluxo pela sala é liberado, o que ocasiona movimentação de entrada e saída constantes enquanto ela fica aberta. Quase silenciosamente olhavam para dentro da bolsa, como se observassem uma relíquia; às vezes, riam, outras, se espantavam. Os demais alunos ainda terminavam um exercício correndo com as tintas e colas, sabidos do pouco tempo restante a atenção recaía em organizar o que faltava. A grande bagunça instalada brigava com os ponteiros a apostar corrida. As barrigas já cantavam por desespero enquanto os relógios dissimulados esboçavam preguiça. Os últimos quinhentos segundos só reforçavam a preocupação com o tamanho da fila do refeitório, que estaria gigante a cada passo mais lento. Soado aquele desafinado sino, a pausa com cara de merecimento. Contudo, os três guardiões não se mexeram – continuavam no canto da sala, agora falando mais alto. Enquanto desligava o projetor, perguntei o que faziam por ali. Estamos com o pombo, responderam. Podemos ficar aqui com ele? Aproximei-me para ver exatamente do que se tratava. De repente, um pombo estava na sala de artes. Com o pé machucado, tentamos deixar que ele experimentasse andar pela mesa. Ficamos maravilhados com cada tentativa de abrir as asas também doentes. Pequenos tropeços. Determinação. Um filhote. Falamos de todos os assuntos que sabíamos e tínhamos escutado sobre aquele tipo de ave: da lenda urbana da inexistência de seus filhotes aos rasantes desconcertantes de que eram capazes, até chegarmos em Hitchcock. Passamos o intervalo a almoçar formosuras. Em meia hora colecionamos um sem número de sensações. Tornamos o pequeno à sua improvisada morada. Estava cansado demais, assustado - a vida não começara



fácil, mas já repercutia fascínios. Aquecido por uma tolha, parecia conseguir descansar. Passaria o resto do dia na casa da Isadora, até que pudesse se lançar ao mundo. Através da janela daquela sala se vê uma parte do horto do colégio e, por vezes, gatos e micos nos visitam a certa distância, como se estivessem a desfilar graciosamente diante de nossos olhos. Entretanto, o pequenino *Blue* chegara e partira operando uma mágica: a da insistência. Caiu como uma luva, provocando a suspensão da fome pelo inesperado. A não rotina desejada cabe naquela sala.

**III – Virgem com certeza! Entre outras coisas.** Quando conheço ou reencontro alguém, quase sempre entra-se em um papo sobre profissão; digo logo, feliz e saltitante: professora de Artes Visuais. Invariavelmente escuto: legal que trabalhe com crianças. Não! Adolescentes! Os rostos parecem se contorcer, como se tivessem levado uma injeção daquelas pesadas. São muito difíceis e irritantes! São interessantíssimos! Nem pestanejo. Contemplam um misto das etapas da vida: ainda um pouco crianças flertando com a fase adulta. Complexos. Um tanto inconsequentes e ingênuos, bobos e brincalhões, questionadores e descobridores. Com olhares assustados, pedem colo. Tentando aprender a se responsabilizar pelas coisas, a se organizar, a lidar com as emoções. Riem e choram em questão de minutos e estendem os braços precisando de carinhos. Intensos. Plurissensores ativados que, por bravura, posam de guarda-chuvas esperando conseguir disfarçar os para-raios. Uma vez encharcados, podem dar curto. Por isso extremamente atentos a todos os contatos. Invisto em adolecer a partir da convivência com os estudantes. Precisamos caminhar juntas para algum equilíbrio e, portanto, claramente não perco a adulta de vista, mas às vezes procuro visitar aquela que fui, ou quase sempre buscar-me jovem com os trajes do agora. Gosto dos detalhes que dão graça. Professora, qual é o seu signo? Virgem! Sabia, parece muito, só podia ser. E o seu? Também! E seu ascendente? Rodada para saber os signos de todos. Repetidas tantas vezes essas conversas que já devo ter especialização em Astrologia. Sabemos o Vênus, falamos de inferno astral, rimos e justificamos nossos atos, colocamos as culpas pelos desamores, brincamos com quem não acredita em nada disso. Como é boa a liberdade de se crer no que quiser! Dali ainda brotam fadas e alienígenas construindo um apanhado de discussões intermináveis, apenas pausadas pelas batidas dos sinais que marcam os finais das aulas. Então, em outro momento, alguém de repente começa a se desenhar e passa a cobrir outros corpos

com tatuagens temporárias, até aparecer um potinho de purpurina e sobrar dos cadernos como a voar para as pálpebras. Reluzem como joias. E são. Banhos de pingos de luz e rostos pintados com guache ou qualquer maquiagem que surge. Professora, onde estão as linhas de lã e as fitas? Na caixa de papelão, bem ali. Pisco e vejo mãos brincando de trançar cabelos e cores. Ou aproveitam para fazer pulseiras e brincos, juntando as miçangas que escapam dos milhares de potes. Ainda soltam: se tudo der errado, vou vender minha arte na praia! Risos. Talvez seja esse um ponto. Vão recusando a mesmice. Arriscam andar pelos corredores da escola e voltam correndo: não são permitidas certas fantasias. Em horários vagos, brincamos de forca, de mímica e até de *eu nunca*, um jogo no qual se diz certos segredos. Ousamos nos divertir, sem esquecer os tons sérios de cada discurso. De algum modo, essa intimidade aparentemente pueril estabelece identificações. Aproximações. Versamos com a confiança que habita as amizades.

**IV – É com eles que eu fico mais girassol.** Foi aberta a temporada da aquarela. Quem diria que todos ficariam tão entusiasmados ao conhecer tal tinta? O vai e vem dos alunos, inclusive durante os horários de outras turmas ou tempos livres sem aulas regulares na sala, gerou um fenômeno. Uma espécie de contágio do apreço pela técnica. Alguns estudantes pediram para experimentar a aquarela: não é uma material que temos em abundância para ser usado por todos, o que me fez levar o que tinha em casa, para que pudessem ao menos ter algum contato, em dias e momentos propícios. Vários outros jovens que passavam pela sala esboçaram a vontade de lidar com a tinta. Victória fez as vezes de monitora. A novidade havia se propagado de tal maneira, que muitos iam no horário do recreio e do almoço para fazer suas pinturas. A sala se configurava como um grande ateliê. Sem tantos recursos, pelo improvisado e um pouco de estudo começamos a desenvolver caminhos alternativos e adaptar as técnicas. Nascia uma tribo dos aquarelistas, um aprendendo com o outro. Durante os encontros fomos nos avizinando. Estas reuniões foram se estendendo, alguns passavam horas na sala, entre assistir repetidamente as aulas regulares e os manejos com os pincéis. Sentados em volta das mesas desgrenhadamente encaixadas, cultivamos um espaço-tempo de artesanias. Contando histórias, achávamo-nos em fazeres coletivos. Algo de rememoração ancestral sempre me vem à cabeça quando penso nesses acontecimentos. Prazer. Durações em comunidade. Apenas ir fazendo,

deixando-se fazer, saboreando as experiências e desvelos: quando mãos dançam e vozes se entrelaçam. Conjuntos. Tentativas-brotos só por estar. Ou ainda, só estar. Numa dessas ocasiões surgiu um fã de Van Gogh: estrelas na noite eram forçadas a não derreter nas aguadas, quase a transformar aquarela em guache. Difícil imaginar o mestre olhando para aquela encantação. Interessante ir pescando as referências e dar-nos conta dos repertórios cultivados. Por certo, apesar da atmosfera de ares harmônicos, também ocorria de doer. Inseguranças despidas nas cadeiras. Lembranças cuspidas antes de engasgos fatais. Das decepções amorosas, das mortes vividas, das violências sem possibilidade de digestão, dos abandonos, dos desesperos sem explicações óbvias. Narrativas pessoais capazes de se aconchegar nos lábios dos outros, como a deitar-se na vida ao lado, ainda que estrangeira. Muros abalavam-se em segundos através dos furinhos cavados prevendo contatos. Uma risada, um piscar de cílios atrapalhados, rosto-interjeição, palmas-exclamação, correntes de fluidos aquosos e sanguíneos. Não sei bem se obra de Vincent, se todas aquelas cores a transluzir sem se machucar, quiçá certos desamparos e solidões, ou pincéis roçando os braços delicadamente, e até o simples fato de estar. Mas como diria Leminski, isso de querer ser exatamente o que a gente é ainda vai nos levar além. Entre aspirações e deslocamentos, andamos fortes, justo porque nem tudo são flores. Permitimos demoras em desabrochar.

Figura 64 - Aquarela em caderno de artista.



Fonte: Gabrieli, 2017.

Figura 65 - Fotografia da sala de artes (maior).



Fonte: A autora, 2017.

#### 4.5 Meu arrebatamento por trás das dúvidas de Pedro

Pedro chegou à sala pela primeira vez cantando Gloria Gaynor: foi a nossa apresentação oficial. Arrancou-me gargalhadas desde o princípio. Como alguém pode ser tão animado pela manhã? Ele entra invadindo, de repente todo o espaço já lhe pertence. Eu ainda entre um bocejo e outro, tentando arduamente afastar meus cílios opostos. E as coreografias? Rodopios brilhantes. Azuis-estrelados. Pedro adora musicais e quer trabalhar na Broadway, cita cenas de algumas peças durante as aulas, de vez em quando, ainda interpreta-as, sabe as falas de cor e salteado, faz melismas com a voz. De uns tempos para cá, começou a checar o que visto; quando estou sentada, diz: “levanta e dá uma voltinha que eu quero ver se está combinando!”. “Arrasou!” ou “Podia ser outro sapato, ficaria melhor um aberto.”, gosto de suas exclamações e conselhos – atento e carinhoso. Às vezes engata numa cantada, lembro-lhe de sua namorada, “É verdade! Brincadeira!”. Adora desenhar temas religiosos cristãos e emprestar suas mãos para ajudar nos trabalhos dos amigos, que aceitam de bom grado, julgam que o faz muito bem. Adora também confrontos épicos. Duvida de tudo que eu falo em relação a Artes Visuais. Em alguns momentos ficamos os dois debatendo durante longos minutos, os outros alunos de bocas abertas raramente intervindo. Lembro-me particularmente de um dia em que enfrentamos algumas definições para o conceito artes, o que levou a questão do futebol-arte. Fico extremamente animada quando vamos trocando argumentos como passes. Rebatemos por exercício. E sem perceber damos em outro destino. Incerto sabor. E amarelo-manga. Disse que futebol não era considerado propriamente o que se convencionou chamar de arte, explicando que em parte quando se agrega esta palavra à algo estrangeiro ao seu campo, trata-se, por um lado de retomar alguma acepção antiga, quando esse termo era utilizado para ofícios, um saber (fazer) especializado sobre alguma atividade, mas principalmente, ao que me parece, à noção ou consideração de arte como algo elevado, que pudesse valorar sua palavra companheira, aumentar-lhe a importância ou beleza (questão ainda inegavelmente herança). “Então, por que não pode ser?” Era um indagação autêntica. Certo que Pedro não foi o primeiro aluno a me provocar com tal pergunta; mas justo aí conseguimos mergulhar mais profundo. Um: minha dificuldade de redimensionar a ideia de artes, dois: longo diálogo sobre mercado de

arte e seu nefasto poderio que inclui a maneira como reproduzimos afirmações sobre esta linguagem, três: demais ou todas as expressões e produções estéticas. Ficamos nos desconcluindo. Não que eu não queira profanar essa Arte maiúscula. Mas me causa estranheza quando nos apoiamos nesta fala, de alguma maneira ela reitera distâncias, grandezas. Como se anexar a palavra arte a outra lhe conferisse algo de especial, maior relevância até um glamour pop. Isso aprova pedestais. Tanto pior se o trato for pela ponderação de belezas, quando tentamos nos desvencilhar desse lugar comum. Pergunto a eles: artes é mais importante do que outras atividades? Articulam pios pequeninos, sondam pelas expressões faciais, improvisam portas. “É né?”, retribuo – “Não sei! Acham mesmo?” Piscadas inconstantes. Vocês consideram um artista diferente de um padeiro, por exemplo? “Ah, professora, claro?” Mil nãoos! Me preocupam essas aferições desmedidas, culto caolho ao ensimesmamento artístico. Uma compactuação com um sistema que insiste em dividir, separar para determinismos. Adoração de egos. Ao invés de misturar, cotidianizar, aproximar, afirmar o caráter estético de outras atividades; se apartam das artes e dos artistas que transformam-se em modelos a serem perseguidos, a fim de um pretenso sucesso ligado ao belo. Repetições caducas. Como se esferas sobre-humanas. Pode ser mais simples. Menos coroas, sem castelos. Chegamos até a cogitar um mundo sem a existência da arte. Possível? Não acreditamos. Mas todas as atividades poderiam ser englobadas como expressões estéticas? Provável. É uma sorte que aquilo que você por algum motivo não demoliu sozinha, seus alunos façam com um peteleco. Quase me convenceu. É, podemos falar de futebol lindo, coreográfico, até arte se entendermos o que queremos dizer ou carregar com isso. Mas se investigarmos os sentidos resquícios, poderíamos optar por esquecer tal uso, não acolheria nada além, seria o mesmo que futebol trabalho, futebol bem feito, ou algo do tipo. Ou trataríamos de reinventar a arte, trazer para perto. Arte futebol seria algo como fenomenal, catártica ou jogo? Surgiu a dúvida. Talvez a arte sim, ganhasse novos adornos para denúncias antigas. Clareiras. Tenho que desatar minhas ortodoxias restantes. Pedros comuns, Pedros típicos adolescentes, Pedros necessários. Alias como todos, mas Pedro...ele sapateia.



#### 4.6 Conversas sobre o vazio

É certo que não me recordo o mês exato, mas sem dúvida era uma segunda-feira, daquelas que parecem ter acordado já esquecidas na rotina. Chovia como ducha forte que chega a pinicar – com algum zunido aos ouvidos do insistente ventinho a soçobrar no cangote seco. Gelo e água: pingos grossos, poças fartas. Casaco, cachecol, bota, guarda-chuva e aquela desvontade de se acostumar ao inverno que o carioca nasce portando. Às seis e trinta como de hábito, comecei a subir as escadas, nas quais, em todas as manhãs de aula encontrava Seu Antônio – Bom dia! Tudo bem? - , já a limpá-las, antes mesmo que a luz natural pudesse demarcar as sujeiras; e entrei no longo e árido corredor do terceiro andar do prédio do ensino médio, campus São Cristóvão III. Um prédio meio sem vida, nada de viço, silencioso como a esconder que em poucos minutos os ruídos se fariam exaustos. Chão bege em dupla cruz e breves pinceladas estridentemente azul royal brilhante nas portas das salas ainda fechadas. Segui até a última do segundo corredor, um dos extremos do prédio, beirada ou fim: a sala de Artes. Preguiçosamente como quem conduz uma vez mais as mãos à ações já tão repetidas, começo a procurar as chaves do velho armário, a lançar os olhos em direção aos diários de presença das turmas. Busco o projetor e sento em nossa roda à espera da 1105. Já passa das 7, quando o primeiro aluno chega, um após o outro, às vezes em duplas ou trios; estamos a conversar bobeirices, falamos do final de semana tratando de nos acordar aos poucos e juntos. A gente não vai começar a aula, professora? Já começamos, estamos aqui contando acontecimentos, nos relacionando, pensando. Não, a matéria! Sobre o que você vai falar hoje? Risos fartos. E que tal falarmos sobre o vazio? *Hã*s multiplicados ao número possível de rostos incrédulos e desafiados, verdade que ainda perdidos. Já havíamos nadado em mares dadaístas em encontros passados, exercitamos trabalhos de autoria coletiva, repensamos funções para a arte, e nos lançamos nas incertezas que as provocações dos manifestos nos causara – amamos e odiamos Duchamp. Nos sentimos fortes e potentes e deveras órfãos de tudo que haviam nos entregado antes, foi chamado por nós de louco, xingado de mentiroso, exaltado como irônico; repercutiu transmutações. E se supuséssemos que Duchamp pariu a fórceps a arte contemporânea, muito provavelmente pelo cu? Choque mudo; e certo reverberar de risadinhas desconcertadas. Partíamos daí, naquela marejada manhã que parecia

não prometer tamanhas ondulações, para o nada, nada não: para vazios. Primeira estação à vista: deparo com *Merda de Artista* e abalo – olhos gatos. Que nojo! Acham mesmo? Mas por que ele fez cocô aí dentro? Por que será? E você acha isso bonito, professora? Não? Então eu vou fazer cocô numas garrafas e vender! Você quer ser artista? Mas isso é arte, professora? Por que não? E por que é? Foram longos minutos esmiuçando, explicando, discutindo e tentando esgotar as dúvidas que claramente não cessariam (não ainda), era preciso tempo. É possível imaginar muitas coisas de uma obra como essa, mas dificilmente se passa por ela sem algum tipo de desconstrução, evocações-lacunas ou distensões-órgãos. Era preciso certa espécie de reafirmação. E me veio à cabeça para ajudar neste embate alguns trabalhos do Yves Klein<sup>14</sup>, três mais precisamente, e como foi improvisado, tratei de relatar sobre as obras, não tinha as imagens por ali. *Salto no vazio*, *Zonas imateriais de sensibilidade pictórica* e *Le vide*. Mencionar uma foto que anuncia um salto no ar, espaços vazios vendidos a preço de ouro e uma exposição de uma sala em branco causou ainda mais impacto. Tentamos redimensionar a experiência do vazio, ainda que na imaginação. Tentamos nos acostumar a ideia da arte imaterial e aos assobios da arte conceitual. Não foi uma tarefa fácil digerir os cantos vazios, a não matéria. E não o foi por um extenso legado outrora apreendido, por uma convivência de anos com o morno e deveras palatável já instaurado. Mas também porque a compreensão dos vazios nos excede, não temos por hábito nos expor à eles. Escondemos, escapamos hasta o esquecimento. Soa como inconveniente trazer seus lastros, mostrar suas faces, desmascará-los – apenas os embrulhamos em miúdas caixas abandonadas no caminho-vida. Incômodos. Ausência de rede protetora; jogados à sorte das descobertas ou reivindicações das sensações sem casa, e dos silêncios abridores de asas e caminhos. Dessacralizar a arte. Desmontar as peças. Recomeçar o jogo. Talvez com menos regras do que antes, bem mais que o dobro de peões em baile, com ou sem tabuleiro. Está vendo ali, professora? O quê? Não vejo nada ali! Meu trabalho de arte conceitual! Temos? Um novo reino de possibilidades, entre zombarias e foguetórios. Aulas seguiram. Ainda passo pelos corredores úmidos e encontro alguém a perguntar sobre o vazio, a arriscar algum projeto de arte conceitual. Continuamos a rir e a tentar entender tais questões; essas coisas que fazem professores e alunos todos os dias.

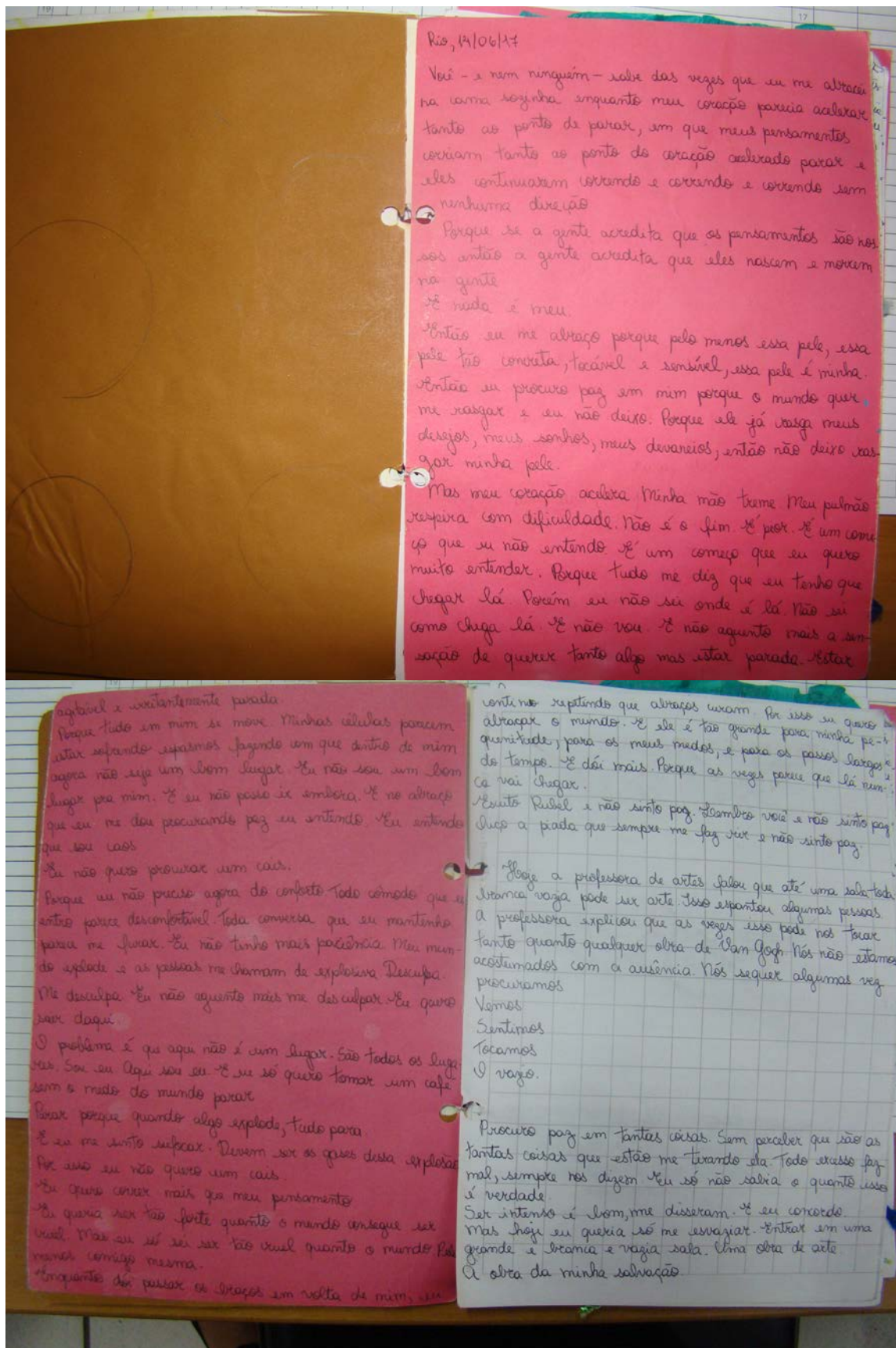
---

<sup>14</sup> Yves Klein (1928-1962), artista francês.

Figuras 66 e 67 - Trabalhos em cadernos.



Fonte: Matheus, 2017.





#### 4.7 Despedida

Anteontem recebi a notícia da morte do meu professor de Português da oitava série. Para mim, foi simbólica sua partida justamente quando estava à dois passos do final de minha dissertação, eu já pensava como seria o agradecimento dirigido à ele. Em uma conversa sobre o que estava escrevendo sobre o Colégio com minhas amigas de turma, cheguei a cogitar procurá-lo (morava no mesmo prédio que a mãe de uma delas), queria agradecer pelo que só percebi há pouco: o quanto me ajudou a me formar e dizer que tinha reencontrado o prazer na escrita. Eu não tive mais contato com ele desde que saí da escola. Digo contato visual. Não era o tipo de aluna muito expressiva em sala de aula; sempre preferi os bastidores e por isso não aprofundei tanto os laços com meus professores, ou pelo menos, não os mantive fora da escola. Mas minhas memórias sobre alguns deles são cuidadosamente guardadas. Carrego João Ramos comigo aonde vou. Quem sabe nos encontremos no céu de Catende, onde iremos danados para chegar; posso ouvir sua voz recitando este poema<sup>15</sup> com o ritmo que ele espera e aquele sorriso no final – é impossível dissociá-los. Com meu professor li *Morte e vida Severina* e me apaixonei pelo outro João<sup>16</sup>. E ainda por Suassuna com o *Auto da Compadecida*. Àquela altura já era um senhor, baixinho e magrinho, cabelos grisalhos, óculos armação tartaruga, formal, palavras bem articuladas. Gostava de dizer para a turma: “Maria Lia escreve muito bem!”, o que me embaraçava corando por fora e me metia certo orgulho no peito – de forma anedótica esta frase é vociferada em reuniões do grupo da escola até hoje. Cultivávamos uma relação de afeto (e presença), trocávamos ideias sobre literatura, convivemos em sala num ano no qual andei muito empolgada com poesia, um tempo muito *nerudiano* para mim. Mas também um ano difícil de mudanças extremas. Ele me incentivava tal farol. Passei a escrever poesia, seu carinho me encorajava. Depois ensaiei começar um romance que seria escrito coletivamente, mas infelizmente não foi adiante, parou na criação das personagens e cenários (dormem em uma caixa no alto do meu armário de roupas). Mantínhamos admiração recíproca, eu o respeitava muitíssimo e o tinha em certa distância, o considerava um sábio – tempos idos. Acho que não o abracei o suficiente. Anteontem chorei baixinho enquanto de longe as nuvens me seguiam. Parei o que fazia e coloquei um jazz

---

<sup>15</sup> Poema *Trem de Alagoas* de Ascenso Ferreira.

<sup>16</sup> João Cabral de Melo Neto (1920-1999), escritor brasileiro.

melancólico para me escoltar. Não era para estardalhaços, nosso trato não permitia. Falávamos sem alardes ou gritos, devagar, francamente. Torci para que todo estudante tivesse a sorte de encontrar um professor João. Porque suas frases me trouxeram pelas mãos até aqui. E eu não poderia me sentir mais feliz neste momento do que estou, na companhia do que me deixou: herdei a chance de revisitar lentamente suas marcas. E de saudar meus mestres, nunca esquecidos.

Suzanna foi minha primeira professora amada, pelo menos que me recordo bem, eu tinha seis anos e cursava a classe de alfabetização. Ela era um pouco mais alta do que eu, deliciosamente gorducha, brincava de apertar seus braços, devia ter para lá de cinquenta anos, demasiadamente jovem, alegre, agitada, cabelos curtos, sardas, queimada de praia. Eu corria para a escola todos os dias, gostava de participar de tudo, inclusive limpar a sala ao final da aula, varria como ninguém, lembro de uma estante pequena e azul, ficavam uns blocos de madeira com formas geométricas e cores diferentes – podia passar horas limpando-os. Lembro também de ligar para Suzy para conversar nos finais de semana, acho engraçado isso hoje, ligava para a casa dela e dizia que estava com saudades nas férias, ela me mimava. Quanto torci o braço, me desesperei por não poder ir ao colégio, tive que negociar fortemente com minha mãe. Suzy estava à minha espera na porta, já sabia de tudo, e não queria que eu me movesse, nem fizesse os deveres para na me machucar mais, mas tinha enfaixado o braço direito e sou canhota, não importava queria me proteger a todo custo (risos).

Remédios foi minha professora logo depois, na primeira série, eu cheguei carrancuda em sua sala, achava que nunca mais gostaria de alguma professora como da Suzy. Fiquei emburrada por longos dias. Remédios era uma maranhense com traços indígenas, falava alto e forte, voz grave de mulher guerreira, mãe solteira (como a minha) criava os dois filhos sozinha, era incrível. E tinha mania de artesanias. Ela me provocou muitas aprendizagens, tenho os cadernos que fizemos juntas em suas aulas até hoje, tudo era desenhado e colorido feito arco-íris (meio compulsivo), mosaicos, sacos com sementes, mapas, colagens – acabo de perceber que eram espécies de cadernos-coleções, muito parecidos com os cadernos de artista que proponho aos meus alunos. Estou verdadeiramente surpresa<sup>17</sup>. Lembro

---

<sup>17</sup> Este texto não estava previsto. Escrevo-o pouco antes da entrega. E de repente me deparo com esta lembrança. Olhos turvados: uma raiz.

também que me ensinou a escrever, a montar exposições dos trabalhos, era ótima cenógrafa, delicada e firme em todas as atitudes. Agora penso que ela foi minha primeira professora de Artes, mesmo sem formação específica (não defendo isso), mas é porque era uma gigante.

Solveig tinha ascendência no leste europeu, minha professora de Português da sétima série, era braba e magrela. Cachos pretos enfeitavam-lhe o cérebro. Não era exatamente uma professora popular entre a maioria dos alunos, muito exigente com horários e comportamentos. Ela me encantava ao desferir seus conhecimentos: tinha certeza de que inteligência poderia justamente ser personificada por alguém como ela. Andava rapidamente de um lado para o outro da sala sem parar, soava a um metrônomo. Era uma fase do conteúdo de gramática bem temido por todos, conjunções e orações. Seu método era claro, todo dia de aula, a primeira meia hora era constituída por uma tomada oral – apontava de aluno em aluno e bradava: “adversativas!”, “explicativas!”, “subordinadas!”, apesar do clima nervoso, eu conseguia me divertir. E de outras formas era moderna, espirituosa, operava aconchegos vez em quando. Olhos de peixe brilhantes – vivíssima.

Já no Ensino Médio, eram outras as experiências, passava algum tempo fora de sala, estudando na biblioteca, desenvolvendo projetos alternativos pensados com amigos, questões e demandas do grêmio. Mas não abria mão das aulas de determinados professores. Mazetti lecionava Biologia, irônico, humor ácido, cara de pouco amigos. Aquele tipo de professor que conquista os alunos em cinco minutos, mesmo sem apresentar grandes atributos à primeira vista. Jeito de falar como se quisesse engolir as palavras, boca um pouco torta. Foi aclamado em definitivo, entrando pra o rol dos preferidos, no dia que combinou com todas as turmas do 1º ano a realização de um festival de pizza: estudávamos fermentação, e após preparar a massa, sovar por minutos a fio, e deixar descansar, tínhamos que colocar uma bolinha dela num copo com água, se subisse o desafio estava cumprido. Nunca mais se lançou disfarçadamente tanta bolinha de massa de pizza em um refeitório. E o que falar da Zulena, filósofa, já feminista, quando ainda não discutíamos isso nas escolas, mas hoje sei. Cabeleira longa e desgrenhada ao vento, cara de sono, sorrisos constantes, fala mansa e boa. Trouxe para minha vida Platão e Nietzsche, falou de *eros*, lemos *O banquete*, e que provas maravilhosas fiz em sua disciplina, ainda as tenho. Eles não caberiam numa página de agradecimentos, João Ramos me fez lembrar disso - último ensinamento. Guias e marcos saudosos.



Figura 68 - Caderno de artista.



Fonte: Alysse, 2017.

**CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Figura 69 - Caderno de artista.



Fonte: Ana Carolina, 2017.

No grande parque do colégio lentamente comecei a aprender a ser amada, suportando o sacrifício de não merecer.

*Clarice Lispector*

Acordei esta manhã antes mesmo dos primeiros raios acharem o chão cinza de olor goiaba da vila onde moro. Enquanto ainda embebida em flashes do sonho que tivera - um abraço expurgo molhado –, uma orquestra de aves se apresentava. Me parece que tocavam alguma peça impressionista. Então pude pela última vez juntar meus pedacinhos para escrever-lhes com propósito do aceno final: ser ilha não basta. O fresco vento e a luz do sol como tenho notado, ampliam em arquipélagos. Carinhos para mutualidade entre naturezas então saudáveis e intensas. Esse esticar de mãos foi convite simples para visitas de possíveis amigos futuros.

Aqui o trajeto foi percorrido com extrema sinceridade e seu caráter sinuoso se deve justamente ao desenvolvimento de uma pesquisa viva, que foi impondo curvas, quebra-molas e acelerações entre alamedas e solos rachados. A problematização da escola brasileira contemporânea foi cenário para a observação e investigação da minha prática docente com jovens, no ensino formal de Artes Visuais do Colégio Pedro II. O cotidiano escolar narrado sobre os trilhos da memória das experiências vividas e das experiências pensadas no presente. A atmosfera da escolha de caminho acabou conduzindo a relatos pessoais da minha história de amor com o Colégio, e exigiu em certos momentos, como companheira desta viagem a aluna que fui: mergulho profundo. Registros para amadurecer, sem contudo deixar de lado a responsabilidade de realizar um projeto cujo fim são as trocas e continuações.

Hoje, posso ver com um pouco mais de clareza, que para mim, ser professora tem a ver com um estar junto extremamente potente, se aventurar junto na invenção da vida. É de navegações por mares afetuosos, que a educação pulsante se faz. Ainda me ressinto quando percebo os males das atrofias provocadas, dos silenciamentos dos corpos, das violências escolares e não vejo outra saída, senão empregar minhas forças para provocar mudanças efetivas que apontem para novos tempos nas escolas. Entendo professores como costureiros do imaterial, cerzidores de ninhos de imaginações férteis. Devem colaborar com seus alunos em suas procuras por respostas a ações de autoconhecimento e de auto-formação. Cada paisagem-indivíduo importa tanto: entre espontaneidades e rebeldias, jovens criam a

partir de desobediências pedagógicas redutos de resistências, existências revolucionárias. A escola realmente necessária é aquela que exalta as emoções, que abre espaço no domínio da razão e esgarçando seus ramos, conclama o viver coletivo combativo e criativo, capaz de travar lutas em nome do amor.

Na educação básica, participação e solidariedade devem ser nortes para a disciplina de Artes Visuais, o que implica a flexibilização de seu campo tido como específico, para uma abordagem mais ampla que inclua os estudos em Cultura Visual. Isso indica maior gama de conhecimentos e saberes, aportes na diversidade cultural, na interpretação e criação de visualidades e mundos imaginários, motivos para uma educação para a liberdade, baseada na justiça social. A construção de uma racionalidade estético-expressiva, que englobe autoria e prazer e o encontro com as práticas artísticas contemporâneas como impulso para experiências de produções de poéticas. As criações estabelecem uma ligação umbilical com o mundo, perambulamos vida afora à procura de algo que não sabemos exatamente do que se trata, de respostas que deem sentido ao estar aqui, a criação as realiza – pegadas ou névoa. Indica vias de pertencimento e lança ares de partilha: coletividades co-movidas, amizades.

Reivindico uma prática docente a fim de afetos. A educação pública é minha terra, nela semeio minhas utopias cotidianas e ensaio projetos de cidadania. Estou aberta, no que dou-me a conhecimentos. Vivo o jogo do aprender e desaprender que não cessa, no qual as regras estão em permanente movimento. Como num quebra cabeças monto com pequenos fragmentos-história o tecido da minha própria memória, estrada de seguir – negando fronteiras insolúveis, costuro tempos individuais e coletivos em imaginações – num texto que se revela como gesto político e desenho para encontros e reencontros emocionados. Somos processos, narrativas e em descontinuidades acionados pelos movimentos, nos fazemos fragmentos em direção a composições complexas de subsistir. Tempos humanos a coexistir incessantemente anti-esquecimentos. Consciente do absurdo de minha escolha, repito meu percurso todos os dias: pretendo um fazer escola miúdo, já abandonei a capa de heroína e a pretensão curativa, meu prazer é na guerrilha diária, cuja arma potente é o amor: delicada tarefa de viver junto inventando uma comunidade dos sentidos.



## REFERÊNCIAS

- AGAMBEN, Giorgio. *O amigo & O que é um dispositivo?* Chapecó, SC: Argos, 2014.
- ALVES, Nilda; GARCIA, Regina Leite (Org.). *A invenção da escola a cada dia*. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.
- BARROS, Manoel de. *Livro sobre nada*. Rio de Janeiro: Record, 2006.
- BENJAMIN, Walter. Rua de mão única. In: \_\_\_\_\_. *Obras escolhidas, v. 2*. São Paulo: Editora Brasiliense, 2000.
- BERGSON, Henri. *Matéria e memória: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. *Os herdeiros: os estudantes e a cultura*. Santa Catarina: Editora UFSC, 2015.
- BOURRIAUD, Nicolas. *Estética relacional*. São Paulo: Martins Fontes, 2009.
- BRAGA, Rubem (Coord.). *Contos russos*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.
- CANCLINI, Néstor García. *A sociedade sem relato: antropologia e estética da iminência*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2012.
- CERTEAU, Michel de. *A Invenção do Cotidiano: 1. Artes do Fazer*. Petrópolis: Vozes, 2014.
- COUTO, Mia. *Estórias abensonhadas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- GALEANO, Eduardo. *O livro dos abraços*. Porto Alegre: LP&M, 2017.
- HARDT, Michael; NEGRI, Antonio. *Bem-estar comum*. Rio de Janeiro: Record, 2016.
- HERNANDÉZ, Fernando. *Cultura visual, mudança educativa e Projeto de Trabalho*. Porto Alegre: Artmed, 2000.
- LIPOVETSKY, Gilles e SERROY, Jean. *A estetização do mundo: viver na era do capitalismo artista*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.
- LISPECTOR, Clarice. *O tempo*. Curadoria Roberto Corrêa dos Santos. Rio de Janeiro: Rocco, 2014.
- MÃE, Valter Hugo. *Homens imprudentemente poéticos*. São Paulo: Biblioteca Azul, 2016.

MAFFESOLI, Michel. *Homo Eroticus: comunhões emocionais*. Rio de Janeiro: Forense, 2014.

NERUDA, Pablo. *Cem sonetos de amor*. Porto Alegre: L&PM, 2002.

NIETZSCHE, Friedrich. *Escritos sobre educação*. Rio de Janeiro: PUC-Rio; São Paulo: Ed. Loyola, 2009.

OLIVEIRA, Inês Barbosa (Org.). *A democracia no cotidiano da escola*. Rio de Janeiro: DP&A: SEPE, 1999.

\_\_\_\_\_. *Aleternativas emancipatórias em currículo*. São Paulo: Cortez, 2004.

PEDROSA, Mário. *Arte - Ensaios*. São Paulo: Cosac Naify, 2015.

ROSA, João Guimarães. *Primeiras estórias*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.

RILKE, Rainer Maria. *Cartas sobre Cézanne*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2006.

SACRISTÁN, J. Gimeno. *Poderes instáveis em educação*. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *Para um novo senso comum: a ciência, o direito e a política na transição paradigmática*, volume 1. São Paulo: Cortez, 2000.

SILVA, Maria do Carmo Potsch de Carvallho e. O ensino da arte no Colégio Pedro II: resistência e mudança. *Educação por Escrito*, v. 7, n. 1, p. 88-105, 2016. Disponível em:

<<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/poescrito/article/viewFile/23160/14621>>. Acesso em: 28 out. 2016.

SIMAS, Luiz Antonio. *Pedrinhas miudinhas: ensaios sobre ruas, aldeias e terreiros*. Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2013

SMIERS, Joost. *Artes sob pressão: promovendo a diversidade cultural da era da globalização*. São Paulo: Escrituras Editora; Instituto Pensarte, 2006.

TAYLOR, Roger L. *Arte, inimiga do povo*. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2005.

VICTORIO, Aldo. Enfrentamentos contemporâneos no ensino formal das artes: a Cultura Visual, o corpo e a arte. In: Encontro Nacional da ANPAP, 22., 3203-3216, 2013, Belém. Disponível em: <<http://www.anpap.org.br/anais/2013/ANAIS/simposios/07/Aldo%20Victorio%20Filho.pdf>>. Acesso em: 9 jan. 2018.

WULF, Cristoph. *Homo pictor: imaginação, ritual e aprendizado mimético no mundo globalizado*. São Paulo: Hedra, 2013.



**ANEXO A – Relatos sobre os cadernos de artista**

Escritos dos estudantes realizados durante a montagem da exposição de seus cadernos de artista.

“Meu livro de artista me fez refletir muito mais, porque pude ver a obra de um artista e me impulsionar a criar a minha, além disso, algumas ideologias minhas mudaram quanto a arte, acho que ela tem muito mais que conteúdos.” – Luana, 2112

“Achei uma experiência nova, que faz com que a criatividade possa se expandir, não sendo presa pelos padrões da arte imposta pela sociedade. Causando curiosidade, despertando instintos criativos para mostrar que tudo é arte, mesmo que sem valor, ou que não siga os padrões artísticos.” – Lucas, 2112

“Eu achei uma experiência diferente (positivamente) e inquietante, a ponto de diversas ideias invadirem minha cabeça enquanto me preparava para dormir. As obras mostradas nas aulas abriram minha cabeça pra uma Arte desconhecida, onde o diferente é belo, e o belo é banal, levou a olhar criticamente ao meu redor e procurar a Arte nas coisas.” – Luiza, 2112

“Eu adorei a experiência. As obras mostradas durante as aulas ampliaram minha visão do que pode ser considerado arte. Pretendo continuar o livro principalmente porque aprendi que a arte possui o poder de levar as pessoas a refletirem, criticarem, se emocionarem, etc e assim faz o mundo um lugar melhor.” – João, 2108

“O livro de artista é uma grande chance para nós adolescentes conviver mais com a arte no nosso cotidiano.” – Julyana, 2108

“O livro de artista foi bastante interessante pois possibilitou trabalhar mais de perto com os movimentos artísticos e com ideias de artistas. As aulas fizeram com que as ideias dos artistas de algumas forma ampliasse os nossos horizontes em relação a arte e nos dando boas ideias para continuar.” – Juliana, 2104

Achei bem legal, pude deixar em um lugar só meu o momento em que me espelhei em artistas famosos. Mostraram outras maneiras de olhar para uma obra e principalmente como através de uma ideia podemos criar nossa própria crítica e montar uma obra.” – Gabriella, 2104

Eu achei muito bom e divertido ter meu livro de artista. As obras apresentadas nas aulas inspiram, fazendo que novas ideias surjam. A arte não pode parar, por isso vou continuar o meu livro.” – Thamiris, 2104

“Fazer o livro de artista foi uma ótima experiência, é bom podermos ter um pouco de criatividade ao invés de gravar matérias. Os artistas mostrados em aula, tinham criatividade e perguntas e acabamos processando a nossa opinião.” – Geovana, 2104

“Eu adorei a experiência de ter meu próprio caderno de artista, achei super diferente. Eu pretendo filtrar as obras e tentar reproduzir deixando a minha cara.” – Gabriela, 2104

“A experiência de criar um livro de artista é quase indescritível. Criar arte é uma das minhas paixões pessoais, e poder extravasar o que eu sinto no papel não é menos que incrível. É meu trabalho, uma parte de mim. Artistas como eles, que incentivem o pensamento vão me incentivar por tabela, pois ao pensar podemos descobrir novas possibilidades, e, ao expressar este pensamento, podem fazer outra pessoa pensar e discutir, e por aí adiante. – Ana Luiza, 1109

“Adorei trabalhar no meu livro de artista, pois pude expor todos os meus pensamentos, sentimentos e sensações. Foi muito prazeroso fazer todos os trabalhos que compõe o meu livro. O trabalho desses artistas podem me ajudar, me lembrando sempre da importância de pensar, dizer e mostrar a todos e todas, o que penso e sinto. – Carolina, 1109

“A experiência foi ótima, é bom para o auto-conhecimento, para o desenvolvimento do senso crítico e para o despertar da criatividade.” – Gabriella, 1109

“O livro de artista fez com que explorasse meu lado artístico que eu mal conhecia.” – Isabella, 1109

“Foi uma experiência interessante, na qual pude ser mais criativa, e tive grande liberdade de criação.” – Jéssica, 1109

“A experiência de poder criar o meu livro de artista me fez analisar a arte de outra maneira, como autor. Me fez entender melhor como funciona a idealização das obras.” – Karoline, 1109

“Confeccionar o livro de artista permitiu o desenvolvimento da prática e a percepção da capacidade de criação dos alunos.” – Lorraine, 1109

## **ANEXO B – Textos sobre escola produzidos por estudantes**

Pedi a alguns alunos para que escrevessem textos sobre suas relações com a escola, memórias, mudanças. E disse que era para incluir nessa dissertação: estes foram os poucos relatos recebidos e estão reproduzidos na íntegra, tal como até mim.

### I - Texto da aluna Lídia

Desde que consigo me recordar a escola sempre esteve presente em minha vida. Todos nascem com a capacidade de raciocinar, sem o estímulo de conhecimento que encontramos nas escolas, nossa inteligência natural seria quase que anulada. Contudo, em algum momento do meu percurso acadêmico, repensei e questionei muito sobre o sistema educacional do nosso país. Não foi tão fácil me adaptar ao estilo do Ensino Médio. Era algo muito novo, principalmente as pessoas. Todos na minha sala eram completos desconhecidos e demorou algumas semanas para me acostumar. Penso que o bom da escola é aprender com a convivência diária, respeitar opiniões divergentes, aprender a lidar com compromissos e descobrir talentos e se interessar por coisas novas - principalmente. Cantar em grupo após as aulas com os amigos de sala, ajudar a fazer o grafite com pessoas de outros anos, ter a chance de cantar no sarau, aulas ao ar livre no horto, são algumas das experiências que eu vou sempre lembrar do colégio. É notório a existência de uma hierarquia de matérias escolares. Tal fato torna-se evidente pela carga horária. Uma breve comparação é ter cinco tempos de Português e apenas dois de Artes, Música, Sociologia e História. Além disso, é difícil encontrar uma instituição que forneça aulas sem o mesmo formato tradicional que estamos habituados. Acho que o método de aprovação do aluno deveria ser algo para ser questionado. Onde estudo, no Colégio Pedro II, o ensino de Artes é presente somente em um semestre do primeiro ano do Ensino Médio. Ao meu ver, é insuficiente o tempo estabelecido, pois não nos proporciona tantas experiências que o mundo artístico oferece como o teatro, fotografia, performances... No entanto, um aspecto positivo que reconheço consiste nas inúmeras oportunidades de estudo que o Pedro II disponibiliza aos seus alunos. O nosso aprendizado oferece muito conhecimento, principalmente de cultura e diversidades de todos tipos. No meu primeiro ano do Ensino Médio, percebo com mais clareza a importância de Artes para uma formação mais crítica

dos seres humanos, visto que o termo "arte" é extremamente amplo e nos rodeia o tempo todo quando o entendemos. Registros históricos, expressividade, criatividade, senso crítico, sentimentos, beleza, reflexões e questionamentos... Podemos encontrar tantos assuntos e modalidades em Artes e talvez, em alguns casos, também acabamos nos encontrando.

## II – Texto da aluna Alysse – Pílulas da felicidade

As artes sempre estiveram presentes na minha vida. Não me lembro de sequer uma fase que alguma arte não tenha me acompanhado. Elas sempre me ajudaram a me expressar, eu sempre fui boa com palavras, principalmente, mas nunca com pessoas. Na escola, era muito bom poder aprender artes e as vezes ver aquilo que tinha aprendido em um museu e entender o sentido daquele quadro ou fotografia, contudo, eu cresci em ambientes onde pude experimentar práticas artísticas. No Pedrinho, era comum fazermos colagens, pinturas e até esculturas em argila, não só na aula de artes, mas na aula de literatura, as vezes ilustrávamos contos que tínhamos ouvido, outras representávamos aquele conto em um miniteatro. Isso mudou bastante quando fui para o Pedrão, eu fiquei cansada de usar lápis de cor e tinha bastante teorias. Eu achava fácil, e aproveitava todas as chances que tinha para fazer algo novo- Tinha um que fazer um resumo sobre arte egípcia, por exemplo, eu fazia uma colagem com papel colorset na capa- Porém, acredito que para maior parte das pessoas era legal porque as avaliações eram fáceis, ou até chato.

Na teoria, não existem matérias mais importantes que as outras, mas na prática é muito diferente, a ponto de as vezes pensarmos que seria melhor que certas matérias não existissem para podermos estudar outras. Acho que a partir do sexto ano, passamos a conviver mais com isso, e a culpa não é dos professores, e nem dos estudantes. É simplesmente algo que está enraizado na sociedade de uma forma geral. As profissões que estão relacionadas a trabalhos manuais normalmente são as primeiras que associamos com salários baixos. As matérias de humanas ou artes, no ambiente escolar, equivalem a essas profissões. A maior prova disso, é que não temos artes e música como matérias, é como se fossem uma coisa só, com 6 meses para cada. É por isso que acredito em termos matérias eletivas, o primeiro

ano do ensino médio deveria ser o ano em que experimentamos todas as matérias, para no segundo, escolher se queremos um ensino mais aprofundado ou mais simples; com matérias com diferentes níveis de “dificuldade”. Claro, que teriam que contratar mais professores, ou tomar medidas para os mesmos não ficarem sobrecarregados. Apesar do gasto, iria compensar no final.

Isso para mim, comprova que a escola perdeu totalmente seu foco: não é mais importante que os estudantes aprendam. O importante é ter aquela matéria dada e aprovações no final do ano. Quem enxerga somente isso e não um contexto, transforma o ambiente escolar em um local propício para níveis de estresse altíssimos, desgastes constantes e desenvolvimento de doenças sérias. A escola é muito maior do que uma sala com um professor e, no mínimo, 35 alunos, mas fica impossível entender isso se estamos presos neste espaço. Não me leve a mal, eu amo minha escola, mas eu não sou cega a ponto de falar que é perfeita. Me resta aproveitar enquanto sou jovem, acreditando em utopias e sem precisar trabalhar.

### III – Texto da aluna Gabrieli

Rio de Janeiro, 02 de fevereiro de 2018.

Esses dias, estava conversando sobre amores e seus corações partidos com um amigo e todas as pessoas que ele falava eram da escola. Achei engraçado. Ele tem um milhão de amigos, do cursinho, da vizinhança, os amigos dos primos. Dezenas de pessoas diferentes e interessantes. E a gente se apaixona só na escola. Aí eu perguntei pra ele o porquê disso. Eu pergunto muito. É uma coisa que a escola também traz pra gente algumas vezes, pelo menos quando ela tá fazendo um bom papel. Ele disse que deve ser porque são as com quem a gente mais convive. E achei tão engraçado isso. Porque tem gente que acha que convivência estraga relação: os defeitos expostos, o cansaço e desgaste da rotina, as olheiras fundas e o estresse que te faz tratar mal quem quer bem. E lá estamos nós, entre uma aula de história e uma de física: se apaixonando. Existe uma coisa na escola que a gente não aprende em muitos outros lugares, você tem que se unir. E você não consegue não se conectar com as pessoas porque são elas que salvam o dia-a-dia, com as piadas, as brincadeiras, as semanas de provas que dão errado e todos choram juntos. E então o papo da convivência estragar relacionamentos vai todo por água

baixo, a convivência com a turma, os professores, os funcionários, vai iluminando tudo.

A primeira coisa que a gente pensa quando questiona a importância da escola enquanto conversa com os amigos no ensino médio é que a gente tá ali pra aprender um pouco de tudo e depois descobrir o que quer da vida. Mas as vezes a gente fica com a sensação de que não aprende de verdade muita coisa. Mas a escola é importante. Alguns professores entram na sala e começam a falar sobre um mundo que você tá cansado de ficar sentado lendo e quer sair correndo pra tocar. Isso é uma coisa que todo mundo vai reclamar um dia: a gente quer tanto ver lá fora. Às vezes o céu tá azul e a gente tá lá vendo número dentro de triângulo sem entender nada. Mas uma vez minha professora de francês disse: se você não lê o mundo, você não está no mundo. E talvez seja muita responsabilidade depositada na pobre da escola, mas talvez ela seja importante por nos proporcionar tal leitura. Você chega à escola e tem uma turma, mais de 30 alunos, todos vindos de lugares, famílias, batalhas diferentes e aí entra o exercício da empatia, paciência e aquela percepção: meu lugar começa aqui, e acaba ali, onde começa o do outro. É claro que tem gente que não entende, mas a escola é o menor dos ambientes nos quais teremos que fazer isso. Ela é importante. E talvez se ela não existisse a gente demoraria mais tempo pra entender o quanto as pessoas tornam o mundo tão maior e mais difícil do que ele já é.

A única coisa que dói na escola é a falta de espaço. As crises de ansiedade que são ignoradas, as vezes que você não se sente escutado, os trabalhos que mandam fazer e aquela ideia legal que você tinha que acaba ficando perdida ali no meio e nunca realizada. Talvez uma boa palavra seja autonomia? Quase sempre nos dizem o que e como fazer. E a gente deixa de lado aquela cabeça pensante, o lado criativo, lírico, caloroso. Aliás, a coisa que os alunos mais sentiram ao participar das ocupações em 2016 foi a sensação de pertencimento. De organizar o próprio espaço, se sentir parte dessa coisa toda que é a escola e que é tão importante na nossa vida, mas que as vezes a gente parece tão não importante pra ela. Mas somos. Funcionamos juntos e temos que evoluir juntos.

A escola deve mudar, mas nós precisamos buscar ocupar esse espaço, aproveitar cada brecha, porque existem coisas boas acontecendo dentro da escola, muitas. E aos poucos a gente consegue ir se expandindo e se deixando pelos corredores até eles parecerem mais nossos.

## **ANEXO C – A importância do ensino de Artes na escola, por alunos**

Respostas dadas por alunos quando perguntados sobre a importância do ensino de Artes na escola. Foram copiadas na íntegra e a escolha, já que eram muitas falas, não reflete necessariamente alguma concordância com os escritos, mas uma tentativa de evidenciar diferentes discursos.

“A arte deveria ter uma importância maior nas escolas e na vida, pois “libera” a imaginação das pessoas e a criatividade, dá mais cor ao mundo. Na minha opinião sem as artes o mundo seria monótono e sem vida, precisamos da arte como forma de expressar nossas ideias e sentimentos.”

“A arte está presente em nossa vida mais do que é imaginado. Com base nesses conhecimentos você passa a enxergar o mundo de maneira diferente e a pensar mais em como mudar algo, fazendo com que as pessoas reflitam sobre um determinado assunto a partir da arte.”

“A arte forma um cidadão culto e crítico. Em certos aspectos, o estudo da arte é tão ou mais importante que outros conteúdos. A arte proporciona que o cidadão conheça, opine, intervenha, tornando-o um cidadão profundo, não só supérfluo como as matérias “exatas”. “

“A arte desperta a curiosidade e o interesse do aluno, além de uma forma de ver e argumentar sobre contextos, tanto de época, tanto atuais. A arte pode ensinar história através do meio artístico, ao contrário de textos lidos nas escolas.”

“O ensino de artes nas escolas é muito importante porque as artes fazem parte do nosso dia-a-dia, e o ensino delas na escola, ajusta o senso crítico da mesma e expande a criatividade.”

“O ensino da arte é fundamental nas escolas porque nos apresenta um mundo completamente novo e diverso. Abre novos horizontes e desconstrói a seriedade da sala de aula, dando ao aluno liberdade de desenvolver ideias e expressar o que sente.”

“A arte é importante não só nas escolas como na vida, pois serve como forma de reflexão para assuntos importantes do cotidiano e também serve de crítica a algo que precisa mudar.”

“A arte é importante para fazer com que a pessoa seja independente em seus pensamentos e consiga se expressar de várias formas sobre qualquer coisa, e também para não nos tornar ignorantes sem imaginação, limitados por uma única visão da realidade.”

“A arte além de uma forma de comunicação é uma forma de expressão que ajuda os alunos e até mesmo os professores expressarem o que está relacionado ao cotidiano. A arte nos ajuda a levantar questões que geralmente não são discutidas, como por exemplo no trabalho de intervenção. Podemos perceber como cada um



pensa, podemos fazer com que as pessoas parem e pensem o que é arte e pra que ela serve.”

“Certamente é algo completamente importante para os seres que estão sendo educados, além de despertar incríveis manejos artísticos, a arte consegue fazer com que tenhamos uma visão crítica das coisas que vemos e vivemos em conjunto em nossa sociedade. E isso não é algo que se deva fazer pouco caso.”

“A arte é importante na vida, pois a arte é uma forma de imaginação, e com o ensino aprofundado da arte, pode ser aprender técnicas para expandir essa imaginação. Além de assim conseguir expandir os horizontes.

“A arte é importante. Através da arte uma pessoa pode se expressar, pode expressar o que sente e mostrar para as pessoas ao seu redor. Além disso, arte é relativo, tudo é arte. E arte pode ser qualquer coisa, tornando-a ainda mais importante.”

“A arte tem importância fundamental na escola para poder ser um contra-ponto das outras matérias. Assim como a educação nos dá a liberdade física e espacial, artes nos dá a liberdade mental para podermos experimentar coisas novas, utilizar mais a imaginação, poder expressar opiniões e ideias, é ela que nos modifica e ajuda para buscarmos isso.”

“A arte tem grande importância no ensino pois ela ajuda na criatividade, com ela temos uma visão reflexiva, o que é muito importante para os alunos, porque eles podem tentar mudar o que tem de errado no mundo. E através da arte podemos expressar nossos sentimentos, hoje em dia, há muitos adolescentes entrando em depressão.”

“Além da importância da arte como ferramenta de estudo da história, tendo em vista a pesquisa a partir de registros artísticos, a Arte é uma forma de estimular a criatividade no sentido de produção, quanto no de capacidade de reflexão, ação esta tão desestimulada pelo sistema no qual estamos inseridos.”

“A arte e a criatividade são raízes de todas as coisas. O cientista é criativo, o engenheiro é criativo. Em um tempo onde tudo é original mas nada é original, o estímulo à criatividade é vital para a evolução das nossas tecnologias, dos nossos valores, dos nossos estilos de vida.”

“No século XXI, as pessoas tem tanto acesso à informação que, agora o “diferencial” é a criatividade. E as artes incentivam e usam esse nosso lado artístico.”

“A arte desenvolve principalmente o senso crítico e a criatividade, portanto quando não executamos essas características, nos tornamos pessoas que somente reproduzem e não produzimos.”

“As artes são importantes pois exercitam a imaginação e o pensamento crítico sobre as coisas e situações cotidianas.”

“O ensino das artes gera um processo intuitivo e criativo nos alunos, além de causar interesse pela cultura. É também um alívio a pressão de outras matérias, uma maneira de acalmar as mentes.”

“É através da arte que o ser humano consegue se expressar e ativar o senso crítico de maneira mais poética.”

“A arte estimula a não sermos frios em relação a vida, ela nos faz pensar e a usar a criatividade para fazer críticas que ajudem a sociedade. Eu considero Artes tão importante quanto Matemática, pois eu levarei ambas até para os meus netos.”

“Artes é uma matéria tão importante quanto qualquer outra ciência, pois com a mesma, os alunos entendem que “arte” não é apenas as obras que se encontram em museus e sim tudo aquilo que possui um propósito, intenção. O pensamento ignorante sobre a matéria é aos poucos desconstruído.”

“A arte é importante, pois estimula as pessoas a pensarem de forma criativa e inteligente, sabendo fazer críticas de forma coerente e espalhar sua mensagem.”

“A arte é importante nas escolas para que o indivíduo desde novo venha a entender que é possível sim reivindicar, criticar ou opinar de forma bonita, amena, mas que ainda cause forte impacto no ser humano.”

“Através da arte podemos desvendar os problemas da sociedade atual, é uma forma de se ativar o senso crítico de maneira mais poética e abrangente, pois integra várias linguagens, áreas e meios. Artes nos permite ser criativos, e nos faz ter um olhar diferente das coisas.”

“Artes na escola é um ponto de paz, estamos sempre cercados de matérias exaustivas, mas com artes é diferente, é impressionante o quanto ela nos faz pensar sobre próprios sentimentos e coisas que usamos para o mundo além da escola.”

“O ensino de artes é de extrema importância uma vez que esta é capaz de transformar a realidade, provocar as mais variadas sensações e reflexões, e fazer também com que o indivíduo desenvolva um olhar crítico e a independência do pensamento, estimulando a imaginação e abrindo portas a um novo tipo de conceito.”

“A arte permite que ampliemos nossos pensamentos, que enxerguemos além do que estamos vendo. Precisamos dela para tudo, até mesmo na área profissional, onde a criatividade e a imaginação são grandes diferenciais e é importante entendermos isso desde cedo, na escola.”

“O ensino de Artes no ambiente escolar é de extrema importância para o desenvolvimento intelectual do aluno, e também é de grande importância na formação de um cidadão crítico e apto a debater uma série de questões sociais. E através do contato com as Artes, que o indivíduo consegue desenvolver habilidades que serão extremamente úteis para o seu futuro.”

**ANEXO D – Conteúdo Programático de Artes Visuais do 1º ano do Ensino Médio do Colégio Pedro II (ano 2017)**

**FIO CONDUTOR: A contemporaneidade**

**Conteúdos:**

1) CONCEITOS QUE NORTEIAM A ARTE DE TRADIÇÃO, MODERNA E CONTEMPORÂNEA.

2) RAÍZES DA ARTE CONTEMPORÂNEA

3) ARTE CONTEMPORÂNEA BRASILEIRA E LATINO AMERICANA

4) POÉTICAS CONTEMPORÂNEAS

- a) O artista como propositor;
- b) Os papéis do espectador;
- c) Espacialização;
- d) Temporalidades;
- e) Materialidade e Imaterialidade.

**Objetivos:**

- Reconhecer as características da Arte Tradicional, Moderna e Contemporânea e as concepções que as regem;
- Identificar as origens da arte na contemporaneidade;
- Conhecer a arte contemporânea brasileira e sua relação com a arte latino americana;
- Reconhecer as poéticas contemporâneas nas proposições artísticas e as formulações que as constituem;
- Produzir / Expressar plasticamente composições sobre os temas abordados no conteúdo.

**Pontos Nodais:**

- 1) Diferenciação entre os conceitos que norteiam a Arte da Tradição, Moderna e Contemporânea;

## 2) Reconhecimento de Referências:

- Duchamp e os *ready-made*;
- A Pop Art e a cultura de massa;

## 3) Identificação e reflexão sobre experiências com as poéticas contemporâneas:

- O artista como propositor;
- Os papéis do espectador;
- Espacialização;
- Temporalidades;
- Materialidade e Imaterialidade.

## OBJETIVOS GERAIS DE ARTES VISUAIS

- Compreender a Arte como uma forma de conhecimento de interpretação e de construção de realidade em suas diversas naturezas;
- Conhecer o legado imagético universal em suas diferentes formas de interpretação da concepção de estar no mundo, e de suas diversas abordagens;
- Decodificar e interpretar as imagens artísticas e inartísticas;
- Expressar-se visualmente através dos elementos constitutivos;
- Ampliar o repertório visual/imagético dos alunos por meio de apresentação de imagens e contato com livros de arte.

**ANEXO E** – Texto lido na defesa (6 de março de 2018)

Optei por escrever um texto para essa defesa que pudesse ser acompanhado pelas mãos das imagens de trabalhos dos alunos e alunas que inspiraram o mergulho desta pesquisa. O gesto mínimo para que estejamos mais uma vez hoje, cada um, dentro do seu possível, com sua voz. Os próximos vinte minutos brindarão com o último fôlego dessa nossa caminhada inventada. Então insisto que não figure jamais como um monólogo: estaremos conversando. Pois nos trouxemos até aqui.

Agora apresso-me em começar pelo recente encontro da noite de sábado passado. Era apenas um dia parecido a algo parado, cor de sorvete de flocos. Contudo, de um preguiçoso bocejo ao outro, em clima de verão úmido e insetoso, por conseguir resistir ao sono veio ver-me antes Dom Casmurro. “Foi então que os bustos pintados nas paredes entraram a falar-me e a dizer-me que, uma vez que eles não alcançavam reconstituir-me os tempos idos, pegasse da pena e contasse alguns. Talvez a narração me desse a ilusão, e as sombras viessem perpassar ligeiras, como ao poeta, não o do trem, mas o do Fausto: Aí vindes outra vez, inquietas sombras...? Fiquei tão alegre com esta ideia, que ainda agora me treme a pena na mão. Sim, Nero, Augusto, Massinissa, e tu, grande César, que me incitas a fazer os meus comentários, agradeço-vos o conselho, e vou deitar ao papel as reminiscências que me vierem vindo. Deste modo, viverei o que vivi, e assentarei a mão para alguma obra de maior tomo.” Disto acometeu-me um momento-espírito com o grande Machado. Sigo. Comecei o trajeto agora apresentado ainda incerta do que procurava, havia um desejo de estudar e aprofundar investigações acerca de impulsos redinamizadores dos sentidos da educação para mim. Alguns cansaços e desmotivações já me assombravam embora os poucos anos de magistério: um intenso período de trabalho árduo (em redes municipais, na estadual fluminense e num grupo de ensino privado, período durante o qual, atuei em todos os anos escolares). Em 2014, chegara exausta ao Colégio Pedro II, com muitos hábitos nada animadores adquiridos em combates e algumas sobras carregadas feito papéis de bala nas quinas da bolsa, daqueles que podem morar ali por longos anos. O novo trabalho desafiava certa esperança sobre percepções e durações. Nada andou sem demorar. Talvez porque seja afeita a lentidões. A ponto de não considerar madurar ou certos dulçores a curto prazo. Até que achei a hora de me desfazer dos espinhos. Seus espaços deixados abertos acenaram para alguma auto-reconstrução; dali

podia recriar-me como professora. Neste momento entendi que apesar das marés oscilantes, precisava me debruçar em análises sobre minha prática docente e sobre ancoradouros-escolas, no caso, mais especificamente meu Pedro II. Parti acreditando na defesa de um projeto educacional contemporâneo sobre um esboço de ensino/aprendizagem de Artes Visuais no Ensino Médio alicerçado nas produções de poéticas inventoras para as próprias vidas na paisagem escolar. Parti convicta de que havia uma pesquisa a ser construída, que contudo, se envolveria em vias fluidas, sem resultados ou fins objetivos, que pela sinceridade e seriedade empregadas podia dar-se a diálogos. As inconclusões vindouras não traziam medo mas respeito. Restava o comprometimento firmado nas trocas com tantos outros professores como eu, partidários das escolas vivas. Certamente, muito embora não tenha nascido de uma tentativa de montagem de alguma metodologia, este estudo vagou ainda sem cara definida até deparar-se com a ideia de ecoar narrativas. Flerte que redimensionou o trabalho como um conjunto de relatos para re-historiar as coisas vividas. Registros mais ou menos ficcionais a descrever e repensar experiências no e do cotidiano petrosecundense. E então também ares biográficos que reivindicaram a volta de muitas lembranças que pudessem ajudar a iniciar o quebra-cabeças. Sem estabelecer grandes regras ou placas indicativas, tudo se imensou sem caber freios.

Há muitíssimo não recordava da infância na escola. Passou-me de atropelo certos dias atrás quando pude debruçar-me em escavações que por imprecisão caíram nesta espécie de canal subterrâneo. Como uma recapitulação ante a morte, em segundos giratórios conduzidos por desenhos animados mais ou menos respostas. Não meros assobios, mas percursos inteiros reencaixados – fatos criados também a fim de sossegos. Ensaios com algum sabor rosa chá, pitada de avelã. Aqueles longos meses e anos escolares que se assemelhavam a vida inteira e que fizeram em mim carinhos nunca esquecidos. Lembranças de experiências surgidas calmamente durante esse processo de entregar-me a perguntas. E sem intenções a priori, um ato de convocação da aluna que fui ao baile em que por ora danço para lembretes e restauros inescapáveis. Nenhuma sombra de modelo ou medida, mas quicá certa rehumanização. Como brotos-explicação ou súbitas palafitas de continuar. Foram inúmeras surpresas despertadas nessa onda de permitir desalinhos e imprevistos. Assim memórias chegadas como histórias renascidas. Sinais abertos e fechados. Multidireções em labirinto espiral. Passagens e

tatuagens. Rearranjos de cacos em composições originais traduzidas para uma nova língua autorizada.

Logo, um pacote premium: uma dissertação pelo peso de duas afluentes narrativas. Rio de correr e sem chegar. Trânsitos entre aluna e professora: contos de uma coletânea para existir. Mais: uma viagem ao centro querendo transbordar para florescimentos longe. Repito que o texto tenta escapar a ensimesmamentos ou vaidades, a primeira pessoa redundante na autoria que acredito relevante a pesquisas deste campo, essas que escolhem aproximações. Dou-me naquelas páginas com alguma vergonha e ingênua franqueza: é que pretendo conversar olho no olho, olhos possíveis. Porque não conheço amigades com sujeitos indeterminados, preciso lançar desde meu corpo tentativas de convivências redigidas sobre uma trama de retalhos. São fragmentos de uma coleção atualizada pelo exercício de recordação, reflexão e escrita: partilha de afetos resignificados. Contos a perseguir rotas que acenem a escola e sala de aula pensadas, problematizadas e praticadas na direção de formações justas para liberdade, equidade, solidariedade, paz e prazer. Linhas versadas sobre maneiras e tentativas de possibilitar, instigar e garantir a presença e a participação ativa e crítica de todos na invenção poética e cotidiana da escola. Em momento de inventariar narrativas de amores que mobilizem e refaçam uma escola necessária recorro a relatos bem-vindos do processo diário de uma história-vida apresentados nas pequeninas e recentes partes seguintes.

## Parte I - Passado

Ontem uma aluna sentou comigo depois da aula para conversar. Disse que estava precisando chorar um pouquinho. Não tinha conseguido contar a nenhum amigo sobre o acidente que o pai havia sofrido no dia anterior. E começou a falar sobre o hábito de escrever cartas para a mãe que morrera quando ainda era criança e de guardá-las em uma caixa. Lídia me perguntou porquê escrevemos. São tantos os motivos... Mas pensávamos em certas escritas que são feitas apenas para nos escutar. Desconfio que para expulsar algo e então improvisar digestões. Escrevemos porque extravasamos, calhando de não caber mais. E mesmo que mirando em confusos remetentes ou aparentes silêncios precisamos compartilhar. Escrevemos também para expelir sorrisos e soluções incontidos e se preciso



desaguar quando tantas enchentes internas. Escrevemos porque a solidão é mar navegável, mas nos conforta avistar um faroleiro. E na rendição às palavras existe algum gesto de procura pelo outro. De certa forma, isto instaurou as linguagens: códigos para estar mais perto. Gosto das perguntas adolescentes desprovidas da aparência arrogante de algumas questões adultas. Que despretensiosamente conduzem a universos e emocionam. Por que então escrever uma dissertação? Para uma continuidade da formação, para estudar e pesquisar determinados temas e conteúdos caros ao trabalho escolhido, para afirmar o caráter perene da aprendizagem ou ainda obter um título e melhor salário. Todavia não pouco, ainda parecia não haver motivos suficientes. Também escrevi, mesmo sem saber disso desde o princípio, porque minha caixa de guardados já estava muito cheia. Acho que ao partilhar, multiplica-se o espaço. Quis expandir-me aos cuspes atirados com toda a delicadeza que me abraçou. Sorte de exercícios de escuta para contágio e contato durante o curso deste trajeto. Isto levou-me a recobrar o prazer da escrita e o interesse por novos convívios. Alguma superação da preguiça negligente com elos gregários. A escrita pode ter algo de vastidão e liberdade. Eu também precisava chorar um pouquinho. E por isso essas páginas foram pedidos de relacionamentos. Das ligações que supus serem alcançáveis após o rompimento com um silêncio amedrontador. As histórias gostam de ser contadas pelo motivo de ganharem asas. Escrevemos para nos juntarmos em entrega.

## Parte II – Presente

Rebeca chegou à sala de artes sem o uniforme e sem o cabelo ruivo de que me lembrava, passados já quatro meses de sua desistência da escola. Em novembro havia me mandado uma mensagem, pedindo que eu enviasse seu caderno de artista, que ficara secando, através de um amigo; explicou-me que não voltaria ao Colégio. Fiquei por algum tempo insistindo em conversar para descobrir seus motivos, convicta de que poderia dissuadi-la de tal ideia. Nos conhecíamos pouco, ela começara a frequentar as aulas em agosto e tinha faltado muito – mas não pude conter minha sensação de fracasso. Fiz pequenos movimentos tentando não desrespeitá-la, mas seu discurso estava bastante preparado para duelos e distâncias. Implorei disfarçadamente para ficarmos frente a frente. Há uma semana quando nada mais esperava, ela fez contato - pediu para marcar um encontro na

escola. Chegou antes do horário combinado, com um leve sorriso desajeitado de quem não sabe exatamente o que esperar mas muito pronta para falar. Narrou alguns fatos da vida escolar sempre banhados por não, por rejeições, por crueldades dizendo: “eu não consigo me adaptar as escolas, já passei por sete. Não quero ser obrigada a nada. Se eu pudesse escolher o que fazer, continuaria. Eu gosto de aprender.” Um relato extenso, muito duro e complexo, que trouxe uma série de muitas questões pessoais. Um pedido claro de ajuda. E Rebeca carrega Rebecas consigo. Rebecas me provocam e encorajam a luta por outra educação e por escolas alternativas cotidianas. Não posso me acostumar. Não me convencem abstenções em práticas docentes. Precisamos assumir nossos erros, nossas deficiências e até os limites, para nos debruçar sobre eles e refundar o ensino básico. As vozes insatisfeitas ressoam pelos corredores, dentro e fora das instituições escolares, se ouvidas e debatidas, por certo poderão dar corpo a um projeto de educação colaborativa e solidária. Currículos praticados por cada um enquanto cultivam juntos a arte atenta do coletivo. Os intercâmbios devem viabilizar discussões sobre saberes e conhecimentos ditados por uma racionalidade dominante, por convenções hierárquicas e por heranças unilaterais recusando suas violências. Talvez as escolas não sejam mesmo os melhores lugares no mundo, mas podem ser abrigos em campos saudáveis e devem assumir a co-responsabilidade por um senso combativo para o fortalecimento de formações regidas por amores e pela imaginação criadora empenhados em uma sociedade mais justa.

### Parte III – Futuro

Ontem tivemos a última aula do ano letivo de 2017, uma reunião meio atrapalhada e excitada para entrega dos resultados numéricos finais, derradeiras e rápidas avaliações do curso e muitos abraços de despedidas. Dias assim me fazem sentir meio órfã. Nos damos conta que nossos encontros serão mais ligeiros, que nos perderemos um pouco. Vago meio desamparada até novamente ser adotada no próximo ciclo. Dias assim os fazem sentir meio órfãos. Nos damos conta que eles não terão mais aulas de Artes Visuais no 2º e no 3º anos do Ensino Médio. Por que isso, professora? Como responder aquilo que se sabe, mas que não tem nenhum motivo razoável para ser de tal modo? Alguns estudantes descrevem as aulas de

artes como alívio, algumas alunas como momentos para relaxar, muitas apreciam os debates críticos e o exercício das produções criadoras. Mencionam as possibilidades de experiências com materiais diversos, temas desejados e tempos específicos. Mesmo os menos empolgados ressentem-se de não ter mais uma disciplina que consideram fácil em sua grade, e essa sensação não me soa menor do que as outras saudades, nem menos legítima. Ainda perguntam: por que você não pede para mudar e continuarmos tendo aulas ou troca com outra disciplina? Acho que meus dias na escola são desenhos de pedidos de transformações. Aplico minhas forças e dedico meus modos de fazer aulas ao ensino aprendizagem de artes visuais transpassadas por tudo aquilo que se move e respira pelos ares da escola e do mundo. É meu prazer trabalhar com uma disciplina que pode e deve expandir-se em muitas faces, pois que a fundamento na experimentação, na invenção e recriação de sentidos, na comunhão das diferenças dadas através de práticas reflexivas e sentimentais para uma arquitetura de auto-poéticas. Ali somos autores de nossas histórias e nos permitimos afrouxar os parafusos enferrujados das verdades inertes reivindicando construções diárias do nosso conteúdo a partir da redefinição de conceitos. As dúvidas são saboreadas por olhares que se tornam generosos diante da magia de germinar interpretações desobedientes. Prossigo com os estudantes por auscultarmos juntos relatos culturais plurais pelas vias da curiosidade e do respeito porque são as bases para elaboração das escolhas e percursos das próprias vidas. Se não tem Artes Visuais nos outros anos escolares é porque a disciplina ameaça um sistema colapsado de repetições e reproduções mecânicas esvaziadas através de seu temperamento para experiências de liberdades. Por isso vamos justificando nossas resistências ativando o colégio colorido por sonhos, afagos e discordâncias.

Por enquanto, ponto... em parte minhas considerações finais!

Acordei esta manhã antes mesmo dos primeiros raios acharem o chão cinza de olor goiaba da vila onde moro. Enquanto ainda embebedada em flashes do sonho que tivera - um abraço expurgo molhado -, uma orquestra de aves se apresentava. Me parece que tocavam alguma peça impressionista. Então pude pela última vez juntar meus pedacinhos para escrever-lhes com propósito do aceno final: ser ilha não basta. O fresco vento e a luz do sol como tenho notado, ampliam em

arquipélagos. Carinhos para mutualidade entre naturezas então saudáveis e intensas. Esse esticar de mãos foi convite simples para visitas de possíveis amigos futuros. Aqui o trajeto foi percorrido com extrema transparência e seu caráter sinuoso se deve justamente ao desenvolvimento de uma pesquisa viva, que foi impondo curvas, quebra-molas e acelerações entre alamedas e solos rachados. A problematização da escola brasileira contemporânea foi cenário para a observação e investigação da minha prática docente com jovens, no ensino formal de Artes Visuais do Colégio Pedro II. O cotidiano escolar narrado sobre os trilhos da memória das experiências vividas e das experiências pensadas no presente. A atmosfera da escolha de caminho acabou conduzindo a relatos pessoais da minha história de amor com o Colégio. Hoje, posso ver com um pouco mais de clareza, que para mim, ser professora tem a ver com um estar junto extremamente potente, se aventurar junto na invenção da vida para existências revolucionárias. A escola realmente necessária é aquela que exalta as emoções, que abre espaço no domínio da razão e esgarçando seus ramos, conclama o viver coletivo combativo e criativo, capaz de travar lutas em nome do amor. Assumo uma prática docente a fim de afetos. A educação pública é minha terra, nela semeio minhas utopias cotidianas e ensaio projetos de cidadania. Estou aberta, no que dou-me a conhecimentos. Vivo o jogo do aprender e desaprender que não cessa, no qual as regras estão em permanente movimento. Como num mosaico monto com pequenos fragmentos-história o tecido da minha própria memória, estrada de seguir – negando fronteiras insolúveis, costuro tempos individuais e coletivos em imaginações – num texto que se revela como gesto político e terreno para encontros e reencontros emocionados. Somos processos, narrativas e em descontinuidades acionados pelos movimentos, nos fazemos pedacinhos em direção a composições complexas de subsistir. Tempos humanos a coexistir incessantemente anti-esquecimentos. Há poucos dias li um pequeno texto datado do ano de 2012 de Valter Hugo Mãe sobre professores publicado em uma coluna da mídia portuguesa, no qual escreveu: “Um país que não se ocupa com a delicada tarefa de educar, não serve para nada. Está a suicidar-se. Odeia e odeia-se.” Não me espanto agora que eu tenha falado tanto sobre amores. Ainda que, consciente do leve absurdo de minha escolha, repito meu percurso todos os dias: pretendo um fazer escola miúdo, já abandonei a capa de heroína e a pretensão curativa, meu prazer é na guerrilha diária, cuja arma potente é o afeto:

delicada tarefa de viver junto inventando uma comunidade dos sentidos. Não esqueço que trago no peito uma fortaleza-futuro, cheiro e tato de hortelã-pimenta.